

Páginas Várias

ANTOLOGIA DA LITERATURA MUNDIAL



# PÁGINAS VÁRIAS

de

Mário Ferreira dos Santos <sup>v. 1 <</sup>

5.<sup>a</sup> edição



Livraria e Editôra LOGOS Ltda.

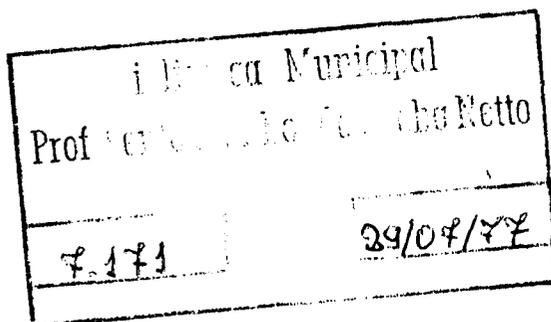
Praça da Sé n.º 47 - 1.º - Fones 33-3892 e 35-6080

SÃO PAULO

~~Escola Pública Municipal~~

~~11.655  
1969~~

1.ª edição — 1960  
2.ª edição — 1963  
3.ª edição — 1964  
4.ª edição — 1965  
5.ª edição — 1966



TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Este livro foi composto e impresso para a Livraria e Editora LOGOS Ltda., na Gráfica e Editora MINOX LTDA., à Av. Eng. Armando de Arruda Pereira, 665 (antiga Av. Conceição) — SÃO PAULO

## ÍNDICE

A Arte e a Realidade .....	11
Quando a Arte Luta Contra a Decadência .....	54
Pascal, o Homem das Humildes Transigências .....	61
Células Culturais do Regionalismo .....	70
Existência e Actualismo .....	74
Anthero de Quental .....	81
A Arte e a Vida .....	85
O Relógio .....	87
Os Nômades da Metrópole .....	89
O Símbolo do Amanhã .....	91
Via Láctea Subjetiva .....	94
Marcha Humana .....	97
Qual das duas Verdades? .....	99
Há lugar para uma nova Filosofia do Mundo? .....	102
Ode Hindu .....	105
As Três Humanidades .....	106
O Louco que Vendia Juízo .....	109
O Estratagema das Serpentes .....	112
Por uma Aproximação Humana .....	116
O Homem que Falava por Apólogos .....	120
Arte como Interpretação da Vida .....	123
A Verdade e o Símbolo .....	129
Mística .....	135
Guerra .....	137
Europa .....	140

E Amanhã .....	144
Cultura .....	148
Esfinge .....	153
Astúcia .....	155
Néo-Hilozoísmo .....	158
Felicidade .....	163
Confissões de um Homem que já Viveu .....	165
O Mágico de Oz .....	168
A Vida Imita o Cinema .....	171
Onde há um Gôsto de Profanação .....	174
Um Homem que se Vestiu de Humanidade .....	176
Não há Fórmulas Definitivas .....	180
Escutai em Silêncio .....	183
Poemas em Prosa .....	185
Credo de Dom Quixote .....	195
Intencionais .....	196
Apólogos .....	199
Os Eêcravos .....	201
Os Monstros Brancos .....	204
A Certeza, a Fé e a Dúvida .....	206
A Humanidade Feliz .....	209
As Abelhas .....	212
Que te falta, para seres Feliz? .....	214
Quatro Homens e o Sofrimento .....	217
Jean-Christophe e a Nova Consciência do Mundo .....	221
O Nada e a Imensidão .....	226
Certas Estranhas Subtilezas .....	229
O Pessimismo e a Morte .....	233
Pitágoras de Melo e o Fim do Mundo .....	236

## A ARTE E A REALIDADE

Mário Ferreira dos Santos (1)

**A aparência é o limite. Os que receiam os extremos, procuram a “linha reta”, e nem sempre os que buscam as lonjuras são os que clamam mais pelos extremos.**

— “A beleza tem alguma coisa para nos contar; por isso guardamos silêncio, e não pensamos o que em outra ocasião pensaríamos” (Nietzsche).

Ante a beleza, paramos; é como um esperar. Nosso silêncio é também nossa forma de admiração. Por isso nem sempre temos palavras para expressar o que sentimos, e o enleio, o embaraço, que de nós se apodera, é talvez o maior elogio que possamos fazer a alguém. Não mentimos quando dizemos que não sabemos o que dizer. A admiração tem

(1) Damos a seguir uma série de trabalhos dêste autor, onde os temas nietzcheanos são aproveitados. Note-se que o autor reivindica Nietzsche para o pensamento genuinamente cristão, apesar da oposição geral e até das declarações peremptórias daquele famoso poeta-filósofo alemão. Contudo, convém considerar que, hoje, na própria Igreja Católica, autores de reconhecida fidelidade defendem a mesma tese, que foi exposto, com antecedência, por Mário Ferreira dos Santos. Nietzsche era, na verdade, cristão e não o anti-Cristo que julgava ser. Seu erro partiu de um julgamento falso. Tendo, por deficiência de análise e de exame, construído uma visão contrária de Cristo, era fácil que a ela se opusesse. Não é, pois, de admirar, que em seus últimos dias, chorasse abraçado a um crucifixo que partira, pedindo-lhe angustiadamente perdão. (Nota dos Editôres)

dêsses estados de silêncio que nos avassalam, e a contemplação ante uma obra é como se esperássemos viesse dela alguma coisa mais. O assombro silencioso é todo o contemplar, e se alguém nos fala ao lado, sentimos como uma profanação, porque certas palavras profanam.

O olhar carregado, o sobrececho fechado são maneiras exteriores de admiração. Há mais; há uma expressão às vezes dolorosa, porque as grandes e profundas alegrias são silenciosas e marcadas pela dor.

— Podemos compreender a pintura sob dois ângulos: o estático e o dinâmico. Este último, musical, já é a dinâmica do espaço. Aí já está incluída a oposição, não irreconciliável, entre o apolíneo e o fáustico, por exemplo: as coisas, na dinâmica do espaço. Mas a transcendência estática de algo não é por isso refutada. Uma natureza morta pode ser puramente estática, pode até prescindir da dinâmica do tempo, da hora que passa, da luz que marca a hora do dia. Mas situa-se sempre num instante do tempo. Não há propriamente, em sentido absoluto, a estática numa obra que reflita algo vivo: uma natureza morta, ou pelo menos não viva. Nessa pode estar apenas o sentido puramente estático, como, por exemplo, nas colunas de um templo grego, prescindindo, aqui, naturalmente, da dinâmica que cerca nosso mundo da existência.

\* \* \*

— O impressionismo, na pintura, é um caminho que nos mostra, não as partes, mas o todo. É o conjunto, não de uma cena, de um rosto, mas o que transcende, o que fica além, um instante de uma pessoa, um momento, que busca eternizar-se. O que interessa não é a natureza do reproduzido, mas o que forma a significação, o segundo plano não físico puramente. Ninguém vê numa paisagem apenas ela, mas um instante que o artista capta ou sente, a impressão daquele instante. Aí o realismo não está no conjunto que segue continuamente no tempo, mas a realidade de um ins-

tante do tempo. Há, no impressionismo, uma realidade. É erro de muitos pensarem que a realidade é simplesmente a cópia de um todo, cujas partes são outros todos, que podem viver independentes, como sucedia na arte antiga. O todo é o todo-impressão, onde o pormenor não é visto. Ninguém vê algo em seus pormenores, mas vê algo, guarda uma impressão de algo. É isso que o impressionista compreende.

\* \* \*

— Na literatura dá-se o mesmo. Uma cópia fiel das partes não nos conta uma impressão, mas uma descrição de totalidades.

\* \* \*

— Enquanto alguns psicólogos permanecem manuseando palavras mortas, os artistas fazem psicologia. Comunicar uma alma a outra é o trabalho dos estetas. Nunca, como agora, numa época em que a escala de valores puramente utilitária predomina na sociedade, mais carecemos de artistas. A arte é um estímulo para a vida. Faltar-lhe-ia apenas esse caráter para dar-lhe um valor, que os utilitários bem poderiam incluir em sua capenga escala de valores.

\* \* \*

— Nós, no Ocidente, estamos ainda demasiadamente afastados das almas orientais. Inúteis têm sido tôdas as explicações puramente psicológicas. Mas quem poderá superar a explicação que sentimos em face dos poemas de Li-Tai-Pó? É algo que transcende as palavras. Há aí um quê que não se cataloga.

\* \* \*

— O próprio Nietzsche não dava um valor ôntico à sua "vontade de potência". Era uma expressão apenas estética para definir um indefinível.

\* \* \*

— O artista é uma abcissa da verticalidade para a horizontalidade. Nem sempre o artista guia um movimento. Já Nietzsche salientava que Dante era o impulso da Igreja Católica; Wagner, produto do movimento romântico. Isso não implica uma carência de valor. Aquêles artistas, que são o produto de uma corrente política ou social, não deixam de manter, dentro da direção que levam, o cunho de sua personalidade: é em saber conservar a personalidade na corrente que está o grande artista.

\* \* \*

— Victor Hugo, o Wagner da oratória; Wagner, o Victor Hugo da música?

— Todo o produzido implica uma produção: esta é a forma vital, dinâmica da existência. O produzido é simplesmente o estratificado. O nosso conhecimento é formado por essas estratificações, em seu movimento, em seu constante vir-a-ser.

\* \* \*

— Que se resolva o problema econômico do homem é uma necessidade. Não é justa a miséria, quando é possível resolvê-la dentro dos quadros clínicos ou econômicos. Mas impor que a arte, que pode servir a êsse trabalho humano, se limite exclusivamente ao papel da economia, ou da política, ou da sociologia apenas, é desconhecer a essência do fenômeno estético, e querer estancar o poder criativo do homem. Para a arte, nada mais desesperador que um mundo só, que uma direção só. A ditadura dessa direção seria o mesmo que darmos comida a um faminto, e tirarmos por outro lado o seu direito à fantasia, ao sonho, ao maravilhoso, ao criativo. Seria tornar os homens plantas, não homens.

\* \* \*

“A paisagem é um estado de alma”, exclama o romântico, provocando estremecimentos ao homem realista, que

vê aí apenas metáfora. Não é apenas uma metáfora, e por não ser tão pouco é que a exclamação do romântico indica muito mais.

Além de existir uma simbólica do tempo e do espaço através de tôdas as linhas, formas e direções, esta se coordena com a simbólica que lhe empresta o valor que o homem demasiadamente realista não capta, que a vê apenas como é, e não o que ela significa.

Estas palavras de Nietzsche já nos abrem caminho para algo mais: “Os juízos estéticos são resíduos de nossos juízos sôbre o falso e o nefasto, por exemplo, numa paisagem a riqueza de côres e gozos, de paz, de linhas firmes; tudo isto são sinais e símbolos de um homem que acreditávamos feliz outrora. Outras vêzes, a paragem comovedora: nós concebemos também a ternura como um estado do homem feliz. A paragem piedosa, a comarca santa, o lugar venerado, o antigo, o infantil, o feminino, o ativo, o que dorme”.

Nietzsche distinguia sinal de símbolo, tema tão importante de simbólica. E compreendia que a natureza tem uma linguagem; que as coisas falam numa eloquência, e em volumosas explosões que nossos estados simpatéticos podem captar, ouvir. E quantas sugestões nessa linguagem simbólica que aponta tão longinquamente, por planos e planos, até o místico, ao oculto, até penetrar no que fica além de todos os horizontes, a desafiar a nossa argúcia, a acidular as nossas esperanças.

E estamos sempre numa intuição estética com a natureza quando ouvimos essas vozes, quando deciframos êsses símbolos.

Mas o símbolo não é arbitrário. Só o sinal, pode ser arbitrário. O símbolo é já um indicar de algo do simbolizado, repete uma nota do simbolizado, nota real-física, ou real-metafísica. Não importa. O símbolo é a presença de

uma ausência, porque se não temos a presença actual do simbolizado, temos, ao menos, a presença actual de algo que o imita.

Eis que um artista, um Goethe, ante as margens do Reno, um Amiel, um Nietzsche, um Novalis, sentem o estado de alma de uma paisagem, porque a paisagem é símbolo.

Então, a que se reduzem os argumentos contra o som de um surdo? Ou contra as côres de um cego?

\* \* \*

Que mais valiosos conselhos do que êstes que Nietzsche oferece aos que desejam escrever. Para resolver tais dificuldades, a inteligência humana é suficiente para reunir argumentos e palavras que justifiquem qualquer atitude. Além disso, quando não se pode realizar desta, mas só daquela maneira, não custa criar uma nova orientação artística, que é precisamente "aquela maneira", e assim o artista cria a "sua" escola, e dá-lhe tanto valor quanto quiser.

E como não faltam os que estão na mesma situação, o elogio fácil satisfaz, justifica também.

Mas, deixemos Nietzsche falar.

"Guardai-vos de falar de dotes naturais, de talentos inatos! Poderíamos citar grandes homens em tôdas as esferas que foram mal dotados. Mas "adquiriram" a grandeza, tornaram-se "gênios" (assim os chamam), por qualidades que não queremos reconhecer que nos faltam a nós: todos êles tiveram esta robusta consciência de artistas que começam a aprender, a formar perfeitamente as partes, antes de arriscarem-se a formar um todo grandioso; gastaram muito tempo para tanto, porque lhes agradava mais a confecção perfeita do pormenor, do acessório, que o efeito de um conjunto deslumbrador. A receita, por exemplo, para chegar a ser um bom novelista é fácil de dar, mas a execução supõe qualidades que geralmente se perdem de vista quando se diz: "Não tenho bastante talento". Façamos mais de cem projetos de novelas, que não ultrapasse nenhuma mais de duas páginas, mas escritas com tal propriedade,

que não sobre nenhuma palavra, e ponhamos todos os dias, por escrito, anedotas, até chegar a aprender a forma mais plena, mais eficaz; sêde infatigáveis em recolher e pintar tipos e caracteres humanos; relatai sempre que possais, e escutai os relatos com ouvido atento para perceber o efeito de costumes; extraí para vosso uso, de cada ciência, aquilo que, bem exposto, é capaz de produzir efeitos artísticos; refleti, afinal, sôbre os motivos das ações humanas, não desdenheis nenhuma educação que possa instruir-vos sôbre êste ponto e colecionai todos êstes dados, noite e dia. Invertei nessas múltiplas experiências uns dez anos; e então o que produzirdes em vosso gabinete poderá sair à luz pública. Que é que faz a maioria? Não começa pela parte, mas pelo todo. Alguma vez, baterão o prego, despertarão a atenção, e desde então, como é natural, baterão cada vez mais na ferradura. Às vêzes, quando a inteligência e o caráter faltam para formar êste plano de vida artística, o destino e a necessidade são os que tomam a direção e conduzem a pouco e pouco o futuro mestre através de tôdas as exigências do seu ofício".

"É o gênio uma longa disciplina", "uma longa paciência", "um longo trabalho". Nietzsche sabia disso, porque sabia também quanto lhe custara o estudo, o emprêgo de suas melhores energias até conseguir aquêle domínio da palavra, aquela acuidade de espírito, que só um longo trabalho é capaz de aperfeiçoar. Mas é preciso mais; é preciso também talento. Mas só talento não é tudo. O gênio nada mais seria que um talento que trabalha, um talento que pacientemente busca a sua própria superação. O resto é brilho, luminosidade, mas passa apenas a ser grande pelas possibilidades não actualizadas. Não se argumente com exceções. Essas mesmas, se bem estudadas, nos mostrarão trabalho, paciência, esforço, disciplina. Lembremo-nos desse gênio precoce que foi Mozart, mas não nos esqueçamos da devoção aos seus estudos, da paciência e da disciplina que o guiou bem cedo...

\* \* \*

Nunca se esgotarão como tema de preocupações estéticas, os estudos sobre a "Einfühling" dos estetas alemães. Essa endopatia, essa frônese do espectador e do artista, e do artista consigo mesmo, é sempre criadora, estimuladora de emoções.

Não é sabendo que apreciamos uma obra de arte, é apreciando que sabemos.

"O poeta põe em jôgo o instinto do conhecimento, o músico deixa-o descansar. Podem realmente coexistir um ao lado do outro? Quando nos abandonamos à música, não há nenhuma palavra em nossa cabeça, o que é um grande alívio. Enquanto voltamos a ouvir palavras e a fazer raciocínios, isto é, tão logo que entendemos o texto, nossa sensação para a música nos rebaixou: então a relacionamos com os conceitos, a comparamos com os sentimentos, e submergimos numa compreensão simbólica... aquêle profundo e raro encanto que aquietava nossos pensamentos, aquela penumbra colorida, que dissipava a luz intelectual, passou. E quando deixamos outra vez de ouvir as palavras, volta o encanto, e é essa felizmente a regra".

Compreendia bem Nietzsche que a arte pertence, sobretudo à música, à afectividade. E, nesta, as palavras são desviadoras. Que são palavras senão sinais de generalidades? E que é a emoção estética senão algo que tem a máxima singularidade? As palavras podem ser meios quando não há outros. Podem servir, em suas combinações, para a formação de símbolos que expressem o inexpressável conceitualmente. Mas apenas aí. No caso da música, elas são supérfluas, porque os sons são suficientes para falar uma linguagem mais "páthica" e dar-nos a vivência da singularidade, essa Einfühling, que é a finalidade superior do bom artista.

A poesia é mentira, afirmam.

Nietzsche responde: "A crença de apoiar a arte de um trágico com razões científicas é uma estupidez: os poetas nunca têm razão nas coisas do conhecimento, porque como

artistas querem enganar, e como artistas não compreendem os esforços para alcançar a suprema veracidade. Se por acaso dizem alguma coisa verdadeira, a sua autoridade não é adequada a despertar a fé no que dizem, mas a desconfiança. Há também uma certa voluptuosidade em entreter o instinto cognoscitivo com piruetas nos ramos das árvores, e seríamos loucos se esperássemos um oráculo de um pássaro que apenas sabe cantar e gorgear".

Mas que tem que ver o poeta com a verdade? E depois o que seria verdade para o poeta?

Haveria que distinguir a poesia eumólpica, da poesia épica e da dramática. Na primeira, a verdade seria a sabedoria profunda, mística, a estética do simbolizado, um ímpeto epifânico através do símbolo; na segunda, o heróico é a verdade; mas que é o heróico senão símbolo? Seria a mística do símbolo, como, na dramática, a verdade do poeta é a mentira do símbolo enquanto tal, sua mística, que sugere com um gesto, um olhar, um sorriso, um leve acenar de ramos de árvore, que nos substituem os estados de alma. Que importa se o artista reveste o eidético de sua afectividade com roupagens falsas? A verdade não está no que se exterioriza, não está no que aparece, no que aponta. Está na possibilidade do simbolizado, vivido ou não. A vivência do poeta é a sua verdade, mas apenas enquanto vivência. Ele sofre a possibilidade de sofrer, ele ama a possibilidade de amar, ele desespera-se na possibilidade de desesperar, ele crê na possibilidade de crer.

O poeta mente, mas cria. Deus cria com a verdade, mas o poeta cria com a mentira, e é nesses momentos que os dois se encontram nos caminhos do acontecer, análogos e grandes.

\* \* \*

É preciso ter fé, na poesia, mas é preciso denunciar também, porque a arte é denúncia. E poesia seria essa denúncia num tom mais alto de voz.

“Pensais acaso que sejam estas palavras, estas linhas verticais, estas curvas, êstes ângulos, êstes pontos? Não! Não são estas as palavras; as palavras substanciais estão na terra e no mar, estão em vós mesmos”. Estas frases de Whitman são mais que uma profissão de fé. A poesia precisa escutar as palavras que vêm da terra, porque as que vêm de nós mesmos nem sempre vêm da terra.

Tôda a civilização nada mais foi que um desenraizamento. Uma marcha apressada para a catástrofe. A civilização é a “mise-en-scène” da catástrofe.

Quando Nietzsche clamava: “O que admitamos muito deve ser verdade!”, Whitman como um eco, dizia para os longos caminhos do Mississipi: “Tudo o que satisfaz a alma é verdade!”

É aí que está a busca da poesia. É aí que a poesia encontra uma das suas verdades.

\* \* \*

Aquêles que dizem que a poesia é a beleza, nada dizem, nem sobre a poesia nem sobre a beleza.

“Qual o estado em que chamamos bela uma coisa? perguntava Nietzsche. E respondia: “Talvez aquêles em que recordamos o que nos fez felizes”.

A poesia não é, assim, a felicidade da arte? E a essência desta era Nietzsche quem a definia: “uma função prejudicial sem produzir prejuízo. O mais agradável dos paradoxos!”

\* \* \*

Nicolai, pobre e desconhecido Nicolai, é um poeta do amanhã. “Elogio à vida” é um cântico alciónico. “A voz que o post-guerra esperava...” definiu Romain Rolland. Gonzalez foi além... “o poeta da futura redenção humana”.

Felicidade é superação. E felicidade para os poetas é ajudar a transmitir o mundo. É poesia que não nega, é a

poesia que afirma. Nicolai canta, na vida de hoje, os rapsodos que ainda permanecem, as lendas que se ocultam atrás dos artificialismos das luzes jorradas dos globos láteos, e na mecânica das engrenagens, êle vai escutar a voz dos impulsos que vêm das profundidades telúricas. Há um cósmico que perdura pela obra, porque, vontade, ali, é vida e compreensão, saúde desbordante de juventude. Encerra a embriaguez dêsse “excedente de vinho”, que é a alegria que vem da terra do homem. Há atavismos que afirmam o pindárico, há serenidades franciscanas e bucolismos virgilianos. Sucede a Whitman sem imitá-lo. Há analogias com o ritmo suave de um Claudel ou o otimismo sincero de um Verhaeren, o dia que passa é o interlúdio entre o passado e o presente. É, assim, um afirmativo do amanhã, porque não nega o passado, e afirma o tempo.

Traduzir Nicolai? Como traduzir a harmonia de um verso como êste:

“Beata, beata, beata, chi veglia alla culla e trastulla ad un péndulo lungo di penduli rami, la nanna chi ninna la lâmpada tenue del somno accesa a fiamma di cuore”.

Onde está a poesia? “A poesia está na atmosfera do poema...”, responde Verhaeren, e Whitman repete, e os repete Paul Fort.

Mas o poeta de amanhã quer mais, e por querer isso, quer a vida à luz meridiana, aquela que não se esconde sob os disfarçados gestos e as atitudes esquivas dos caluniadores, aquela que brota nas primaveras como um cântico; que é uma bênção e não um anátema; que busca na terra a palavra da vida; que foge dos decadentistas que envilecem os sentimentos dos lânguidos cantores dos romantismos dolorosos, que olham a vida com vergonha da realidade, dos clandestinos das penumbras, que escondem nas sombras seus sentimentos e seus anseios. Jorros de luz clara, de sol, de muito sol.

\* \* \*

Então a poesia será um estimulante, e as metáforas sobrevirão espontâneas como balbuciadas por uma voz misteriosa, que só os ouvidos do poeta saberão escutar. E a canção será uma escola, porque o homem esquecido virá do fundo das almas com mancheias de palavras novas.

E a verdade será o momento. Mas esse momento que conhece a eternidade. "Porque o que admiramos muito deve ser verdade..."

Não é isso uma justificação?

E não é o poeta também um descobridor de verdades? ...

\* \* \*

Após a guerra de quatorze, apareceu uma chusma de escolas delirantes, sobretudo poéticas. Um desperdício de ritmos, de estilos insinceros. Houve, aí, pelo menos, a proclamação colectiva de que a cultura havia morrido nos campos de batalha, e o que ficava nas cidades eram os despojos dessa cultura que a juventude amadurecida nas trincheiras procurava destruir de vez, para, sobre seus escombros, erguer a nova cultura que todos ansiavam, que todos sentiam próxima, mas que poucos definiam em suas linhas gerais, em suas tendências, em suas direções. Mas tudo não passava de uma confissão da decepção coletiva.

A inteligência é sempre a primeira a manifestar, desde logo, a presciência intuicional dos fatalismos humanos. E mais que nenhuma parte da sociedade, a mocidade, por ter a vida voltada para os amanhã, conhece essa sensação, esse desejo de mais essa vontade de potência, humaníssima e cósmica, que a arrasta a perscrutar o vindouro numa ânsia criativa que, muitas vezes, não exclui a insinceridade, a falsificação, compreensível e natural aos momentos de confusão coletiva.

As escolas modernistas foram isso: um grito de rebeldia na arte, e uma busca do futuro, uma precipitação de antever o que, em seu destino, o homem, através da evolução, poderia criar.

Mas a guerra de quatorze fôra apenas uma batalha. Não se havia, ali, como se pensara, resolvido os problemas principais nem estabelecido para o mundo uma diretriz de pacificação para um século, como os apóstolos da paz, sinceros ou não, pregaram para o mundo.

A segunda grande batalha se travou nos campos do mundo inteiro, e dessa batalha não nasceu a convicção do término definitivo de uma cultura, que já deu a totalidade de seus frutos?

Despontaria de vez o novo homem que os precursores humanos tantas vezes pregaram.

Se o mundo conheceu, após quatorze, um surto delirante, alucinado, avassalador, de escolas literárias, desta vez, após a grande batalha decisiva, se deu um fenómeno, em parte diferente. Não se reproduziu o movimento que se observara depois de dezoito. Desta vez foi mais insincero, porque os que se ergueram para pregar a reprodução daqueles estilos falsificados, não o fizeram com a semiconvicção que existira nos outros. Foram mais falsos, porque mais mediocres, e só depois das próximas grandes batalhas, os homens realizarão suas verdadeiras obras, humanas, sinceras, leais, mas produtos das individualidades, das experiências, das elocubrações, das ânsias naturais de cada um, e não mais aquêles movimentos coletivos, falsos, hipócritas, mediocres, que deixaram, após si, uma lembrança ridícula ou o remorso dos seus sacerdotes que as repudiaram.

A próxima cultura se realizará, na arte, em silêncio, mansamente, mas afirmativa, mas categórica, mas construtiva.

\* \* \*

A consciência também tem suas escalas. Poderíamos dizer: a "escala cromática da consciência".

Há todo um jôgo de tonalidades, penumbras em muitas obras de arte, como Verlaine, Laforgue, e em alguns moder-

nistas; intenções travestidas de obscuridade. O homem coloca-se entre a vida e a morte. Os impulsos de morte são instintos em todos os seres vivos. Mas o único ser vivo que tem não só consciência, mas um "saber da morte", é o homem. Daí o "pathos" da sua arte. Os animais vivem e o homem espera. Para os primeiros é o momento que passa, para o segundo é o amanhã. Quando o primeiro homem fez a primeira reserva de alimentos ou armas, foi quando compreendeu o futuro, quando perscrutou, quando interpretou. A consciência da morte foi uma condicionante da inteligência.

\* \* \*

As obras humanas são mortais, mas o "humano" é imortal. A arte pode parecer mortal, quando olhada como manifestação de uma época, de uma cultura, de uma civilização. Mas é a forma que morre com a civilização: não morre, porém, o "humano" da obra. Podemos situar tão somente o valor imortal de certas obras, na época em que elas foram a expressão do momento. Mas há nas grandes obras humanas, algo que é imortal com o homem, que só morrerá com o homem. Enquanto houver homens, haverá sempre quem sinta um retrato de Rembrandt, como quem vibre a um compasso de Mozart, assim como sentimos a expressão de um desenho singelo do homem das cavernas gravado na rocha dura. Assim discordamos de Spengler. O eternamente atual só morrerá com o último homem...

\* \* \*

A poesia não é só o som, o leve ruído de uma folha que cai, de um canto de pássaro, a alternância dum pingo d'água.

Há o ritmo exterior, o ritmo da matéria, e o ritmo interior, o ritmo fáustico dos introvertidos. O poeta é um introvertido que se extravasa do lirismo de si mesmo.

\* \* \*

A rima pode ser como a tonalidade constante, como uma suspensão de ritmo ou como a repetição como base de um prazer. Ou mesmo como a prolongação de um som que ecoa para a lonjura, na ânsia de sugerir...

É como um vácuo que se forma. Como uma pausa que retorna. Mas a vida não se repete pela regularidade. Dinamiza-se na dissolução dos ritmos universais. A vida é interpretada além da sensação para passar à sensibilidade emotiva.

\* \* \*

O universalismo dos ritmos vários é uma interpretação fáustica do homem. A poética greco-romana não poderia senti-la; é que o homem apolíneo vivia à luz do sol. Era o ritmo claro da regularidade, ritmo inspirado nos ângulos quase retos dos "templa" romanos ou dos acampamentos de soldados, das linhas rígidas do horizonte que os olhos abrangiam. Era a poética do meio-dia.

A alma fáustica nasceu na penumbra das noites escuras e dos dias de sol amortecido; da luz mortífera dos candelabros, das sombras que tomavam forma, como nas águas fortes de Rembrandt, das noites escuras da música, onde de vez em quando há o relampaguear de um som mais claro.

A luz do sol formou no homem grego a alma poética das formas limitadas, porque a luz limita os contornos. No anoitecer fáustico, penumbroso, o mistério das sombras cria as ânsias da lonjura e o ritmo que vai além das quatro paredes internas. Que parte em busca do mistério... porque a penumbra misterializa as coisas. Falta a forma geométrica. Concebe-se na penumbra a matemática não euclidiana.

Riemann e Lobachewski nascem, um na penumbra nórdica e, outro, no anoitecer eslavo.

Um grego não poderia imaginá-la. É a medida das formas sem medida, é a mensuralidade do ilimitado, é o ritmo do mais além... é a poética da noite...

**Podem os vermes que rastejam no chão não perguntar o porquê das estrelas, mas nós perguntamos.**

**Podem eles não compreender os vôos das águias, que vão de cume a cume, mas nós podemos.**

**Podem não querer saber o que fica além de tôdas as coisas, sem vislumbrar, de leve que seja, o que transcende tôdas as coisas, mas nós o queremos.**

Propor idéias, sim; não transformá-las em imperativos categóricos. O cristianismo primitivo propunha; posteriormente, impôs quando se sentiu socialmente forte, como sempre sucede na história.

Recebemos tôdas as propostas em arte, mas resistamos àquelas que desejam impor imperativos categóricos. Que ao menos o homem conquiste, no campo da arte, o uso e gozo de uma liberdade, que socialmente lhe restringem os interesses criados. Na arte, a liberdade nada deve sofrer pelo interesse humano, e não é justo que, fundamentados num interesse transeunte, tracemos destinos para a intuição e para a fantasia. Seria o mesmo que quereremos dirigir os nossos sonhos.

O homem religioso considera imperfeito este mundo para nós. E que, portanto, deve existir um mundo-verdade, onde as imperfeições deste não existirão. O nihilista caracteriza-se sob outro aspecto: a) que o mundo que existe não

deveria existir; b) que o mundo que deveria existir não existe.

Esse é o aspecto do nihilista negativista, pessimista. Há outra espécie: a dos construtivos. São os que afirmam que o mundo, que deveria existir, poderá ser construído.

Nesse caso, há lugar para os artistas. Eles procuram criar um mundo como eles desejavam que existisse. Em suas alucinações, há afirmativas de desejos irrealizados. Há retas novas, e o artista é sempre um completador, um renovador, um modificador, um mistificador, um intérprete.

Um olhar objetivo para a vida é, muitas vezes, uma demonstração de fraqueza, de pobreza de vontade. A arte deve ser olhada como embriaguez, como superação. Por meio dela, o homem tem ultrapassado seus limites. O artista é um símbolo, fixa ânsias, desejos, é um demiurgo de realidades...

Cometem um gravíssimo erro aqueles que julgam que basta o virtuosismo da arte. Um "virtuose", para criar, necessita de cultura. Os artistas que combatem a cultura apresentam apenas simples ensaios, meras experiências. Não se pode nunca conceber um demiurgo ignorante. O ato de criação é também um ato de inteligência, de concatenção, de amplo domínio.

\* \* \*

"Devemos modificar nossa opinião sobre o gênio. Eu não sei porque os homens produtivos não se conduzem tranqüilamente e sem pretensões (Moltke), ou melhor: é contrário a toda fecundidade lançar sua pessoa no tumulto das opiniões e sentir-se cheio de cobiças que inquietam e impacientam e tiram à produtividade seu caráter sagrado. Em cada compasso, vejo os defeitos que tem o músico: sua pretensão de significar mais que os outros, seu afastamento das regras, sua acentuação do que o faz melhor que os outros; tôdas as pequenezes são produtivas quando o gênio

do absurdo se agita nêle. Como contrário, homens como Moltke" (Nietzsche).

Quando o artista, ao produzir, se autocritica, êle se suicida. E se suicida, se tem sempre presente a preocupação de ser diferente, quando seria sempre diferente se deixasse que sua obra fôsse sempre fiel a si mesmo. Se nada tem, no entanto, a dizer, que se cale.

\* \* \*

Há no fáustico um desejo de transcendência, quase de negação ao existente, o desejo de um além do homem, um libertar-se dos "terrenos", a transfiguração das manifestações religiosas. No dionisíaco, na verdade, não há êsse desejo sòmente de superação; há, também, o de ser o todo, o de não se afastar da terra; ao contrário, de aprofundar nela suas raízes e estirar os braços. No fáustico, há ainda um excesso de centralização consciente, de domínio egoista, quando no dionisíaco há um desejo de extravasão, de imersão do eu individual no eu cósmico, além do homem e da sociedade.

\* \* \*

O incompleto na arte é uma necessidade. Nunca o transcendente poder-se-ia expressar por uma completção, por um limite.

\* \* \*

O impressionismo é já uma negação do espaço euclidiano; é uma linguagem mais musical do que plástica. Aproxima-se da concepção da física moderna, que vê no mundo as resistências luminosas que o artista devolve através de sua realização. O impressionismo exige o movimento, já é uma tentativa multidimensional. É o movimento mais empolgante, sem dúvida, da arte moderna, e não é apenas uma perspectiva da arte, mas também da ciência; é uma nova

perspectiva humana, que no ocidente, se vem processando há séculos e que ainda não deu a totalidade de seus frutos.

O impressionismo tenta eternizar o instante. É precisamente, em sua linguagem, a expressão do instante, que passa, do devir. Estabelecer-lhe regras seria negá-lo, porque é um eterno buscar-se, uma longa e eterna caminhada, símbolo mais humano e bem ocidental do eterno procurar, do eterno investigar. Não é o desejo preciso de encontrar a solução definitiva e estática, mas de descobrir novas respostas que nos satisfaçam por momentos, porque, conscientes ou não, sempre tememos uma satisfação que se eternize, porque, ao eternizar-se, tôda a satisfação insatisfaz, e define-a. Esta a razão por que não é uma escola, mas uma tendência, uma das mais perfeitas compreensões do homem para com o destino. É um compreender o efêmero e por isso mesmo busca eternizar o instante. É compreender a lógica da natureza, da existência, lógica impressionista, cuja principal finalidade é achar a verdade da beleza. Não é encontrar um "em si", nem apenas um "em nós", é buscar o cosmos no microcosmos, é buscar o "nós" no "em si", mas dinamicamente.

Não é irreligiosidade, porque negue os interiores ou porque busque colocar-se no exterior, ao ar livre. É uma nova forma de religiosidade, bem cósmica, quase panteísta, digamos, ao emprestar ao termo um sentido não rigorosamente teológico, um desejo de santificar a existência por reconhecê-la mais nossa, e mais divina.

\* \* \*

Nietzsche dizia que, "em si, nenhuma música é profunda nem significativa, não fala de "vontade", de "coisa em si"; é apenas — prossegue êle — uma coisa que o intelecto imagina, a não ser um século que tenha conquistado para o simbolismo musical todo o domínio da vida interior. O próprio intelecto é o que "introduziu" esta significação nos sons, do mesmo modo que pôs também nas relações entre

as linhas e as massas na arquitetura uma significação, que, por si, é completamente estranha às leis mecânicas.” — Não captava êle totalmente a intenção dessas significações?

Desde que nos coloquemos na posição de que os símbolos são polissignificantes e os simbolizados polissignificáveis, desde que compreendamos que um símbolo é símbolo de tantas coisas, que variam segundo o ciclo histórico, os grupos sociais e até os indivíduos, compreenderíamos que a música tem uma linguagem, como tem tudo quanto se exterioriza, porque se expressa. Se o intelecto põe, dá, empresta significados, não é apenas êle quem procede assim, é também nossa afetividade.

O próprio Nietzsche sentiu, nas linhas repousadas e calmas de uma paisagem, a tranqüilidade de um homem a quem julgara feliz. Esse simbolismo, que captamos nas coisas, não é apenas um trabalho intelectual, é afectivo. A intelectualidade, que trabalha tanto *a priori* só pode na arte; realizar o que de proveitoso se operar *a posteriori*, porque a arte, como actualização da estética através do homem, trabalha com singularidades, e eis o motivo por que a razão é sempre estranha, mal colocada, como quem nos visita sem que o desejássemos. É a simbólica demasiadamente rica de sugestões e de ensinamentos. Tendemos, por necessidade intrínseca, a construir esquemas eidéticos de nossas experiências e do que distinguimos nos factos. E são êsses esquemas, como sobretudo os affectivos, que se acomodam, no artista, aos factos do mundo exterior. É o artista, assim, um mecanismo de vibráveis esquemas na expectativa do que acontece. E ao surgirem, assinala-os ou não. Mas o artista tem uma característica muito análoga ao homem que dorme, que sonha, que fantasia. É que a acomodação de seus esquemas são propriamente os da sensibilidade, do sensorio-mortiz, e também esquemas affectivos, que não têm órgãos próprios, mas apenas funcionam com aquêles órgãos ou sem êles, que constituem os elementos da intuição sensível.

Por isso a acomodação do artista não é suficiente para uma inteligência meramente realista, porque, quando o é, o artista se torna fatalmente um cerebralizado. No artista, a assimilação prima por ser muito mais intensiva, muito mais ativa que a acomodação, que muitas vêzes está adormecida.

E então o artista, por excesso de assimilação, compara e por isso fantasia, cria imagens novas; em suma, capta símbolos. O cientista, realiza, porque supinamente acomodado, capta os símbolos, não como símbolos, mas como factos, enquanto o artista, por excesso de assimilação, capta os factos não como tais, mas como símbolos.

Essa divergência de funcionamento é importante, para que compreendamos o simbolismo da música. Um “técnico” musical ouvirá os sons, ouvirá os motivos, a melodia, quando ouve, ouvirá factos que são símbolos, porque, na consonância, sentirá a tranqüilidade, nos fortíssimos ascendentes a paixão que se desdobra, ou nos descrescendos pianíssimos um recuo dessa paixão, que não morrerá, porque logo, súbitamente, ergue-se afirmativa. Então essa simbólica despertará nêle todos os seus estados de alma vividos ou possíveis (porque o artista vive como actualidade os possíveis) e sofrerá, e amará, e se desesperará e se erguerá, épico, enfrentará dragões e inimigos, e será bondoso e justo, e será santo e mau, rebelde e revoltado.

Por isso há também uma arte de ouvir, arte que não se exterioriza senão em gestos expressivos ou nos longos silêncios que apenas ocultam as grandes tempestades que assolam as almas de aguda affectividade, arte que não se transmite, que não se sistematiza, por isso arte que não se socializa, não se comuniza, mas que é o supremo prazer subjetivo, inteiramente nosso, inteiramente interior, embora outros dela possam participar em seu aspecto formal, sem nunca vivê-la com aquela ipseidade, aquela unicidade, que cada um contém dentro de si.

E se quer “transmiti-la” de como falará dela? Falará através do tecnicismo dos termos apenas, procurará explicá-la por categorias, por classificações. E se assim proceder sentirá que não disse nada, que falsificou o seu sentir. Não seria a inautenticidade de tudo o que diz? E então, na ânsia de expressão, não procurará os símbolos? Sim, procurá-los-á, inevitavelmente, porque só eles, só na sua linguagem, é que podemos expressar o inexpressável, só na linguagem poderemos transmitir o intransmissível.

E assim também o compreendeu Nietzsche. Nunca devemos desesperar de encontrar em sua obra aquilo que não disse, não devemos nunca desesperar de achar a contradição que falta para identificar os contrários.

Ouçamo-lo em outra passagem: “Desde que nos entendemos por gestos, pôde nascer uma “simbólica” do gesto; quero dizer que se pôde empregar a linguagem dos sons com a condição de que antes se produzisse o som e o gesto (ao qual se ajuntava como símbolo), e mais tarde, somente o som. Parece, pois; que numa época muito antiga terá sucedido, freqüentemente, o mesmo que sucede agora aos nossos olhos e aos nossos ouvidos no desenvolvimento da música, sobretudo da música dramática; enquanto primeiramente a música, desprovida da dança e da mímica (linguagem dos gestos), que a explica, é um ruído vão. O ouvido, por um longo costume desta associação de música e movimento, aprendeu a interpretar imediatamente as figuras dos sons, e chegou, por fim, a um grau de compreensão rápida, em que já não tem necessidade de movimento visível, e “compreende”, sem êle o compositor. Fala-se, então, de música absoluta, quer dizer, de música da qual tudo é imediatamente compreendido como símbolo, sem necessidade de nenhum auxiliar”.

A dança, como a mímica, por pertencerem aos movimentos rítmicos expressivos, são artes do tempo, porque se desenvolvem na sucessão, e formam entre as linhas sono-

ras da música, por isso, é uma expressão de gestos, e os gestos uma expressão de afectividade, como toda affectividade uma expressão também do mais profundo das raízes somáticas, do sensorio-motriz, do corpo, da carne, da vida. E a vida não é por sua vez uma grande simbólica de todo o existir, de toda a ordem do existir? Como a música canta sem palavras, gesticula sem gestos, ela fala a mais profunda das linguagens a nós tão civilizados, tão metropolitanizados, pois ela nos imerge nas raízes da vida, e liberta-nos da acosmia que nos avassala nas cidades de cimento e de pedra.

Essa música é, por isso, libertação das paredes que se erguem abruptamente para as nuvens, dos ruídos metálicos das máquinas, dos sons despojados de vida dos metais que se entrechocam.

É essa música que fala a linguagem da metrópole? Essa música não quer simbolizar, não quer apontar, não quer dizer nada que vá além da epiderme que nos separa das coisas. Essa música é apenas o símbolo que perdeu seu contacto com o simbolizado. Ela não quer dizer nada mais além de si mesma. Sua linguagem é tão fáctica que nada mais diz. Sobre ela fica um silêncio intranquilo de sons ausentes. Não a conservamos na memória, não ressoa como algo vivo dentro de nós, mas apenas sentimos por sua ausência, o vácuo que ela expressa. Podem cerebralizá-la com as maiores acrobacias mentais, mas é acósmica de qualquer forma, é contra a vida de qualquer forma. Tais modismos passarão como muitos outros já passaram. Servem ao metropolitanizado que perdeu suas raízes cósmicas, que dormem agora sem que ninguém as desperte. Mas passará, e muito rapidamente passará, amém!

**Nota:** Não se pense que repelimos aqui a música moderna. Seria concluir precipitadamente. Mas também não caberia aqui distinguir as diversas manifestações actuais. Um grande mal é esse termo **moderno**. Todas as manifestações da arte foram modernas, mas nem todas mantêm-se

em actualidade. Não podemos englobar assim num termo genérico, que homogeneíze tudo, quando a heterogeneidade é manifesta. É preciso distinguir...

\* \* \*

A arquitetura grega era exterioridade, ficava do lado de fora a sua força de expressão. O homem vivia a vida que o cercava, e não sofria dos problemas interiores com a violência que agita as civilizações ocidentais. Os povos interiorizados, como por exemplo o árabe, têm toda a sua arquitetura no interior, e os povos contemplativos, como os hindus, têm-na em toda a obra interna e externa. A falta de profundidade do homem grego era uma consequência de sua primitiva extensão psicológica; abrangia as exterioridades.

O homem era esculpido como estátua, por todos os lados, com os limites e contornos. Nós, depois, no Renascimento, pusemo-nos a imitar os gregos, mas essa imitação obedeceu a uma forma cíclica mais evolutiva.

Pusemos, não mais na escultura a reprodução puramente vital, física dos corpos, mas já uma intenção psicológica.

As nossas estátuas possuem interior, as gregas puramente o movimento plástico. Se há na nossa escultura exemplos de imitação grega, tal não impede que se possa determinar o espírito mais interiorizado da nossa arte, pois o nosso homem começa a se preocupar com os problemas do espírito, tanto como os problemas puramente vegetativos do homem.

\* \* \*

Depois de Péricles, o grego principiou a interiorizar-se. Nasceram os problemas sociais, os problemas econômicos e a necessidade de conhecer as causas do mundo e o porquê dessa mesma necessidade. O homem pôs-se em busca do equilíbrio que lhe faltava, consequência do desequilíbrio da sua vida exterior.

• • •

A terceira dimensão do nosso mundo íntimo é essa exteriorização para o que é o objetivado, que se forma muitas vezes numa espécie de antítese do que desejamos reprimir dentro de nós.

\* \* \*

O homem exterioriza o seu mundo de várias maneiras. Os conflitos do seu "ego" em relação ao "super-ego" autoritário e dominador exteriorizam-se por uma polarização simétrica, mas acomodada pela intenção de ludibriar o "super-ego".

Na obra de arte, o artista muitas vezes põe, sublimadamente, por simetria, a objetivação dos seus desejos, das suas ânsias e, noutras vezes, por polarização assimétrica, por antítese. No primeiro caso, os versos, por exemplo, de um homem que exprime seus desejos sexuais, e que gosta de manifestá-los claramente, mas usa símbolos, imagens, que traduzem, numa fase cíclica, mais alta, êsses mesmos desejos.

No segundo caso, a poesia mortificante, com forte dose de santidade, de um poeta religioso.

Há, na primeira, uma sublimação. Na segunda, uma reação antitética.

\* \* \*

A arte é uma superestimação da vida, ela melhora certos autores.

Até na focalização da realidade entra a emoção. Se a arte retratasse tão-somente a realidade sem o humano, ela cairia na forma simples da reportagem, da fotografia.

"A arte é a vida vista através de um espelho..."

Se desejarem dar à arte um fim social, de utilidade, não é só pela simples cópia da realidade que se obterão os efeitos desejados.

Nem tampouco serão obtidos com uma pletora de realidade aumentada pelas lentes da sensibilidade.

Situa-se a arte no espelhamento da realidade? É o espelho que reproduz a vida. E quem é o espelho? O artista. Ele reflete a vida através de si mesmo, êle dá mais alguma coisa à realidade, dá um pouco de si, do seu temperamento. Na natureza existe beleza e não arte. Nem sempre a beleza se une à arte. Ninguém dirá: "aquela paisagem é uma obra de arte! ..."

E sim: "aquela paisagem é bela! ... A arte só existe no homem. E existirá na interpretação, na reprodução humana da paisagem, na pintura, na música ou na literatura. E só aí aquela paisagem se tornará artística, porque a arte é filha dos homens, não dos deuses.

\* \* \*

Rubens pode servir-nos para salientar a diferença entre a pintura holandesa e a flamenga. Há uma energia dinâmica em sua obra, enquanto, nos holandeses (vejam-se as árvores), não existe o "pathos" do movimento, que se observa nos flamengos, pois há mais delicadeza.

A atmosfera domina mais o quadro. Em Hobemna, cada quadro não é a soma de pequenos quadros?

Na arquitetura flamenga predominam as massas; aproxima-se ela mais do sentido fáustico, germânico. Nos retratos holandeses predominam as situações tranqüilas. Em Rembrandt, existe o sentimento pela vida da luz, a qual se move e remove, no espaço ilimitado; não há contornos como na arte romana, mais escultural e mais aparentada com a grega, de formas apolíneas.

O espírito central do Renascimento italiano é a concepção da proporção perfeita. Há arquitetura na figura, que é viva; membros autônomos; reprodução na arte da vida mais livre, mais desenvolta, mais natural dos povos meridionais. No barroco, há mais movimento de formas; já não é o limitado, é o ilimitado e o colossal.

Não há mais o desejo da proporção perfeita, bela; não reflete mais o estático, mas o que se agita, o que vive, o que passa. Há movimento das massas; há música mais surda, mais grave.

No barroco italiano, aproximação meridional ao fáustico germânico; há a vitória do fáustico, sofrendo as influências típicas de uma outra atmosfera. O homem busca no infinito a solução para seus porquês. A natureza, que êle abarca, não o satisfaz. Há fome de novas dimensões, de lonjuras, e o olhar possui um gesto de pergunta.

Cada época tem suas possibilidades "ópticas". O artista não pode ver todo o possível, senão aquilo que seus olhos podem abarcar, a perspectiva que seus esquemas permitem. Essa capacidade de ver tem sua história.

Entra no pictórico um quê da alma do autor, formas de sua psicologia individual, daí permitir as classificações e diferenciações. Exemplo: o pintor barroco italiano, Bernini, tem um parentesco com o holandês Terboch, no entanto, neste, vemos quadros delicados, de tranqüilidade, serenidade, enquanto em Bernini as figuras são atormentadas, e, no entanto, a factura é a mesma. Tanto num como noutro, a óptica vê manchas em vez de linhas. Ambos são pintorescos.

\* \* \*

A pintura no século dezesseis era expressada no estilo lineal, enquanto que, no dezessete, o estilo é pintoresco. No barroco, há a impetuosidade no movimento de massas. No Renascimento clássico, há tranqüilidade e continência. O pintoresco e o lineal são duas maneiras distintas de expressão, e, embora cada um tenha uma determinada direção, consequência de uma visualidade decorrente de causas não discutíveis no momento, possuem ambos campo para uma expressão ilimitada do expressivamente desejado. Os esta-

dos emotivos ou sentimentais do homem possuem, de acôrdo com as épocas, formas variadas de manifestação.

O estudo das causas dessa variedade pertence à psicologia e à sociologia. No estudo da pintura, registram-se unicamente os efeitos.

Rafael foi grande porque, dentro do estilo lineal do século dezesseis, atingiu o máximo. Não se poderia conceber, um Rafael, que pintasse em estilo rembrandtiano. O mesmo serve para Miguel Ângelo e Holbein. Com isso, anula-se a opinião ingênuamente manifestada por certos críticos de arte que declaram que o artista busca uma entrega de si mesmo à realidade, como se existisse apenas essa realidade. Cada época, cada momento humano, possui a sua realidade, e cada homem também tem a sua realidade.

\* \* \*

A linguagem do barroco, todos compreendem, é uma linguagem musical.

A pintura, não deve ser considerada como uma arte limitada. Os quadros de um Rafael e de um Ticiano representam artes diferentes. Maior diferença encontramos entre a arte de Gauguin e Matisse, em relação àqueles outros dois. A arte é um "organismo", não um sistema. Não há gêneros artísticos que atravessem os milênios.

O Renascimento é um equívoco. Na escultura, os gregos usavam as côres e os renascentistas empregavam o mármore branco. Não tem relação a arte de um Giotto com a de Van Dyck. Aquêlé evoca uma música na superfície cromática, enquanto êste cria uma espécie de relêvo com suas pinceladas.

No Renascimento, já há a ânsia de transcender os limites sensíveis e penetrar na extensidade, a única e verdadeira dimensão do espaço, por isso o renascimento se diferencia

da arte antiga, como verificou Spengler. Donatelo já é gótico, e em Miguel Ângelo já temos o barroco.

Enganam-se aquêles que julgam o barroco uma decadência, como os que o julgam uma superação do clássico renascentista: o barroco é outra arte, afirmava Spengler.

\* \* \*

Em nossa época, num quadro, causaria escândalo se um pintor reproduzisse uma cena sacra, vestindo os personagens ao rigor da moda actual. Numa interpretação modernista, há exemplos onde se buscam reproduções simbólicas, porque, na vida, muitas vêzes, há instantes em que os homens assumem as proporções e a atitude, que êles emprestam aos deuses. A figura de Magdalena tem, até hoje, suas reproduções, na vida. É a mãe que acalenta o filho, tem, em certos instantes, a mesma figura eterna de Maria Santíssima.

Hoje ainda perdura, desde o século dezoito, século do predomínio da razão, século racionalista, a ânsia humana da verdade. A própria filosofia foi proclamada como uma disciplina que ensinava os homens a conquistar a verdade. Na arte, êsse espírito de autenticidade se observa, nos pintores modernos, pela reprodução histórica das personagens. Pesa, sem dúvida, o argumento de que os pintores antigos não possuíam à mão os elementos necessários para emitir uma reprodução fiel das cenas. Faltava-lhes a cultura histórica hoje tão facilitada. Entretanto se empreendesse êsse mesmo artista emprestar às figuras sacras os sentimentos que vibram à epiderme dos seres de hoje, teria essa reprodução o aspecto herético de uma blasfêmia, porque nós impomos limites aos nossos gostos e acomodamos as nossas perspectivas à arquitetura dos nossos esquemas eidéticos estandardizados.

A "Madona do Repuxo" de Van Eyck, com aquêlé repuxo medieval ou o fundo gótico da "Madona de Lochner", se tivessem, hoje, a tapetá-los a grama verde de um jardim

moderníssimo ou a vertente de alabastro de um repuxo cubista, nos causaria escândalo.

Num entêrro de Cristo, de Massys, pode-se admitir uma virgem Maria nórdica, que expressa no rosto a variedade emotiva de sua grande dor. No entanto, no fundo, o Calvário é o mesmo morro descarnado de Jerusalém. Há, no seu fundo, a nitidez de côres da escola florentina, o que contrasta com a tragédia cósmica de Cristo que, através da lenda, arrastou os elementos a gestos de revolta. Nesse quadro, tôda a tipologia do povo holandês está ali. Viva, palpitante. Ali, quase fundindo-se ao horizonte, uma cidade gótica, que emerge suas tôrres como braços estendidos ao além, o que sob todos os aspectos, é um contraste à alma mágica e interiorizada dos povos orientais e ao panorama da vida hebraica.

Na "Madona com a maçã", de Memling, há o quotidiano da vida familiar flamenga. Na "Adoração dos Reis magos", de Rubens, fundem-se épocas e povos. Há soldados medievais, com seus capacetes curvos e seus penachos. Baltasar, o mago rei negro, tem um espanto de adoração abissínia.

Há um cavaleiro medieval, um misto de "troubadour", que espreita a cena legendária. Há, na composição barroca dêste quadro, a almágama de várias épocas humanas. A autenticidade histórica não se impõe.

Em "Cristo crucificado", já Rubens é história, também. Mas Rubens pertence ao século dezessete, em que um outro gôsto, uma outra perspectiva, se apoderara da arte. Van Dyck, discípulo de Rubens, em "Piedade", busca a autenticidade histórica.

Mas o valor dessas obras, como "A Virgem da Cadeira", de Rafael, "A Virgem com o menino Jesus", de Lippi, "Pietà", de Vanucci, "Mater Suavíssima", de Rafael, "Magnificat", de Botticelli, "A Adoração dos Reis", de Durero, tôdas elas, não respeitando a história, reproduzindo na suavidade emotiva de suas cenas, o instante humano e divino da-

quelas cenas lendárias, embora dentro do vestiário da idade média e da renascença, embora gravando naqueles rostos os traços genéricos e típicos dos povos nórdicos e meridionais, embora trazendo, em sua paisagem, a paisagem fria e penumbrosa do norte ou as côres vivas e a postura suave das manchas do meio-dia, têm uma emoção, uma intensidade que comove, que arrebatava, que choca. Nada daquelas imperfeições assume o aspecto de uma profanação. Não há ali artificialismos, porque paira na alma da obra o eterno atual, que é o valor que eterniza as obras-primas. Há, ali, expressões humanas, sinceras e demasiadamente humanas. No entanto, o autor atinge o profundo na singeleza dos sentimentos, na reprodução das fraquezas e dos instantes de dor, onde existem somente as sombras que cobrem as amarguras dos homens.

Há delicadeza de expressões ou angústia torturada, mas há sempre o humano em tudo isso. Não há concepções alciônicas.

Elevam-se os sentimentos e admiração, sem nos arrancar os pés da terra, sem que neguemos o mundo e a vida. A espiritualidade se funde, nêles, à materialidade das cenas. Essa quente harmonia existe em Rubens, onde a influência barroca palpita. Já em Rafael, há mais passividade e tranquilidade. Mas em todos, embora reflitam as tendências das suas escolas, em tôdas sentimos o mesmo efeito e a mesma emoção.

O eternamente atual perdura como um desafio ao tempo e ao gôsto dos homens.

\* \* \*

Na chamada arte moderna de após-guerra (1914), não há propriamente uma direção; ela hesita ante direções. Existem, sim, propensões condicionantes, e o artista é impulsionado por desejos de seguir êste ou aquêle caminho, mas volve os olhos para muitos, sem escolher em definitivo.

No processo proustiano, em Joyce, em Girandoux, Morand e outros, os protagonistas do drama vital são as coisas, as cidades, as massas.

O indivíduo entra como símbolo, como parte que fala sem individualização. Sua personalidade quase não existe. É a aceitação de uma perda da dignidade humana.

\* \* \*

A verdade tem também fundamento biológico. Depende das perspectivas que oferecem os interesses de defesa do próprio espectador, como a conservação, os desejos sexuais, a defesa pessoal, o medo, que formam a estrutura de seu arcabouço psicológico.

A verdade do homem, em cada época, é a verdade que lhe é possível conhecer nessa época. Há verdades hoje comuns que seriam totalmente estranhas a um homem de mil anos atrás, mesmo quando elas não tenham, para a sua compreensão, um grande suporte filosófico ou científico.

A idéia que um homem faz da coisa que lhe impressiona, varia segundo a sua capacidade de se impressionar.

O conhecimento possui todo um cromatismo entre os homens e através do tempo, e é essa uma das bases do impressionismo. O artista reflete sua impressão da coisa, sua realidade própria, subjetiva, sua paisagem interior. Na arte, a aparência sobrepuja a realidade. Na pintura, a interpretação de uma roda que gira, uma pedra que cai será sempre borrosa.

O cubismo reflete, na actualidade, a correspondência de um fenômeno antigo, porque já na pré-história encontramos a tendência de geometrizar as coisas. A arte do nosso homem primitivo não se atém à reprodução das formas vitais, mas interpreta-as em formas geométricas.

No cubismo, é o artista senhor absoluto de si mesmo. Os elementos geométricos são depurados de toda reminis-

cência objetiva. O cubismo busca o estritamente espacial, o quantitativo, e só copia da natureza as formas depuradas, reduzidas a linhas essenciais.

Na arte bizantina observa-se o mesmo, pois era uma antítese da arte grega, cuja predominante é a reprodução das formas vivas.

Na arte moderna, observa-se o abandono do homem, esmagado pelo peso do Estado. Processa-se uma desumanização na arte, que procura refletir o homem já fora de si mesmo, sobretudo na tendência observada nas escolas chamadas modernistas de após-guerra (1914).

Há um cansaço das formas vivas, e os olhos humanos parecem esgotados das paisagens do mundo. A juventude, que veio dos campos de batalha, já percebia a morte da cultura em que vivia, e desejava a criação de um novo mundo, que lhe despertasse novas emoções, pois aquelas que lhe poderiam subministrar a vida anterior às trincheiras, não possuía mais a possibilidade de sacudir sua alma já gasta.

Nos campos de batalha de 1914, tanto os vencedores como os vencidos, tiveram a maior derrota na perda de sua sensibilidade. Todos voltaram derrotados. Muitos jovens atingiram a idade madura sem passar pela mocidade. Nos campos de batalha, o tempo passou mais depressa pelos seus corpos e pelas suas mentes. E essa juventude pôs-se a negar tudo quanto seria capaz de vibrar a alma que vinha do passado, precisamente porque não havia experimentado a plenitude da arte passada. E por isso a nova arte, vinda dos campos de batalha, negava. Toda a sua acção era negativa. E observou-se uma busca precipitada das formas do passado, das formas já mortas, mais antigas, como a chinesa, a árabe, a pré-histórica, que fizeram vibrar, por instantes embora, a alma moça envelhecida nas trincheiras. A verdadeira atitude, no entanto, não seria essa luta irreverente contra a arte de ontem. Não se podia nem devia deixar de admitir o que de sublime existia nos grandes artistas.

O movimento revolucionário, na arte, manifestado pelos jovens, era compreensível e possuía o estigma de todos os movimentos jovens.

Mas pecou pelo excesso. E isso se observa, hoje, quando os próprios jovens fazem um retorno, buscando escolher o que melhor se adapte à nova sensibilidade, sem perceberem, no entanto, que eles, inconscientemente, são símbolos de uma grande transformação, que se opera e que não demora a oferecer seus frutos.

\* \* \*

Há uma estética que o artista descobre na natureza, como há uma estética que o artista impõe à natureza.

O grande problema da civilização é a formação das grandes cidades. Aí se concentram massas humanas de desenraizados, de nômades desencantados. Esse homem, devorador de periódicos, esse buscador infrene de espetáculos, é, em regra geral, um insatisfeito, um transformador desenfreado, ausente de toda a vida interior, e que sempre coloca nas coisas a solução de seus maiores problemas, inclusive os subjetivos.

Ora, esse tipo humano é perfeitamente uma negação biológica do homem, a mais completa negação do animal humano sem ser uma afirmação. O problema desse homem reflete-se profundamente na arte, que sofre a influência variável do gosto sem raízes e, também, sem raízes profundas na maneira de apreciar, de ver e de sentir a beleza que ele confunde palmarmente com o agradável.

Aproximar o homem da terra é um desejo do próprio homem. Que nessas cidades habitem seres que têm asfalto na alma, esse tipo do cidadão emperdenido, que vê o resto como província, há nela também, e em maior número, os que desejariam o retorno à terra, se lhes fosse assegurada a necessária garantia e bem-estar que às vezes desfrutam nas cidades.

Não resta dúvida que as metrópoles não podem existir sem os campos. E não vamos ao ponto de negar a relativa necessidade das metrópoles para desejar o abandono dos grandes centros civilizados. O maior problema para a formação das pequenas cidades é dar ao homem os prazeres dos grandes centros urbanos, com os quais ele se acostumou. É o que preocupa, em primeiro lugar, ou ao menos paralelamente, a certas organizações americanas, que constroem teatros, cinemas, estádios, piscinas, diversões de todas as espécies em cidades-modelos. Com isso esperam oferecer aos homens das cidades, condições vitais que substituem, com o tempo, as de puro cimento e aço e pedra, que desenraízam o homem da terra e que não lhe permitem sequer que conheça os movimentos de introversão, o contacto com o mistério das estrélas, com a imensidade dos céus, e com os segredos dinâmicos da terra.

A arte tem sofrido precisamente desse espírito metropolitano. A seqüência de escolas delirantes, toda essa infinita cadeia de ultraístas, que formam as tendências que buscam afastar-se da arte ligada à terra, foi, é, e será uma experiência que mostra, por um lado, o transeunte de todas elas, ao mesmo tempo que fixa um problema de gravidade para o futuro educacional do espírito humano, ansioso e faminto de beleza, esse misterioso alimento dos deuses, que ele não sabe o que é, mas que sente e precisa para fortalecer-lhe a imaginação, a alma, e para lhe dar a fruição dos prazeres mais intensos e mais profundos, que vão além da carne.

A arte nunca torturou os homens. Ao contrário, libertou-os. Junta-se ao fenômeno estético precisamente a estesia das alegrias do bem-estar. O que seja, de que mistério se compõe esse complexo de emoções que os psicólogos estudam e procuram explicar, pouco importa. Importa que o homem não é somente um faminto de pão e de alimento físico, mas precisa desse **quid** que lhe oferece um estímulo, um entusiasmo, uma euforia.

\* \* \*

A beleza é uma superação dos contrastes.

Se os artistas modernos temem usar dessa palavra, tal nasce da impossibilidade de defini-la. Mas se, baseados na impossibilidade de uma definição, deixássemos de usar as palavras que conhecemos, poucas das que refletem ou expressam complexos anímicos permaneceriam então em pé.

Como usaríamos de expressões tais como vontade, consciência, amor prazer, etc., cujo conteúdo não podemos compreender nem definir? Não temamos, portanto, a palavra beleza, essa palavra que nos serve ainda tão bem para dizermos uma série complexa de emoções, que constroem um estado de alma ou é capaz de provocá-lo.

Voltemos agora à primeira concepção: a beleza é uma superação dos contrastes. Sim, porque, nela, os contrastes não se anulam uns aos outros, mas vivem plenamente em sua oposição; cooperam. O artista, ao realizar o que chama beleza ou ao experimentá-la, conhece uma superação, um domínio, uma vitória, ou sobre a natureza, ou sobre algo ou sobre si próprio, até quando se nega e se deprime, porque negar-se ou deprimir-se é ainda exercer um domínio sobre si mesmo.

Para o artista, o caminho da beleza é o que ele chama **perfeição**.

Eis outra palavra que temem empregá-la os modernos, porque a julgam gasta pelos estetas de todos os tempos. Mas substituímo-la por uma análise: que é a perfeição senão o alcançar um estado de superação de si mesmo? Quando se julga o artista no caminho da perfeição, senão quando consegue surpreender a si mesmo, realizando o que até então lhe parecera vedado? Para o artista, a perfeição é um mais além, um desbordamento, um extravasar-se além dos próprios limites. É ainda vitória.

Por que tememos ainda usar de palavras como "belo", como "feio?". O desgaste das palavras decorrem dos equívocos que elas provocam. Quando dois homens falam em belo, nem sempre eles estão de acordo quanto ao conteúdo

que emprestam à palavra. É por conhecer essa fatalidade que os artistas tanto temem usá-la hoje. Buscam outras, numa sinonímia que continua apenas repetindo o sentido inicial das acepções.

As palavras não são apenas estratificações de sentido, de um significado estático. As palavras são também vivas, e vidas. O que há de dinâmico nelas é o que consegue permanecer e ultrapassar. Cada época e cada arte tem o seu conceito de beleza, tem o seu conceito de belo, de feio, de perfeição. Mas cada um, porém, conhece, pelo menos, a direção dinâmica do seu sentido. Sempre é chamado feio o que nos repugna esteticamente. Não temamos de chamar de belo o que sentimos belo, nem de feio o que sentimos feio. Por mudarmos as palavras não mudamos as emoções. É outra ingênua mentira que dizemos a nós mesmos.

\* \* \*

Quem ama dá um grande valor a quem é infeliz em amôres. Só compreendemos os contrários, quando sentimos os similares. Para compreender é preciso sentir a contradição. Por isso, para fruirmos um bem, precisamos ter antes conhecido uma falta.

É o que se dá precisamente na arte. A obra medíocre, a pequena falsificação, a moeda falsa divisionária, é imprescindível para compreendermos a grande obra. Os grandes artistas precisam, por isso, conhecer seus momentos de mediocridade. Não criará o grande quem antes não souber o que é o pequeno.

Na arte, nunca há separação do que seja o amor. Amor ao mundo, a Deus, aos homens, a si mesmo, mas é preciso haver amor. Todo artista, ao criar, realiza um ato de amor. E amor é gerar, é desejo de gerar, é desejo de produzir. E onde há o amor, há o sexo ou superação do sexo, o oposto que o engendra em si mesmo sua própria obra, como se vê em muitas religiões. Não separa o homem a

arte do amor, por isso tôda obra de arte é um "ato de amor".

"A aspiração à arte e à beleza é uma indireta aspiração dos raptos do instinto sexual que êste comunica ao cérebro. O mundo fêz-se perfeito em virtude do "amor", diz Nietzsche, e prossegue, antecedendo à psicologia moderna: "A sensualidade e seus disfarces: 1.º) Disfarça-se de idealismo ("Platão"), próprio da juventude, criando a mesma espécie de imagem de espelho côncavo em que aparece a mulher amada, pondo uma incrustação, um aumento, uma transfiguração, uma infinidade em tôrno de cada coisa; 2.º) Disfarça-se na religião do amor: "um formoso jovem, uma mulher bela" são algo divino; um noivo, "uma noiva da alma"; 3.º) Disfarça-se de arte como uma fôrça que "adorna"; como o homem vê a mulher, fazendo-a, por dizê-lo assim, um dom de todos os presentes que existem; assim a sensualidade do artista coloca num só objeto tôdas as demais coisas que honra e aprecia, e dêste modo, aperfeiçoa um objeto ("idealizá-lo"). A mulher, sabedora das sensações que o homem experimenta ao vê-la, ajuda-o em seus esforços de idealização, adornando-se, dançando, expressando pensamentos delicados; e também manifesta pudor, reserva, conserva distâncias, como o instinto de que assim cresce a faculdade idealizadora do homem. (Dada a imensa figura do instinto feminino, o pudor não é de modo algum uma hipocrisia consciente: revela precisamente a inocência real, ingênua, seduz mais ao homem, e lança-o a avaliações superiores. Por isso, a mulher é ingênua, por finura do instinto, que lhe revela a utilidade da inocência. É um voluntário cerrar os olhos sôbre si mesma... Sempre a ficção procede mais fortemente; se é inconsciente "torna-se" consciente").

\* \* \*

Na obra dos modernos escritores encontra-se a explanação dos sistemas nietzscheanos. Alguns usam até o silên-

cio em tôrno daquele que melhor estimulou seus pensamentos, e negam-se a chamá-lo à autoria de suas melhores idéias. Na arte, há sempre um "ato de amor". E assim julgamos. É nessa embriaguez da obra do artista que se manifesta o ato de amor. Reproduzamos Nietzsche que nos expõe em sua linguagem, o que os modernos vão-fazê-lo depois, usando de têrmos diferentes.

"Querem a prova mais surpreendente do longínquo a que atinge a fôrça de transfiguração da embriaguez? O "amor" é esta prova: o que se chama amor em tôdas as línguas e em todos os silêncios do mundo. Aquela embriaguez se aparta da realidade de tal forma que a consciência do amante a acusa, se apaga e parece que se deve encontrar qualquer outra coisa em vez dela: um tremular e um brilhar de todos os espelhos encantados de Circe. Aqui não há nenhuma diferença entre o homem e o animal, nem participa do espírito, da bondade, da proibidade. A burla é delicada quando se é delicado; é grosseira quando se é grosseiro; mas o amor, e até o amor de Deus, o amor santo das "almas redimidas", em sua raiz é a mesma coisa: uma febre que tem motivos para transfigurar-se, uma embriaguez que faz bem em mentir acêrca de si mesma... E em todo caso, sente-se bem quando se ama, mente-se bem ante si e a propósito de si mesmo; aparecemos a nossos próprios olhos transfigurados, mais fortes, mais ricos, mais perfeitos, somos mais perfeitos... Aqui encontramos a arte como função orgânica; encontramos-la inscrita sôbre o angélico instinto "amor"; encontramos-la como o maior estimulante da vida; a arte tem, conseqüentemente, uma finalidade sublime até nesta sua mentira... Mas nos enganaríamos se nos cingissemos à sua fôrça de mentir; faz mais do que imaginar simplesmente; chega a deslocar os valôres. Não desloca o sentimento dos valôres; o que ama, vale mais, é mais forte. Êste estado produz nos animais novas armas, novos pigmentos, côres, formas; sobretudo, novos movimentos, novos sons de sedução, novos encantos. Não sucede outra

coisa no homem. Sua economia geral é mais rica do que nunca, mais poderosa, mais completa que no homem que não ama.

O que ama faz-se pródigo; é bastante rico para o ser. Desde então se atreve a tudo, sente-se aventureiro, converte-se num asno de coragem e de inocência; crê de novo em Deus, crê na virtude porque crê no amor; por outra parte, saem neste louco da felicidade, asas e novas faculdades, e até se abrem as portas da arte. Se do lirismo, no tom e na palavra, deduzimos a sugestão daquela febre intestinal, que fica então do lirismo e da música?... Acaso "l'art pour l'art", o virtuosismo de rã tiritante, que se consome no pântano... O resto foi criado pelo amor".

\* \* \*

Sem dúvida, compreendendo a sobrevivência do espírito objetivo, é que Nietzsche escreveu estas palavras:

"Para todo escritor é sempre uma coisa nova e surpreendente que seu livro, uma vez separado dêle, continue vivendo com vida própria... Talvez quase o esqueça, talvez se eleve acima das expectativas que nêle depositou, talvez não volte a ouvir mais, e terá perdido êsse impulso com que voava quando concebia o livro; contudo, o livro busca leitores, inflama existências, proporciona felicidade, espanto, produz novas obras, chega a ser o espírito de novas acções; em suma, vive como um ser dotado de espírito e de alma, e, contudo, não é um homem. Pode dizer-se que o mais afortunado destino do autor é que tudo quanto nêle havia de ideal, de sentimento criador, de vida, de fortalecedor, de edificante, de luminoso, vive ainda em suas obras, e que êle é apenas cinzas, enquanto o fogo se conservou e se propagou por tôdas as partes. Pois bem, se pensamos que tôda acção humana, e não somente um livro, se converte de certo modo em ocasião para outras acções, decisões, pensamentos e que tudo o que se faz se enlaça, indissolúvelmente, com o que se fará, reconheceremos a verdadeira "imortalidade"

que existe: a do movimento: o que uma vez foi pôsto em movimento está na cadeia total de todo o ser, como um inseto encerrado e eternizado no âmbar".

Quantas obras de fecundidade tardia! Poderíamos apontá-las através dos tempos, e desprezadas por seus próprios autores, as quais não fizeram o furor de tantas outras, que apenas servem de matéria para encher colunas nas enciclopédias.

\* \* \*

O cômico e o trágico, para Nietzsche, têm suas origens em nossas angústias.

"Se considerarmos que o homem, durante mais de cem mil anos, foi um animal acessível ao temor em máximo grau, e que tudo quanto era repentino, inesperado, obrigava-o a estar disposto ao combate, talvez a morrer, e que ainda muito mais tarde, em estado já de sociedade, tôda a sua segurança se baseava no esperado, na tradição do pensamento e na actividade, não poderemos assombrar-nos de que em presença do repentino, do inesperado, na palavra ou na acção, quando se produz sem perigo, sem dano, o homem se sinta aliviado, passe ao sentimento contrário do terror; o ser que tremia de medo, que se havia recolhido sobre si mesmo, se estende, se alarga à vontade: o homem ri. Essa passagem de uma angústia momentânea e uma alegria de curta duração é o que se chama o "cômico". Pelo contrário, no fenómeno do trágico, o homem passa rapidamente de uma grande alegria duradoura a uma grande angústia; mas como entre os mortais, a grande alegria duradoura é muito mais rara que os motivos de angústia, há, assim, muito mais cômico que trágico no mundo; ri-se mais vezes do que se chora".

\* \* \*

É a originalidade a nova musa dos mediocres.

Ser original não é dizer o inaudito nem fazer o inesperado. A verdadeira originalidade está na ordem nova que se dá aos velhos elementos.

“Quando a arte se veste com o pano mais usado, é quando melhor é reconhecida como arte” (Nietzsche).

E por quê? Porque o velho pano não é um recurso. O valor não está nêle, mas em como foi êle tratado. Considerar-se originalidade o usar um pano novo, é pôr a mediocridade à solta. Mas quando se compreender que só somos originais quando damos novas ordens aos velhos elementos, veremos quão raros são os verdadeiros originais, tão raros que os dedos das mãos serão demasiadamente numerosos para contá-los em nosos dias.

Tal expectativa não agrada aos “polloi”, os “muitos”, como os chamaria Nietzsche. Porque tal perspectiva lhes tira a única possibilidade que lhes resta: a de ser originais a seu modo. E se não valer essa originalidade, que restaria de tanto poeta, de tanto pintor, de tanto músico?

Por isso, não é de admirar que tais idéias sejam tão freqüentemente combatidas pelo “maior número”.

\* \* \*

Será da fatalidade da história o malôgro de tôdas as grandes causas?

Não serão os resultados, menores que os esforços despendidos, como o mostrava Nietzsche, o desmentido cabal dos nossos grandes desejos?

Não foi Napoleão o ludíbrico da Revolução Francesa? Não seria a Rússia dos Sovietes, hoje, o ludíbrico da Revolução Social?

E não sucedeu assim, sempre, na história, teimosamente sempre o mesmo, malogrando tôdas as crenças, malogrando tôdas as esperanças?

E não podemos evitar o que já sabemos?

Mas é nesse **sabemos** que está a nota trágica do espírito humano.

\* \* \*

Há uma tendência universal cósmica para a simetria e a simplificação (isomorfismo, a busca dos homólogos, etc.), para a uniformidade, em suma. Tal se dá na física como na psico-física (a assimilação nos mostra, exemplar e analogicamente, essa tendência).

Certos artistas modernos, quando atacam a ordem da arte clássica, na verdade revelam um desejo de evasão da ordem social-histórica, como uma *catharsis* de uma tensão criadora em desintegração; e como não podem destruir a ordem humana que os obstaculiza, tendem a destruir a ordem cósmica, fugindo à harmonia e à superação dos contrastes pela acentuação dêste ou daquele aspecto, que, excessivamente actualizado e desmesurado, através dos seus **ismos**, quebra essa superação, que é harmonia.

É assim uma actualidade contra a vida, não a favor da vida; contra o cósmico, não em favor dêle, embora através e por meio do cósmico, mas acósmica.

\* \* \*

Todos nós desejamos a harmonia, o equilíbrio interior e exterior, afanamo-nos em conquistá-los ou desesperarmos, porque, afinal, não o podemos conseguir. Aspiramos sempre a superar os contrastes, e essa harmonia é o nosso bem.

Se há artistas que lutam por destruir essa harmonia e buscam desintegrá-la pela acentuação de um contraste, com a qual, em vez de superá-lo, a êle se entregam totalmente, tal gesto acósmico de destruição dirige-se a si mesmo e aos seus semelhantes, mas é impotente quanto à ordem universal. Apenas um ludíbrico, um arremêdo, que nem de leve tange a ordem cósmica.

## QUANDO A ARTE LUTA CONTRA A DECADÊNCIA

A razão quis roubar-nos a ilusão, o sonho, a fantasia. A libertação do homem (êsse sofredor animal de milênios de tiranias) será iniciada ao quebrar as algemas que a razão, mal orientada, construiu para acorrentar-lhe o espírito.

O homem de amanhã filosofará como Apolo e Dioniso. Então a arte ajudará a redimir os homens, dizem muitos, porque somente pela arte o homem se salvará, mas só quando pela arte puder ser êle salvo.

\* \* \*

Para Nietzsche a arte é o "movimento contrário" à decadência que se processa no Oriente. E, para êle, o filósofo "artista" é o conselho mais elevado da arte.

\* \* \*

Ê pelo caráter tumultuário de nossa vida de criação, que tôda e qualquer tentativa de desejarmos emprestar fórmulas únicas representa uma violentação. Ademais, querer impor uma única perspectiva é colocar-se do ângulo de uma verdade para todos, fora da qual não há salvação. Lutar por suas idéias é um direito e um dever, mas também o é respeitar as alheias. Há um direito de ser diferente, de "não ir por aí". Igualmente em arte seria o perecimento da arte, seria estrangular o poder criativo do artista. Que se orgulhem as rãs de não ter asas, mas respeitem os passáros em seus vôos.

\* \* \*

O que devemos desprezar na arte moderna é o artificialismo que se apresenta como elementar, primitivo. Ê o que sôbre-excede ao natural, o requinte de uma desvitalização, da impossibilidade de criar.

Estamos, inegavelmente, num instante trágico da história humana. Assistimos ao esquecimento de tantas verdades que foram caras à humanidade. Vemos a instalação de uma escala de valores utilitários, que dominou e domina. Há esperanças de algo novo, mas ao mesmo tempo, indecisão quanto às diretrizes dêsse futuro. A humanidade deseja renovar-se porque cansou de sua descrença. Ê o fruto de sua longa deserção da vida, porque os senhores da vida não souberam deixá-la viver e gozar em paz o seu quinhão. As camadas mais fracas são sempre as primeiras a sofrer nas horas de sacrifício, de prejuízo e de falta, e as últimas a ganhar nas horas da vitória. Aos erros dos senhores da vida, sobrevém o sacrifício dos pequenos...

\* \* \*

Devemos desprezar na arte moderna o seu artificialismo, repetimos. E êste se apresenta muitas vêzes com as côres da originalidade, da simplicidade, do primitivismo. Mero produto consciente de uma eleição desejada, em sua incompletação e em seu esboçar-se, e quer dar a impressão de obra nascida num instante de inspiração. O pintor vazio, que nada tem a dizer, traça três ou quatro pinceladas simbólicas, ou significativas, para repetir um tema já usado, gasto, explorado, para que reflita no espectador o sentir que está na moda.

Nada mais decepcionante do que essas exposições de arte, onde centenas de novos são apresentados sem refletirem qualquer personalidade, copiando mal, e que a crítica fácil depois elogia, classifica, compara, quando não lhes atribui características de genialidade.

Talvez um dia, quando a nossa era fôr examinada pela posterioridade, a falta de dignidade que se observa em tô-

das as manifestações humanas seja o característico mais saliente que a distinguirá das outras.

É a decadência que vemos instalar-se em tôda a parte. Escritores mediócrs competem em glória com sumidades; poetas sem poesia gritam contra a morte da poesia; pensadores sem pensamento afirmam a inanidade do pensar; artistas sem imaginação chamam pela beleza exclusiva da cópia; pintores, que não sabem pintar, usam de uma liberdade de expressão que não expressa coisa nenhuma.

Nunca na história humana se justificou tanto a fábula da rapôsa sem cauda do que nesta que atravessamos. O homem de valor notório nega tudo quanto não tem. O mau orador nega o valor da oratória; o incapaz de escrever coisas profundas nega o valor da profundidade; o borra-quadros nega o valor da pintura do passado. Improvisam-se genialidades com a rapidez das notícias e das modas.

Três anos bastam para não se compreender nem sentir o corte de uma roupa, o padrão de um par de sapatos. Aos vestidos compridos sobrevêm os vestidos curtíssimos, e vice-versa. Uma estação, para outra, distancia tanto o modo de vestir, como antigamente distanciavam os lustros, os séculos até. É à velocidade que eles emprestam o porquê de tais factos. Pròpriamente a incapacidade de duração das afeições e gostos nunca foi uma prova de superioridade, e sim de inferioridade. São precisamente os "ventóinhas" que se deixam arrastar pelo agradável do passageiro ou pelo passageiro do agradável.

Não há um sentido dominante de querer a beleza. O provisório ameaça tudo, e ao domínio dos sucessos, dos "big-light-names", sucede o esquecimento sepulcral. Quantos heróis da humanidade esquecidos nesses três decênios, que, dentro talvez de outros três lustros, ninguém mais saberá dizer o que eram.

Mas, de entre cem pequenos artistas supérfluos, um ou outro desponta. Há nomes que vencerão o tempo. Se olharmos vinte anos para trás, veremos na literatura quan-

tas promessas que despontavam e vemos, hoje, quantas realidades dessas promessas que ficaram. E das esperanças de hoje deixemos que sobrevenham mais vinte anos, para que fiquemos sabendo quantas são meras aparências.

O vazio expressional de certa arte é o que determina de início a sua morte. Quem nada diz para a vida ou para os homens, mas apenas explora um sentimento passageiro, uma emoção ou simpatia momentânea, e não fixa, em côres firmes, o que deseja expressar, não conseguirá sobreviver! Muitos artistas proclamam que não desejam ir além de si, e que lhes basta a notoriedade, e que a glória não lhes é o estímulo, e preferem a vitória do momento que passa, cuja fruição lhes está às mãos, e não trocarão o prato de lentilhas do renome pela esperança de serem amados amanhã, e compreendidos por outros, à custa, muitas vêzes, da incompreensão de seus contemporâneos. Não os acusemos. São apenas mercadores das emoções e dos gostos transeuntes, embora chamem de novas mensagens as suas obras. Mensageiros da novidade e do modismo. Não pertence aos mercadores o desejo da imortalidade, mas aos estetas.

Em meio dêsses exploradores da arte, dêsses valôres convencionais, o leitor sente-se perdido. Não sabe escolher, nem guiar-se. O elogio fácil, a glória proclamada de uns por outros, infunde ao leitor a convicção de que encontra pela frente o definitivo. A sua decepção sucedem decepções. Nada lhes dizem de novo. Contam-lhe apenas o que já sabe, o que já está cansado de sentir. Emocionam-no passagieramente, porque lhe despertam os instintos mais facilmente despertáveis, que não lhe deixam, porém, ressonâncias, mas um desgosto que não sabe definir.

Como tôdas as tendências buscam justificar-se, essas também possuem sua casuística, sua lógica, seus argumentos, suas teorias. Tôdas atitudes em arte são justificáveis; basta que aceitemos um ou outro postulado. Mas o que marca o valor de uma obra é alguma coisa que está ligado ao tempo. Não é exclusividade de nossa época os literatos

que envelhecem em poucos anos. Na velha Alexandria e em tôdas as culturas, houve milhares de outros, cujos nomes estão no pó dos arquivos. Também foram expressões que ofuscaram. Pertence à história da arte a regra geral de que os artistas que obtêm vitórias fáceis não são os que deixam seu nome como um exemplo. Todo artista, que, ainda jovem, se julga com direito à glória, pratica um ato de juventude, compreensível. Se todos soubessem o perigo que existe na vitória fácil, muitos desejariam a glória tardia de um Romain Rolland, de um Simões Lopes Neto.

Só a maturidade pode conhecer a verdadeira glória. Neste caso, argumentar-se com as exceções de um Castro Alves ou de Álvares de Azevedo não é suficiente, porque exceções.

Há, entre êsses artistas modernos, muitos que são apenas mercadores da arte. Há pintores que apenas **vendem** quadros. Há escritores que apenas **vendem** livros. É isso uma fatalidade de nossa época, uma fatalidade impressionante, mas que devemos compreender.

Mas não neguemos que êsse aspecto puramente mercantil da arte tem sido também um estímulo para grandes obras. A miséria também nos deu grandes inspirações, e é de temer que, para os artistas, a superabundância não lhes afaste da verdadeira musa.

Lembremos que, em Alexandria, havia dramaturgos que eram preferidos a Sófocles, como hoje há dramaturgos preferidos a Shakespeare. Isso não impede que Shakespeare e Sófocles atravessassem os séculos, e dos outros fique apenas a memória de sua passagem.

Não somos contra os artistas menores. Quase sempre é menor o artista que se torna grande. Os artistas menores são necessários também para dar relêvo aos grandes. A grandeza é apenas uma relação. E que seria dos raros se não fôssem os supérfluos?

Deixemos agora falar Spengler: "Que é que hoje chamamos arte? Uma música mendaz, artificioso estrondo de

massas instrumentais; uma pintura mendaz, cheia de efec-tismos idiotas e exóticos, mais próprias dos cartazes de anúncios; uma arquitetura mendaz, que cada dez anos sa-queia o tesouro das formas pretéritas, para "fundar" um no-vo estilo, ao qual cada um faz o que lhe dá vontade de fazer; uma plástica mendaz, feia dos roubos perpetrados na As-síria, no Egito, no México. E, contudo, o gôsto dos munda-nos considera isso como a expressão do tempo actual Ademais o que permanece adito aos velhos ideais, é lúbrica ocupação provinciana". E prossegue: "Em lugar de se pôr ao serviço de seu simbolismo, os artistas utilizam o cadá-ver, a múmia da arte, o caudal das formas já usadas, para recompô-los, misturando-as, trocando-as por uma forma to-talmente inorgânica. Tôda a modernidade confunde varia-ção com evolução".

Mas o que sucede hoje já sucedeu muitas vêzes na his-tória; nem sequer conserva o cunho da originalidade, a nova musa dos modernos.

\* \* \*

Essas palavras de Spengler são o eco, no século vinte, daquelas que, no século dezanove, Nietzsche exclamou, quase quarenta anos antes:

"Do mesmo modo que os velhos recordam a mocidade e celebram festas comemorativas, assim também a humani-dade se deixa levar a uma consideração da arte como uma "recordação emocionante" dos prazeres juvenis.

Talvez nunca tenha sido compreendida a arte com tanta profundidade e alma como agora, em que a magia da mor-te parece envolvê-la. Pensemos naquela cidade grega da Itália meridional, que celebrava suas festas gregas, um dia em cada ano, lamentando-se e chorando ao ver a barbárie estrangeira triunfar diàriamente sôbre os seus costumes ori-ginais; sem dúvida, nunca se saboreou êste néctar com tal

voluptuosidade como entre aquêles helenos moribundos. O artista passará muito breve por ser um legado do passado, e como um maravilhoso estrangeiro, cuja fôrça e beleza faziam a felicidade dos tempos antigos, render-lhes-ão honras como não as concedemos fàcilmente aos nossos semelhantes. O melhor que há em nós provém talvez dêsse sentimento de épocas anteriores, que apenas podemos agora alcançar diretamente; já se pôs o sol, mas ainda ilumina e acalenta o céu de nossa vida, embora não o vejamos mais”.

Nós, porém, continuaremos a crer nas madrugadas.

#### PASCAL, O HOMEM DAS HUMILDES TRANSIGÊNCIAS

O “homem natural”, que no século dezoito é pintado com as côres otimistas do romantismo rousseuniano, no século dezessete é apresentado através da exposição sinistra de um Hobbes, da descrição “cínica” de um Rochefoucauld, ou do quase desespero de um Nicole.

Ao paganismo do Renascimento sobrevém a reação da contra-reforma, através da qual o cristianismo quer reassumir a tarefa de dirigir as inteligências e as almas. Mas instala-se a época manufactureira. Nem a filosofia nem as idéias permaneceriam sujeitas às interpretações tomistas de Suarez, apesar dos esforços justos dos jesuítas. Estes buscam por todos os meios conciliar a doutrina com as novas exigências e com a escala de valôres mercantilistas que derriui, aos poucos, a da nobreza. Esta, vacilante em seus ali-cerces, tenta, por intermédio do absolutismo, salvar-se do colapso que se aproxima e que terá como cenário o século posterior.

Tôda a crise céptica sempre foi um estimulante para o racionalismo.

Sócrates surge da confusão sofística, quando êle próprio fôra um sofista. O cepticismo do Renascimento gera a meditação cartesiana que, partindo precisamente do “omne dubitare”, encontra uma certeza, porque carecia de uma certeza. A Locke sucede o racionalismo extremado de Berkeley. É a crítica de Hume que estimula Kant. Que é o movimento hodierno do fenomenologia husserliana senão um correspondente histórico desta eterna luta?

São as compensações que encontraremos sempre na história da filosofia.

Em plena polêmica do século XVII, num dos instantes cruciais do racionalismo, surge a figura de Pascal.

Já, então, o terceiro estado influi economicamente sobre a nobreza e o clero. A posição de Descartes é uma tentativa de conciliação entre a tendência mecanicista-materialista (representada pelos burgueses e massas pobres das cidades) e a tendência metafísico-espiritualista do clero. O automatismo dos animais, tese da filosofia cartesiana, é bem um produto dessa época manufactureira.

A luta entre Port-Royal e os jesuítas — instante agônico do catolicismo — tem em Pascal a sua mais impressionante figura. É que, no panorama do século dezessete, êle dá a impressão de um inadaptado.

O cristianismo agostiniano quer resistir ao escolasticismo. O desenvolvimento de novas formas econômicas e sociais prèdispõe a necessidade de uma nova perspectiva. Os jesuítas compreendem que o cristianismo primitivo não poderia insistir no terreno intuitivo em que vivera. O racionalismo, êsse “jôgo de engrenagens” que se entrosam, corresponde perfeitamente ao sentido manufactureiro, e êles, os jesuítas, conscientes ou não, sabem que às novas modalidades do cepticismo é preciso contrapor novas modalidades do racionalismo, mas com base empírica (1).

Através de suas meditações, Descartes encontra a “verdade social”, exigida pelo momento histórico.

Por isso a figura agônica de um Pascal e a reacção desesperada dos “jansenistas” aparecem para muitos, no panorama do século dezessete, como uma incoerência. Não o é, porém.

(1) Não é de admirar que caiba aos jesuítas lançar Tomás de Aquino, de certo modo no esquecimento então, por intermédio de *Almannus*, que o torna outra vez conhecido.

A luta entre a certeza e a dúvida, entre a verdade revelada e o cepticismo, é uma luta eterna, enquanto durar o homem. Por fluxos e refluxos continuará assumindo novas fórmulas, apresentando-se com novos “ismos”, mas prosseguirá através das insistentes perguntas geradas pela insatisfação humana.

A verdade só satisfaz aos crentes. O que investiga é sempre um insatisfeito, o que não nega, porém, a fé. Esta é uma “acomodação”, e o desejo da verdade faz gerar a certeza de uma verdade. A verdade é revelada quando nela se acredita. Tinha razão Pascal quando afirmava bastar a crença firme em Jesus para que a fé nascesse.

Para crer é preciso “querer” crer. Não basta que venha do cérebro, é preciso que venha do coração. E estas eram as “razões” de que falava, e que a razão desconhecia.

De modo algum Pascal é uma refutação do século. Naquele instante, em que através de Port-Royal, o cristianismo primitivo luta contra a transmutação ameaçada pela escala de valores da filantropia, que o jesuitismo resolvera apoiar, Pascal representa essa resistência.

A sua posição conservadora é uma espécie de temor ao “progresso”, que ameaça avassalar o homem na embriaguez de sua vitória. O bezerro de ouro voltaria a dominar o mundo, e outros seriam agora os seus sacerdotes.

A figura de Pascal, porém, desconcerta. Poucas vèzes, na história, uma personalidade teve interpretações tão variadas.

Se tivesse vivido trinta anos mais tarde, poderíamos concebê-lo diferente. É uma possibilidade. Há muito nêle que é fruto das circunstâncias: o ambiente de Port-Royal, a luta desesperada do agostinismo contra o escolasticismo, forma viciosa da genuína escolástica, adaptada aos interesses da época. Mas separar a pessoa de Pascal das suas cir-

cunstâncias nada explicaria, porque somente as circunstâncias não explicam (1).

Ele era um enfermo, "o grande doente". Basta lermos aquela página humaníssima, contada por Mme. Périer, para compreendermos as condições mórbidas daquele gênio da matemática (2). Era também um alucinado. À sua esquerda via sempre um abismo, e muitas vezes as "chamas subiam até ele", como se desejassem avassalá-lo.

A verdade a todo custo foi seu ímpeto, seu impulso, sua vontade. A atração abissal da verdade — a morte. A vida de Pascal foi uma preparação para a morte.

\* \* \*

Na filosofia, apostou sempre na crença. Este foi seu maior argumento. E quando aceitou e desejou a morte era ainda a sua grande aposta.

À morrer, restavam-lhe duas soluções: ou o nada, com o silêncio que cobriria suas perguntas e respostas, ou o conhecimento definitivo de além-túmulo. De qualquer forma, só a morte lhe daria a verdade, porque além da nossa vida teria a visão da Verdade.

Qual seria a sua perda? Se o nada, perderia uma vida de insatisfeito. Se a certeza, que tanto desejava, teria à sua frente o infinito. Entre os dois, preferiu apostar. E o desejo da extrema unção era ainda o desejo infrene do jogador sequioso pelo desfecho da partida.

(1) Na verdade, Pascal não compreendera o papel dos jesuítas, que eram vistos como temerários inovadores que raiavam a heresia.

(2) Na Matemática é imenso o papel de Pascal. Enquanto Cavalieri imagina a linha como uma soma infinita de pontos e a superfície como uma soma infinita de linhas, Leibnitz, ao contrário, vê no infinitamente pequeno da linha uma linha infinitesimal. Foi de uma observação incidental de Pascal acerca das curvas, que Leibnitz foi estabelecer a homogeneidade do espaço.

Mas a dúvida permanece ainda na aposta de Pascal. Em toda a aposta há uma dúvida, porque inclui uma possibilidade de perda, embora esta fôsse infinitamente menor à perda infinitamente grande da eternidade.

\* \* \*

A vida dêle, sobretudo após o acidente que sofrera, era acentuadamente ascética e mística. Em toda a satisfação êle via concupiscência.

A vida era **libido sentiendi, libido sciendi, libido dominandi**.

A própria matemática dava-lhe satisfações que julgava pecaminosas.

Ora, Pascal duvidava da razão. "Se há um Deus, êle é infinitamente incompreensível. Somos incapazes de conhecer o que seja ou o que não seja".

E prossegue: Eis o que é a fé: Deus sensível ao coração, não à razão". Para êle não compreendemos Deus; sentimos Deus, intuímos Deus.

Em suma, a crença é apenas um acto de fé.

Deus não é matéria de raciocínio. Êle não crê apenas em Deus, **tem fé em Deus, a quem dá o coração**. E por que desesperadamente tem fé, êle crê em Deus. Que lhe importa que a razão seja impotente para convencer-lhe, se lhe basta o coração. Êle, assim, não se separa do sentimento dos místicos. Enganam-se aquêles que o julgam "único e singular". Êle é um místico, e crê como os místicos crêem.

Mas duvida Pascal? Por que não acreditamos na dúvida, quando sabemos que, após as visitas que lhe faziam os amigos, que discutiam questões de fé e lhe ofereciam argumentos contra a existência de Deus, êle nem sempre reagia para defender-se, mas apertava ainda mais o cilício que trazia à ilharga para que os pregos se cravassem em sua carne doente e lhe calassem as vozes da carne que, para êle, eram vozes da razão?

Temia assim que “a razão penetrasse por surpresa nas coisas da fé”.

“Este não é o país da verdade; ela é desconhecida entre os homens. Deus cobriu-a de um véu e fê-la desconhecida àqueles que ouvem sua voz”.

O mundo-verdade de Pascal não pertence à razão conhecê-lo. Este limite ao racionalismo separa-o de Descartes, o que muitos comentadores não perceberam.

\* \* \*

E comum ouvirmos falar no cepticismo pascalino, uma espécie assim de herança dos sofistas gregos. Nêle, o cepticismo, segundo a nossa opinião, circunscrevia-se ao homem enquanto homem, e ausente de Deus. Não era céptico quanto a fé, mas quanto à possibilidade do homem encontrar a verdade, desviado dos caminhos que o levam a Deus. Não era, portanto, um céptico. Hume veria em Pascal uma “vida artificial”, um individualismo raivoso, ferrenho, um “supersticioso da religião”, como em Diógenes havia visto um “delirante da filosofia”.

Mas onde foi Vauvenargues deduzir sua descrença na existência de um “método infalível e acessível”, senão através das meditações acêrca da obra pascalina?

O cepticismo pascalino cinge-se à razão, ao “moi haissable”, à consciência onipotente, que se julga senhora dos caminhos da verdade.

Inegavelmente, êle era um ressentido... “le moi est haïssable”...

O odiento eu de Pascal é a consciência; é a razão. Há “un ordre du coeur”, “une logique du coeur”, êle o sabia. Sabia-o? Não, êle precisava afirmar uma certeza além da razão. Duvidava do “moi haïssable”, enquanto o coração sedento de certeza, afirmava.

Através dos impulsos mais profundos, a crença no além-túmulo era precisamente o desejo de além-túmulo. Êle acreditava no além da morte, porque queria a morte (1)...

Que seria de Catão sem a corrupção romana? E de Savonarola sem a corrupção da igreja de Alexandre VI? Que seria de Pascal sem a corrupção do século dezessete?

As épocas de corrupção engendram moralistas. Êstes nascem por oposição. E por que não afirmar que êles sejam apenas um recurso?

Compreendia êle a sua contingência ante o mundo. Mas sentia também que há um eterno e um infinito na natureza. Êle chamaria Deus se o interrogassem. E afirmá-lo-ia com convicção. Mas, para nós, seria mais uma violentação da razão pelos instintos. Seria, mais uma vez, uma de suas humildes transigências...

(1) «Por maneira estranha aquelas expressões de Pascal — «l'ordre du coeur» e «logique du coeur» — foram mal compreendidas por muitos de seus expositores. Acrescentou-se que queria dizer: «o coração também tem algo que dizer quando já falou o entendimento...»

... Quer dizer, compreendem a palavra «motivos» (*raisons*) sob uma espécie de significação irônica..., mas que dizer apenas: não devem buscar-se somente os motivos e os «equivalentes» dêstes; também há de permitir-se falar, às vèzes, o coração — quer dizer, o sentimento cego. Mas isso é exatamente o contrário do que pensa Pascal. Sua proposição consiste em acentuar *ses* «*raisons*» e «*ses*» *raisons*. O verdadeiro sentido de sua proposição não consiste numa flexibilidade da certeza de pensar com as chamadas «necessidades» do coração e do ânimo..., mas, sim no seguinte: há uma espécie de experiência, cujos objetos são inteiramente *inacessíveis* à «razão»; para êstes objetos a razão é tão cega como possam ser os ouvidos para as côres; mas êste tipo de expressão nos apresenta objetos efetivos e a ordem eterna que existe entre êles, a saber: os valôres, a ordem hierárquica dêstes. A ordem e as leis dêsse experimentar acham-se determinadas com tanta evidência e precisão como as da lógica e da matemática; quer dizer que há conexões e oposições evidentes sôbre os valôres e posições valorativas, e os atos de proferir estruturados sôbre aquêles, em virtude dos quais é possível e necessária a verdadeira fundamentação das decisões morais e suas leis.

(Max Scheler, II volume, págs. 25 e 26, da «Ética», parágrafo 2).

Em Pascal, a razão vence a si própria em benefício da fé cristã.

É, portanto, no signo da doutrina agostiniana da predestinação e da única salvação pela graça, que êle vai esboçar a apologia do cristianismo.

Sòmente é grande a natureza humana quando participa de Deus. Há um quê de oriental nessa predestinação da graça, um dê de fatalismo, que provém de Santo Agostinho mal interpretado.

Por entre os erros e dúvidas, só a íntima vivência do cristianismo poderá elevar o homem, “essa cloaca de incertezas e de erros, glória e resíduo do universo”, à participação com Deus (1).

A doutrina da graça agostiniana parece, para muitos, não se conciliar com a concepção dos “dotes racionais iguais”, que a concepção humanista da igreja, na contra-reforma, aceita para adaptar-se à nova escala de valores que se instala na Europa (2).

(1) Nietzsche comenta-o com estas palavras: «A falta principal de Pascal consiste em acreditar na demonstração de que o cristianismo é «verdadeiro» por ser «necessário»; isto supõe a existência de uma boa e veraz providência que torna verdade o necessário: mas poderia haver erros necessários! E finalmente: a necessidade só poderia parecer tal porque nos acostumamos ao êrro, de tal modo, que se converteu numa segunda natureza». Um êrro necessário é um êrro que não poderia deixar de ser e seria de per si subsistente. O argumento de Nietzsche é improcedente.

(2) «A autêntica teoria cristã da vida não reconhece tal unidade de «dotes racionais iguais», como não a reconhece a autêntica Antiguidade. Isto aconteceu sobretudo, mercê da teoria e da atividade da Ordem dos Jesuítas, que consagrou o princípio do «amor aos homens», em vez dos princípios da «própria salvação», que regiam nas ordens antigas, sobretudo entre os beneditinos. Também nisto se revela o jesuitismo como filho do moderno humanismo no solar da Igreja cristã. Lendo «As Provinciais», de Pascal, vê-se que o pacto dos moralistas jesuítas com a fraqueza humana, ali flagelada, representa um crescente avanço da «filantropia moderna» ante a idéia cristã do amor. (Max Scheler, «O ressentimento na moral»).

Mas Pascal aceita-a. Ela corresponde profundamente à sua necessidade de crer. “Consola-te, tu não me procurarias se não me houveras achado”. Estas palavras de Cristo lhe estão sempre patentes ao coração. Ao “resistir” ao jesuitismo, êle quer afirmar a concepção ética da antiguidade.

Mas “aquêlo” cristianismo desesperaria os fracos. Não é possível querer impô-lo no momento em que já não há “coração” suficiente para vivê-lo. Os jesuítas bem o compreenderam. Êles representavam o humanismo e o progresso ante a concepção primitiva, que ainda guardava pruridos ascéticos.

Para Pascal — êste “grande doente” — o cristianismo do Cristo eternamente agonizante tem um acento comovente. É que nêle, vamos sentir os estigmas da dor.

“Pascal é um dos meus santos” — dizia Nietzsche — “por isso jamais perdoarei ao cristianismo ter destruído homens como êle” (1).

Mas ao cristianismo não cabe a culpa. Pascal é fruto de um momento crucial da humanidade, repetimos. Se vivera mais próximo a nós, outra talvez fôsse a sua atitude.

E não temeremos perguntar, e responder:

Se Pascal e São Francisco de Assis vivessem no fim do século dezanove, que seriam?

Aquêlo que disse: “de que nos valeria a fé se a razão pudesse compreender a Deus”, e o que amava as coisas pequeninas e simples, se conhecessem as sombras e luzes daquele fim de século, as esperanças ameaçadas sob as cutiladas da ciência, o que seriam?

Pascal seria Pascal? Chamar-se-ia talvez Unamuno; São Francisco de Assis, quem sabe, chamar-se-ia talvez Tolstoi.

(1) «O diálogo de Pascal com Jesus é mais belo do que qualquer passagem do Novo Testamento! Tem a graça mais atraente que jamais tiveram palavras humanas. Desde então não se falou de Jesus com mais poesia; por isso, depois de Port-Royal, o cristianismo decaiu em tôda a parte» (Nietzsche).

## CÉLULAS CULTURAIS DO REGIONALISMO

Os que seguem os caminhos traçados por Spengler observam as culturas, tais como a dos mandarins, a bizantina, a arábica, a apolínea, a fáustica, como totalidades homogêneas. Preferiríamos vê-las como as letras maiúsculas, curvas altas das diversas culturais esparsas e regionalistas, e, assim, dentro do sentido da fisionomia spengleriana, usaríamos de uma outra perspectiva, mais histórica. Por ter Spengler sistematizado demais, sua doutrina, sofre esta do vício de tôdas as sistematizações precipitadas.

O mandarismo foi civilizado, e o que constitui a cultura chinesa é o fragmentário, o esparso, o regional, o "vivido", pelo povo, nas diversas camadas geográficas, políticas, econômicas e históricas.

Há, para a cultura, também, uma genética. Ela possui focos, "genes" culturais. Estes são um produzir-se... Seguem paralelos às vezes, coordenam-se noutros, distanciam-se além. A cultura é assim um complexo; a cultura é culturas. O que historicamente se estratificou na civilização arábica, na bizantina na hindu, na fáustica foi apenas "uma" cultura formada do conjunto das "células culturais" (como preferimos chamar), que convergem, se condicionam, se aproximam, divergem, lutam, se assemelham para a formação de uma tensão cultural unitária.

Negar-se a cultura arábica, a mandarinista, a fáustica, a hindu, implicaria negar os abácidas, os nestorianos, o islâmico, o mouro, o armênio, o califado, e toda a gama vária de "células de cultura" do arabismo, ou, na cultura helêni-

ca, a vida dionisiaca, órfica até Alexandre, e o apolíneo que se estratifica na filosofia, por exemplo, com Pitágoras e Sócrates.

Negar o regionalismo seria negar Mileto, os jônicos, os eleatas, os pitagóricos. Seria negar tôdas as "células culturais" itálicas. Seria negar, por exemplo, o eslavismo, com "suas almas" e seu fatalismo, a Bretanha com sua cultura, a Normandia, e Vendéia, o Languedoque, o Reno, o Oeste e Sul dos Estados Unidos, o nosso nordeste, o pampa.

Regionalismo é a maneira de proceder das "células culturais". Não se veja no mandarismo um todo simples. Se o que ficou se deve à sua civilização, tal não justifica que neguemos a existência das "células culturais" das regiões da China, do Tibete, da Mongólia, da China setentrional, do centro, do sul. Se algumas dessas "células culturais", em seu produzir-se, para usarmos a linguagem spengleriana, não realizaram civilizações, obras anquilosadas, que permanecessem atestando a sua existência, ação, e vida, não cabe por isso refutá-las.

É um destino das culturas produzir civilizações, não uma fatalidade. Portanto, o término da cultura pode dar-se antes da civilização. Podem perder-se as obras de estratificação, ou não serem jamais realizadas. Mas a "célula cultural", que alimenta e se alimenta da cultura geral, existe. Afirmar-se que o regionalismo nega a nacionalidade, seria o mesmo que afirmar que a nacionalidade nega o universal.

O comportamento da "célula cultural" pode ser nacional, regional, mas pode ter um sentido universal (1). Seria

(1) Preferimos aceitar graus de universalismo. É para nós, como um axioma, que o homem sempre realiza o universal. É trabalho propriamente dos filósofos e da crítica, orientada neste vector, descobrir, nas obras mais pessoais, mais particulares, o sentido universal. Também não aceitamos o extremo do universalismo puro. Assim como toda obra de cultura não pode esquivar-se do universal, não pode, também, do particular. Como compreendemos e interpretamos a escala que vai do universalismo ao particularismo e sua mútua influência, é tema que é tratado em nosso livro «Filosofia e História da Cultura».

como repetir a fórmula já clássica de uma “forma nacional com conteúdo universal”. Se há regionalismos divergentes que buscam negar o todo, se há “células culturais” que funcionam em aparente oposição ao organismo universal, não é isso atributo de todos os regionalismos. E muito menos se poderia afirmar quanto ao regionalismo gaúcho. Nem o nordestino com suas “células culturais” — porque lá há várias — negou o Brasil. O regionalismo não é desagregante apenas porque difere.

E note-se que, quando se fala em “cultura brasileira”, temos de admitir que ela é um todo que se compõe de muitas partes, quer nacionais, quer extranacionais. O que é puramente, genuinamente brasileiro, é o sentido, o *ethnos*, a afirmação da coletividade, o desejo de eternizar essa coletividade, a consciência de um destino comum, de idéias comuns. O regionalismo gaúcho não nega o sentido da nacionalização brasileira, nem sua forma regional nega o conteúdo universal da nação, precisamente porque busca raízes, embora nômade.

O gaúcho é um nômade que quer raízes. Veja-se, por exemplo, o sentido psicológico da “querência”.

Assistimos a um momento humano que possui o vício da unilateralidade.

Há uma preocupação universalista por baixo, que busca standardizar os costumes, os usos, a alma humana. Há quem negue os regionalismos, porque os julga dissolventes. Precisamente a universalização dos homens se forma pela conservação de sua alma, de seus “*ethnos*”. Assistimos à hora (aliás o crepúsculo dessa hora tardia) da vitória do metropolitano, fatalidade comum das culturas maiores, que busca um homem universalizado por exclusões, por desenraizamento. É o sentido do asfalto, do mecânico, do anquilosado, do movimento da morte, porque há, também, nos sepulcros, azáfama de vermes, azáfama da vida que se alimenta da morte. A metrópole é uma vitória passageira. O

homem retorna às suas raízes, porque nessas é que está o universal.

Está o universal no que liga o homem à sua fonte de vida. O regionalismo é, assim, tanto na arte, como na psicologia, na sociologia, na própria política, na moral, uma força de enraizamento, “nobre” e necessária. Determina retornos que não distanciam os homens, porque se enganam os que julgam que nos aproximamos mais por entre as multidões e as massas.

A solidão é muitas vezes um amálgama. O regionalismo gaúcho não esgotou suas possibilidades.

Se o gaúcho desmontou para guiar o automóvel, trocou o pala pela capa impermeável, o “*ethnos*” ainda o enraiza. Podem crescer as cidades babélicas. Podem rasgar avenidas, podem metropolitarizar os sentimentos, os costumes, as atitudes, mas será tudo um instante na história. Há também uma voz que vem dos pampas. Só não a ouvem os que não querem ouvir. A tendência universalizante actual compensará um retorno aos termos da terra. As cidades de cimento e de aço podem vencer as províncias, mas jamais aniquilarão a natureza.

O “*pathos*” jamais vencerá o “*ethnos*”, diria Keyserling. O homem retornará ao campo, porque se saciará até de seu próprio cansaço.

Na literatura gaúcha se processa êsse retorno. Há nisso um quê de heróico e de bem gaúcho. Há uma afirmação, uma confiança, um desejo mais profundo de todos, porque embora muitos o neguem, existe, naqueles gaúchos desmontados, uma certa nostalgia de ausência, uma inquietação pelas largadas, pela busca dos horizontes mais distantes. E poderíamos ainda perguntar: como desejam que possamos conhecer, amar e sentir o homem universalizado, se não formos capazes de sentir, amar e conhecer o que é nosso, o que somos?

## EXISTENCIA E ACTUALISMO

A guerra de 1914 deu relêvo a uma série de teorias filosóficas e sociais, bem como a novas escolas artísticas. Na realidade, tudo quanto surgiu após a guerra já existia. O conflito apenas acentuou a fraqueza do que até então dominava, do que até então pontificava, e permitiu conhecesse um momento de prestígio e de vitória o que dantes era subestimado. Essa segunda guerra mundial, — assim presumiam todos — deveria também trazer-nos alguma coisa de inesperado, de insuspeitado.

Logo após a guerra se falou no “existencialismo” de Sartre, que veio satisfazer a ávida expectativa de todos os que profetizavam o que quer que fôsse de novo. O existencialismo teve a honra de ter merecido dos jornais, revistas e até rádios do mundo inteiro, uma publicidade, que só a merecem os artistas de cinema, os campeões de “box”, os jogadores de jutebol, os “best-sellers”, etc.

Sartre teve a honra de ver o seu nome impresso no mesmo corpo com que se imprimem os nomes de aspirantes a títulos máximos do esporte.

Mas, o que há de verdade em tudo isso é que o existencialismo não é nada de novo, e isso não implica em absoluto desvalia para os existencialistas em geral. A história da filosofia está cheia dessas meteóricas doutrinas, que surgem bafejadas pela publicidade correspondente de cada época. É sempre difícil aos contemporâneos julgarem do valor de uma idéia, e são muitas as injustiças praticadas.

No século passado, houve alguns autores que profetizaram o que sucederia nas últimas décadas do século dezenove e no decorrer do século vinte. O desenvolvimento técnico, a concentração da grande indústria, o surgimento das grandes metrópoles, — enfim todo o desenvolvimento das fases que Mumford chamou de “paleotécnica” e “neotécnica” — desembocariam, fatalmente, no reforçamento crescente do Estado, que se hipertrofia. Estamos no século da divinização do Estado, e até socialistas, que dêle se manifestaram adversários, acabaram por adorar êsse Estado “nec plus ultra” de que falava Nietzsche na segunda metade do século passado. Tôda esta revolução literária de dignificação do homem como pessoa, que tem suas origens no Renascimento e que prosseguiu através dos últimos séculos numa constante batalha entre a liberdade do homem e o fortalecimento crescente do Estado, encontrou, nos últimos decênios, um dos seus momentos de depressão mais grave.

Muitos daqueles, que representam a inteligência humana, traíram a própria inteligência e se colocaram ao lado das forças de opressão, que, em tôdas as épocas da humanidade, foram os mais encarniçados inimigos da cultura. Apoiados numa falsa “ciência”, que apenas se reveste de uma terminologia arrancada das ciências naturais, com uma falsa e estreita perspectiva do que constitui a realidade do homem, êsses intelectuais servem, consciente ou inconscientemente, à vitória do obscurantismo e da destruição do pouco que resta de personalidade no homem. Esta que é realmente “la trahison des clercs”.

Era natural, depois das grandes feridas, das grandes dores que a humanidade de hoje conhece por esta hipertrofia do Estado, como a conheceu em suas carnes o povo alemão, que surgisse, após esta guerra, um movimento que, dentro do campo da filosofia, valorizasse esta trágica exclamação de Duns Scot, que Kierkegaard repetiria no século passado: “O homem é um existente!”

O homem, êsse com quem mantemos contacto diariamente, não é apenas uma térmita de um termiteiro, não é apenas uma formiga de um formigueiro, não é apenas uma abelha de uma colmeia, êsse homem é um existente, é um Pedro da Silva, que existe uma só vez, que tem um pequeno ou grande papel a realizar na vida, que é um simples ou grande "personagem", em suma, que é "uma pessoa". Neste momento universal em que todos falam apenas das coletividades, em que todos falam apenas das grandes organizações políticas, é preciso que alguém se lembre do Pedro da Silva. O existencialismo, muito embora pesem as divergências ou as deficiências que dêle nos separam e que nêle encontramos, teve essa lembrança, apesar dos incensadores estatólatras, dos absolutistas das verdades definitivas, a lembrança de olhar o homem naquilo que há de autêntico.

Estamos numa época de extravasão. O homem é um fugitivo. Tudo quanto o cerca o atrai para longe de si mesmo. Todo o complexo social de hoje é uma solicitação à evasão do homem, uma constante fuga de si mesmo, uma constante excitação à busca romântica das experiências sensíveis sem fim. Quão poucos são capazes de enfrentar a si próprios num momento de solidão? Por isso êsse pobre homem, solicitado pelas coisas exteriores, busca, cada vez mais, o que o afasta de si mesmo.

Se o animal é um ser que se ocupa, o homem é um ser que se preocupa; velha verdade que os existencialistas tornam actual. Mas o fraco, fraco porque não lhe ensinaram a ser forte, e tudo fazem para conservá-lo nessa fraqueza, tem medo da preocupação, tem medo de si mesmo, tem medo da liberdade — porque, digamos francamente, é o medo à liberdade, o medo à responsabilidade que fazem almas escravas e são estas quase sempre, na história, as que provocam o advento dos senhores.

Por isso o fraco teme a autenticidade e prefere ser um apócrifo.

Estamos numa civilização de apócrifos, em que se pregou a maior de tôdas as mentiras: o homem deve alienar a sua personalidade, deve confiar em seus líderes, em seus guias, em seus "führer", porque só êles o poderão levar à conquista da cidadela da felicidade desejada, aspirada pelos rebanhos, aquela "felicidade pastoril" de que fala Nietzsche.

Quando, na verdade, se devia mostrar ao homem a sua potência criadora, essa acção criadora de que êle é capaz, quando confia em si mesmo e em seus semelhantes e, livremente, a êstes se associa para criar novas formas de vida. É outra grande mentira que os interesses da sociedade se contraponham aos interesses do "indivíduo", ou que não seja possível construir uma sociedade harmônica em que se assegure o bem-estar de todos, fundamentado no bem-estar de cada um. Para nós, o existencialismo, na feição que se apresenta, é apenas uma manifestação dessa revolta da personalidade ante a transformação do homem num simples animal de rebanho, num simples e disciplinado soldado de partido, num obediente e confiante componente de qualquer seita política ou religiosa, o futuro inseto do formigueiro "coletivista" do "insetismo" de amanhã, ideal de traição pregado aos homens pelos que não souberam ou não puderam encontrar um ideal melhor. E o acentuado pessimismo notado, por exemplo, em Sartre, é o resultado talvez de uma falta de confiança no homem, na sua capacidade de libertação, ao vê-lo empolgado na teia dos que desejam algemá-lo ainda mais, para "torná-lo livre" depois, como se o caminho da liberdade não fôsse apenas o da prática da própria liberdade.

É natural que ao nos referirmos ao existencialismo, tenhamos apenas tangenciado esta corrente filosófica por aspectos apenas superficiais.

O existencialismo merece uma análise muito mais cuidadosa. As condições históricas que o promovem precisam

ser examinadas com o máximo rigor, sobretudo para permitir que se coloque essa corrente dentro desse momento universal de decadência, que vem acentuando-se após a revolução francesa. Cometeríamos uma injustiça se, ao citarmos o nome de Sartre, não fizéssemos menção aos existencialistas alemães, como Heidegger, onde Sartre buscou suas idéias, e Jaspers. Para nós o existencialismo é uma dessas correntes de reacção de que a história da filosofia apresenta vários exemplos.

Não provocou o exagêro idealista a reacção positivista? E o exagêro realista do século dezanove não provocou o idealismo husserliano? A tendência totalizante na vida social, acentuada na luta pelo domínio, provocou a reacção existencialista ao assistir à redução constante do homem como pessoa. Tôda a história da filosofia é um relato dessas polarizações em luta. Isso não implica em menoscabo às tendências que se formam, porque, tôdas elas, ao acentuarem um aspecto, que é esquecido ou desprezado, realizam uma obra em benefício do próprio conhecimento e do progresso da própria filosofia. (Dizemos progresso na filosofia, conscientemente, porque, para nós, há em algo um certo progresso, por provocar a especulação sôbre a existência, e agora sob novos aspectos).

Além disso, não se pode deixar de reconhecer que, com Kierkegaard e Nietzsche, pioneiros do existencialismo, se inaugura na filosofia uma nova possibilidade. Tôda a filosofia do passado, até em suas manifestações materialistas mais conseqüentes, foi uma filosofia onde predominou a abstração do homem, embora os temas existencialistas já tivessem sido tratados pelos místicos.

O homem dos filósofos era o homem abstraído da sua individualidade, do seu drama pessoal, da sua vida pessoal, da sua história pessoal, o que marcava o carácter totalitário da filosofia, que se referia a todos e a ninguém, por isso talvez muitos possam compreender a profunda significa-

ção daquela oferta de Nietzsche no pórtico de "Assim falava Zaratustra": "Um livro para todos e para ninguém". Esse **homem** dos filósofos era um homem que podia ser trocado por outro. A filosofia existencialista dá uma ênfase ao homem como pessoa. Aí está o seu exagêro, mas também a sua grandeza.

O existencialismo não veio para substituir a filosofia até hoje. E se essa fôsse a sua intenção, poderíamos dizer que seria apenas um daqueles inúmeros sonhos que já conhecemos através da história da filosofia.

Mas uma coisa ficará: o homem abstrato das filosofias e das doutrinas políticas perdeu o seu absolutismo. Daqui por diante, só haverá legítima filosofia quando se considerar também o Pedro da Silva, que é único, pessoal, e não pode ser trocado por outro.

Bastaria citarmos a acentuação dos socialistas sôbre o fator econômico, tão pouco observado pelos idealistas, que até então dominavam no estudo histórico, muito embora reconheçamos que as próprias condições históricas do século dezanove predispunham esta acentuação. Rejeitar "in limine" o existencialismo é uma atitude dogmatista, própria de dogmáticos. A filosofia estava certa ao procurar o geral do homem, quer como espécie, quer como classe. Mas, ao procederem assim, quase tôdas as correntes se esqueciam do individual.

Um dos aspectos que mais nos preocupam no existencialismo é o de permitir o fácil ingresso, na problemática e no cerne dos temas da filosofia, dos arrivistas e dos literatos, o que levará a filosofia a cair em parte no âmbito da literatura e facilitar que se trate de filosofia com aquêle espírito irreverente, que é muito comum aos "littérateurs". As próprias afirmações de alguns existencialistas, que chegam até a estabelecer uma validez para a criação de filosofias individuais, como se a cada um fôsse possível ou permissível construir teorias ou interpretações com a mesma va-

lidez, é uma afirmação nihilista da pior espécie, por ser um estímulo para que se coloque a filosofia na mesma situação caótica em que se encontra actualmente a estética.

Não quer isto dizer que sejamos contrários à criação de novas perspectivas filosóficas; qualquer pessoa nos compreenderá. Mas afirmar daí uma validade acessível a todos é desconhecer o trabalho milenar da filosofia e as grandes dificuldades que ela oferece.

## ANTHERO DE QUENTAL

Anthero de Quental, impávido cavaleiro da meia-noite! Homem doloroso, que te cobriste com o sudário de tuas dúvidas, que sentiste os passos sepulcrais da morte e que ouviste, das longínquas distâncias, as vozes que arrepiaram tuas perguntas!

Alma visionária, passaste pelo mundo hostil, e silencioso e triste interrogaste as trevas e os amanheceres, com ódio e raiva e dor, em busca da realidade dos sonhos ideais que tu sonhaste.

Anthero, és bem o fim do século; sentiste as primeiras côres dessa agonia mansa de um grande crepúsculo, que há cinqüenta anos se esvai, em matizes, no ocidente. Há espadas de ouro, rasgando as nuvens por sobre os horizontes; há um violeta macio sobre os alaranjados das casas, horas côr de rosa que imitam o amor-paixão que se findou em teu século.

Anthero, no entanto, às vèzes, quando buscavas a fé, animavas a ti mesmo de impulsos cíclicos. Vinhas proclamar: "Avante! Os mortos ficarão sepultos... Mas os vivos que sigam, sacudindo com o pó da estrada os velhos cultos!"

Buscavas, assim, a idéia que seria mais luz, mais luz para as trevas de teus olhos, porque para ti a noite tinha mais luz que o dia. Mas haverá um lugar de eterna clareza, acreditavas. Precisavas acreditar para teu próprio equilíbrio. Mas êsse lá, "aonde é lá? Aonde?" Mas o mundo é mundo, a imensidade austera... E proclamavas, depois,

agitado pelo teu próprio cansaço, esgotado das longas esperas e das longas esperanças nas respostas que não vinham, que amarias a santa madrugada, os meios-dias de luz refulgendo, as tardes rumorosas... Mas era o espasmo de uma agonia, que vinha de dentro de ti, longínqua, andarenha, desde que nasceste, como a daquela alma irmã da tua, a de Antó.

“Este século, não és fogo, és luz!” Os obuses que quebram a calma repousada das longas noites, o matraquear das metralhadoras arranhariam tortuosamente os teus ouvidos.

Se visses, nesses dias de sol, pássaros de aço, que rasgam os céus azuis que invadem, para de lá lançarem bombas assassinas, que revoltas santas não sairiam terríveis dos teus lábios...

Anthero, meu impávido cavaleiro da meia-noite, tu foste o teu século, aquele negro, escuro, fantasmagórico século de luzes e de trevas. Século crepuscular, agonia do dia e da noite, que encheu de promessa a juventude, de estoicismo os homens amadurecidos pelos anos... Mas os teus filhos, os que viveram os seus últimos momentos agônicos, ante a noite que vinha arrastando seus mantos negros, “como um vento de morte e de ruína que a dúvida soprava sobre o universo”, no meio da noite monstruosa, do silêncio glacial, essa geração verteu as lágrimas geladas da descrença, uma a uma, sobre os seus peitos e, lentamente, sobre o mundo. Tu mesmo disseste: “Interrogo o infinito e às vezes choro...” Anthero, meu impávido cavaleiro da meia-noite, a tua voz de desespero e de dúvida foi o último cântico do teu século. Essa voz não era só tua, era a de todos os que, como tu, traziam longo tempo ignorado, junto de si, essa impassível companheira, essa filha do mesmo pai, irmã co-eterna de vossas almas, essa irmã do Amor e da Verdade.

\* \* \*

— Morte! irmã do Amor e da Verdade! Ó Circe misteriosa, que enganas os pobres mortais. Abre-lhes a porta dos santuários das promessas. E tu segues exausto e vacilante em busca do palácio encantado da Ventura. Quebrada tua espada, róta tua armadura, com grandes golpes bates à portas e bradas: “Eu sou o vagabundo, o Deserdado... Abri-vos, portas d’ouro, ante meus ais!”

Abrem-se as portas com fragor. E lá dentro só encontras silêncio e escuridão... e nada mais!...

Mas páras aí? Não; prossegues, cavaleiro andante das tuas insatisfações, ó trágica alma da meia-noite, tu queres crer, porque teu coração é que não dorme: “Ó Deus, meu pai e abrigo! Espero!... eu creio!...”

Mas tudo é inútil como as badaladas trágicas da noite. Percorres, depois, desesperado, em busca de ti mesmo. “Amortalhas na fé o pensamento e achas paz na inércia e no esquecimento, mas só te falta saber se Deus existe!”

Mas, depois, sentes verter sobre teu peito as lágrimas geladas da descrença. E os teus espectros te vão encher as noites de agonia e susto. E ela, a sedutora, te conquista. E eras já morto quando falavas: “Nem fantasmas noturnos visionários, nem desfilar de espectros mortuários, nem dentro de mim terror de Deus...”

Um muro de silêncio te cerca, mas ouves, longe, os passos da Morte. E ficas a fitar seus olhos profundos, sempre fixos, quando ela te abre os braços provocantes. E segues a tua companheira, porque homens como tu não têm outra amante nesse mundo do que essa fria virgem desdenhosa!

Homem da noite, que cantaste a morte; havia no teu elogio doloroso a voz de tua revolta. Viveste nesse fim de século sombrio, em que a Fé tombava ante as cutiladas inconoclastas de uma falsa ciência. Tu sofrias da Fé. Preciavas crer, para aliviar tua alma. Havia em ti a luta terrível da dúvida: agonia de fim de século. Vivias num instan-

te em que até o pensamento doía. A morte era, para ti, a resposta às tuas perguntas delirantes. Refletias, em tua obra, o mesmo grito desesperado dos que buscam inútilmente. Se a morte, tua irmã, te acolheu nos braços, não apaziguou os teus desejos, nesse sepulcral himeneu de tuas ânsias e desenganos. Procuraste na morte o que Nietzsche encontrou na loucura mansa e tranqüila.

Tuas interrogações esquentam os cérebros ardentes de tantos como tu, que perguntaram e perguntarão. A tua funérea Beatriz de mão gelada, que te enlouqueceu de místicos desejos, guarda ávida em seu silêncio mortuário, teu corpo humilde e frio. Mas teus pensamentos ecoam ainda, fúnebremente, pelo mundo, porque eles, Anthero, são os mesmos de todos os que sonham de olhos abertos em busca de caminhos insondáveis, doidamente dolorosos, nas noites sem fim. E a ronda das horas vagarosas passa espreitando atrás das trevas aquêles que, como tu, interrogam as estrélas. E elas lhes murmuram o mesmo convite caprichoso que lhes desperta o desejo das coisas tenebrosas e dos abismos.

E tu, tenho certeza, compreendes “a língua estranha, vozes do mar, da selva, da montanha... Almas irmãs da tua, almas cativas!...”

Ouve, Anthero, ouve a voz delas, porque é a tua!...

## A ARTE E A VIDA

BERNARD SHAW

Queremos, aqui, tão-sòmente, fixar um dos ângulos da obra de fino ironismo, o homem que se burla e tem burlado de tudo, mas que também, com sua ironia e seu humor, causticou os homens, analisando as suas instituições, examinando as suas esperanças e procurando, também, responder algumas das suas mais exigentes perguntas.

Para muitos, Shaw observou tão-sòmente o lado vulnerável das coisas e das idéias. Para êle, nada há de sagrado nem digno de respeito.

Em rápidos aforismos, em frases sòltas, lança a condensação de idéias que germinaram depois de longamente ruminadas em seu cérebro prodigioso.

“Man and Superman” é mais que comédia, é filosofia. É a filosofia de Don Juan, escondida atrás de Mr. John Tanner, tradução de Juan Tenório. Não é Don Juan “um herói sem finalidade”, que tem tôda sua alma na periferia, sem ser frívolo, que busca sòmente a satisfação dos seus desejos. É o anunciador de uma nova era e de uma nova humanidade. Com essa peça, Shaw contribuiu para responder a uma das mais exigentes perguntas do homem: que virá depois de tudo isto?

Aquêle personagem estranho, que é Mendoza, quando exclama:... “há duas tragédias na vida: uma é não atingir os desejos do coração, outra é atingí-los...”, é uma maravilhosa condensação de tôda a tragédia humana.

Shaw proclama-se um “revolucionista” não propriamente um revolucionário. Ele não acredita na filosofia de um Bakunine, que vê na “destruição o gérme da construção”. Ele prefere construir, transformar. Prefere a evolução mais rápida, não pelo choque que destrói e derruba, mas pela passagem das escalas. Quer a transmutação das partes e não o perecimento de uma das partes. Ele mesmo não acredita na revolução, quando afirma que elas nunca evitaram o peso das tiranias. Para ele, revolucionista é ser cético e não realizar movimentos sangrentos ou arremessar bombas. Shaw quer contribuir para uma transformação humana evolutiva, mas rápida.

É nietzscheano, embora nunca afirme o parentesco das suas idéias com o grande pensador alemão.

Acredita na vinda do Superhomem. Ele afirma essa possibilidade.

Ele diz mesmo: “... e chegaremos a encontrar a maneira de produzi-lo, graças ao velho método dos ensaios e dos erros, e não esperando que se produza ou chegue a dar-se com uma fórmula completa dos ingredientes que sejam necessários para a sua formação”.

Prega o socialismo do homem, não o socialismo das coisas do homem. Ridiculariza os sonhos, as utopias, mas cria um sonho e uma utopia. O seu “Manual do Revolucionista” é uma síntese política do obra de Nietzsche. Há frases que pertencem a ele, e Shaw presta, através das suas obras “Major Barbara” e “Man and Superman”, uma homenagem ao grande pensador do século passado, cuja obra está situada neste século, e cujas conseqüências só agora começam a se manifestar de maneira empolgante e viva. Ele presta essa homenagem, não proclamando a obra do grande pensador, mas filiando-se ao número dos seus discípulos.

Mas Nietzsche uma vez disse: “Mal corresponde ao mestre aquêle que nunca passe de discípulo...” Shaw guiando-se pelos caminhos indicados por Nietzsche, procura ultrapassá-lo, tentando alcançar mais distante.

Shaw corresponde, assim, bem ao Mestre.

## O RELÓGIO

“Eu digo as horas...” como se o relógio falasse a linguagem do tempo. Foi o sol quem primeiro marcou as horas. Ou melhor, foi o homem quem compreendeu a linguagem do tempo pelo sol. O relógio sofreu através dos tempos a sua evolução pitoresca. Dos *gnômons* chineses, das clepsidras egípcias, da ampulheta antiga, dos relógios de peso, das pêndulas, das montras e dos cronômetros ao relógio eletrônico, há uma história, há uma evolução, não só material, técnica, mas também psicológica. O homem viveu as quatro partes do dia: madrugada, manhã, tarde e noite. Marcava o tempo pelo sol, marcava o tempo pela luz. Foi o seu primeiro relógio. Josué, na batalha da Babilônia, quando parou o sol, pensou que parava o tempo. Porque o tempo era o sol, e o sol era o tempo. O homem ainda hoje vive, nas regiões campestres, quatro horas: madrugada, manhã, tarde e noite.

Nas pequenas cidades, vive vinte e quatro horas, e nas cidades médias, vive mil quatrocentos e quarenta minutos. E em Nova Iorque, Londres, Paris, Berlim, São Paulo, Chicago, vive os segundos, vive oitenta e seis mil e quatrocentos segundos.

Um escravo do tempo, escravo das quatro horas, escravo das vinte e quatro horas, escravo de pouco mais de um milhar de minutos, escravo de oito dezenas de milhares de segundos.

O tempo tem sido o maior inimigo do homem. Destroí as suas obras, destrói a sua verdade. É o grande devorador de verdades...

Seria banal dizer-se que nada do homem perdura ante ele. O tempo destrói tudo, só não destrói a si mesmo.

A circulação interior nos dá a sua idéia. É um dado apriorístico, mas subjetivamente podemos nos esquecer dele, quando dormimos, ou nos estados de euforia.

Medimos o espaço com o tempo. Como relacionar, porém, a lei da gravidade com o tempo? Para muitos, ele é apenas uma palavra. E para determinarmos a sua direção, precisamos do espaço. Não separamos o espaço do tempo, e como separar o tempo do espaço? Nós somos o tempo. O homem começou a dominar o universo, quando teve a primeira noção do tempo. Depois Einstein, Minkowsky puseram-se a criar quantidades imaginativas de tempo, o tempo absoluto, o tempo negativo, o tempo zero, menos que zero... Domínio do homem sobre o homem, o seu senhor... E nem por isso ele deixa de destruir o homem, porque é contínuo.

Marçamos e limitamos o ilimitável. Supremo criador e destruidor de tôdas as coisas.

Mas como concebê-lo sem o espaço? "O nada através do tempo..." é chocante pelo absurdo. Existe onde há espaço. Mas, como dizemos que tôdas as coisas estão no espaço quando marca as horas não marca o tempo. Marca uma impressão morta do tempo, porque este flui.

E se para nós possui uma influência importante, para os antigos nada ou quase nada significou. Que é o tempo para o hindu? E o valor das horas, dos minutos e dos segundos na nossa vida de hoje, em que as notícias se atropelam?

Os acontecimentos são vertiginosos. Uma hora envelhece um acontecimento nos momentos de grande crise psicológica, de ansiedade expectante: Agosto de 1914, Setembro de 1938, Agosto de 39, Junho de 40 e 41... Não pode o homem de hoje ser simbolizado com um relógio na mão e de olhos voltados para o seu mostrador?

## OS NÔMADES DA METRÓPOLE

A agricultura diferencia o homem de sua primitividade. A sedentarização do homem torna a natureza de hostil em amiga.

Nasce, daí, tôda uma seqüência de novos sentimentos e perspectivas que lhe plasmam uma nova psicologia.

Os horizontes comprimem-se. Fatores novos, quase misteriosos, começam a interferir. A transformação das coisas, que contempla de olhos maravilhosos, o desenvolvimento dos seus músculos superiores, transformam-lhe a fisionomia e a própria alma.

Brota uma nova religião da terra, cheia de complexos, e o homem abandona o simbolismo das ideologias dos povos caçadores. Aumentam-lhe os instintos de defesa em vez de ataque, e a universalização do homem sobrevém, porque ele começa a sentir-se parte da natureza, parte da paisagem que o acompanham e que o completa.

Sedentarizando-se, o homem estira o olhar para as distâncias cósmicas. Procura nos espaços, na regularidade das estações, a resposta a uma nova série de porquês que vão surgir em sua mente. E o "vir-a-ser" de uma cultura brota da terra, com as plantas que o homem aproveita. Essa cultura afirma a terra. As civilizações, que vêm posteriormente, negam-na. Instauram um signo inteiramente antivegetal. O homem das civilizações já não é mais o aldeão sedentário.

É o nômade das grandes metrópoles. As causas que antes formavam parte da paisagem, como na cultura chine-

sa primitiva, já negam a terra. Inverte-se a arquitetura. Há no homem das metrópoles um regresso aos pastôres e aos caçadores. Este já veste o seu corpo de uma indumentária mais leve, menos agressiva, menos defensiva. Necesita de leveza nos movimentos. Restringe a sua visualidade, e nega as transformações a que os seus olhos já não assistem.

Uma nova alma começa a nascer nessas cidades. O aldeão não pode senti-la, e estranha-a. Revolta-se, e a sua revolta é surda, sua incompreensão é cheia de silêncios desconfiados. Não compreende o seu "gosto" nem a sua "moda", porque os seus passos não andam no mesmo ritmo. E, por isso tudo, emudece.

Daí porque os movimentos partidos do campo, quando não assumem a fisionomia do desespero, têm a serenidade do silêncio.

E enquanto o aldeão guarda e conserva, nas metrópoles reforma-se.

O homem dessas metrópoles não afirma mais, nem nega. Prefere um agnosticismo prudente. Prefere o sorriso que dissimula ou a revolta que destrói.

É nas cidades que o dinheiro assume as proporções de um deus.

As coisas só têm o valor que o dinheiro lhes dá. Dissolvem-se nelas os velhos sentimentos, as tradições morais do campo. Essas grandes metrópoles, incrustadas nas grandes épocas da humanidade, dominam os espíritos, ditam as leis. Forma-se nelas uma mentalidade de superficial superioridade. Elas não sugerem mais, impõem.

Tudo o mais para elas é província, e província é o homem da planície, pois elas são a montanha, o vértice. Mas é dentro dessas cidades que as culturas morrem. Elas são símbolos de morte. A vida, que se agita nas suas ruas, é como a dos vermes que se movem no silêncio dos sepulcros.

## O SÍMBOLO DO AMANHÃ

A cidade adormecida de silêncio, e Pitágoras de Melo comigo pelas ruas me dizia:

— A noite é uma interpretação do "sepulcrum romanum" de Mussorgsk. Há um silêncio sepulcral de catacumbas, assim como um bailado egípcio de sombras enegrecidas de trevas. Mas os tacões das nossas botinas batem um compasso misterioso e as nossas palavras formam um cântico de fantasmas. E me apontando a luz amarela de um lampeão disse: Que faz aquela luz ali? Uma intrusa nessa noite, debochada a poluir as trevas. Tenho medo que algum auto busine por uma dessas ruas e desperte o silêncio e lamba as trevas com êsses faróis intoleráveis.

A gente, às vezes, tem fome de silêncio. E, numa noite dessas, num lugar assim, onde somente um cão late meio distante, e as ruas estão dormindo, há uma penetração maior dentro de nós. Uma entrevista conosco mesmo, com nossa alma, com nossos grandes silêncios interiores, entrevista que nos ajuda a compreender e a fazer confidências.

O silêncio é um grande estimulante. Por isso, nas igrejas, sentimo-nos tão conosco mesmos, e é por isso que, naquele silêncio nobre, despertam-se, muitas vezes, ânsias apostólicas.

Somos um conjunto de pedaços de outros seres, de antepassados, e há dentro de nós as grandes vitórias e as grandes derrotas subjetivas. Tenho vontade, às vezes, de escrever um livro. A história de um homem amante das sombras, um homem inatural. Um homem que fuja das relações

de tempo e de espaço e que seja só, na multidão. Um homem que beba a sua vida pelo seu copo e que se ponha além do sentimento, além do instinto, muito além do bem e do mal. Um homem que seja quase um deus e que queira ser o seu próprio destino. E esse livro eu ofereceria a todos aquêles que passam pela vida, anônimos, silenciosos, abatidos ante a derrota de serem só, para os que levam dentro de si tôda a tragédia subjetiva do seu grande malôgro. Assim como eu... — ajuntou num tom de voz mais doloroso, mas suave.

Esse personagem não seria sòmente dor e sòmente sofrimento.

Haveria nêle resplendores de alegria imortal e profunda. Haveria lá dentro, também, na sua alma, luzes imensas, que iluminariam desejos, sentimentos, ânsias e vitórias. Uma vontade de ser, de afirmar, de dominar, far-lhe-ia despertar uma sinfonia panteísta de entusiasmo, de glorificação de tôdas as suas energias, de reconciliações consigo e com o mundo, de um pessimismo criador, fecundo até na destruição, feroz e manso, luminoso e sombrio, trágico, extremado, valente; livre de tôdas as liberdades cidadinas que são as mais cruéis escravidões; que viveria as leis de sua própria natureza com o ritmo de suas próprias ambições e desejos; que amaria a alegria sem fugir da dor, e a vida sem temer a morte... Um homem que teria nas mãos a água lustral da felicidade e bebê-la-ia de lábios ressequidos, e não a deixaria escorrer pelos dedos...

E essa alma solitária seria uma afirmação, porque ela quereria buscar dentro de si as grandes afirmações que fazem falta. Haveria um delírio de ser si mesmo; êle buscaria suas partes perdidas pelos homens e pelas coisas...

Já clareava pelos lados do nascente. Nós dois havíamos, assim, passado a noite tôda, naquela divagação pelas ruas desertas. Já se ouvia o ruído dos caminhões que vinham para a cidade carregados de mantimentos.

Pitágoras encolhia-se de frio. Eu sentia êsse frio penetrar-me até à alma. E êle continuou:

— Há as águas que cantam nas manhãs claras, nos bosques perdidos, nas matas sôltas, e há uma felicidade nos seixos que rolam.

Como é tudo tão ingênuo como um sorriso de criança. Tudo tão manso como uma carícia, bom como um beijo na testa... E o vento que adeja pelas ruas nas árvores, é um gesto simples, um gesto de adeus, como de quem ficasse esperando pela gente, longe, lá longe, na distância...

E daqui a pouco é dia. E o sol rasgará as trevas da noite...

Daqui a pouco é dia. — Ele ficou estático como pensativo. E reboaram dos seus lábios esas palavras que ainda ouço: — Eles rasgaram os livros dos poetas e expulsaram os pensamentos dos filósofos e riram-se do sentimento. Foram cidades bombardeadas, crianças retalhadas, corpos ficaram ao abandono. E a sinfonia da dor teve o acompanhamento macabro das metralhadoras que gelaram, nos rostos, os sorrisos bons.

Um dia êles adoraram a Fé, mas riram-se dela depois, para crer na Razão. Hoje adoram a Senhora Dona Vida que passa... Mas depois de cada noite, há sempre um clarear de sol... E os pássaros ainda cantarão e as árvores ainda erguerão os seus galhos, e o vento ainda correrá feliz por entre as coisas. E o sol ainda será recebido como um Grão Senhor e será adorado como um deus. Ele que nos dá tudo sem que o peçamos. Será bem o símbolo de amanhã — quando se der tudo sem nada pedir — porque o sol é sempre o símbolo de amanhã...

## VIA LÁCTEA SUBJETIVA

— Gracián, um dos grandes pensadores desconhecidos, certa vez, em seu "Criticón", disse essas palavras... Um momento... — e Pitágoras de Melo pôs a mão no bolso em busca da famosa caderneta preta, onde anotava opiniões, frases esparsas, confissões, aforismos, seus e de outros. Ao seu gesto, sucedeu um meu de inteiro interesse. Eu tinha já há muito tempo o desejo de abrir aquela caderneta, onde Pitágoras, seguidamente, no meio de uma palestra, ou quando lia um livro, costumava tomar certas notas, que muitas vezes eram guardadas com o maior mistério, porque ele não dizia, por mais que perguntasse, o que ali havia anotado. — Um momentozinho... — prosseguiu ele, enquanto passava os olhos pelas páginas da caderneta. — Ah! Está aqui... Quisera eu ter cem olhos e cem mãos para satisfazer a curiosidade da alma e não posso..."

Essa avidez de Gracián é a minha, e, também, a tua avidez. Que pena não têmos cem olhos, cem mãos, cem corpos, cem vidas, para ver, para tocar, para sentir, para viver a plenitude de todas as coisas. Essa avidez consome a gente, não é? Amargura, angústia, porque a gente tem a impressão de que tudo nos deverá pertencer. Há uma certa inveja até das dores dos outros. Por que não estive em Waterloo? Por que não lutei ao lado de Leônidas, nas Termópilas? Se eu pudesse ter brandido uma espada nos dias sangrentos da Grande Revolução Francesa...

— De que lado lutarias, Pitágoras? — Perguntei com um sorriso.

— Não sei bem, amigo. Mas quem sabe, talvez morresse ao lado de um nobre, lutando contra a canalha das ruas. Havia-os tão covardes, como houve valentes. Talvez até lutasse contra todos.

Famoso espadachim, rival da "Morte Negra", émulo de "Du Guesclin", rebrilhariam a minha espada pelas ruas humildes e tortuosas de Paris... sei lá! Mas o que me queima a alma é essa avidez de conhecer as coisas, de as haver sentido, de as haver sofrido. Mil vidas desejaria morrer. Como seria belo morrer lutando, com um sorriso nos lábios...

O garção já colocara a bebida que eu havia pedido. Enquanto falava com Pitágoras, punha açúcar no café. Mas pusera sem controle. Quando o levou à boca, teve de cuspi-lo:

— Bah! Isso está amargo de doce...

— Também. Pusete açúcar demais.

— Veja você como a doçura demais é desagradável. Assim também seria uma felicidade demais, uma alegria demais.

Pitágoras prosseguiu entre tragos: — Eu tenho a ambição de um conhecimento absoluto. E o meu desejo, acredite, é também absoluto... Se pudesse penetrar nas coisas como um deus... seria maravilhoso.

— Quando é que você me vai mostrar essas suas notas aí? — e apontei-lhe para o bolso que guardava o caderno preto.

— Você deseja tanto assim?

— Uma curiosidadezinha quase infantil, você compreende.

— Pitágoras riu-se e abanou a cabeça. Ajuntou depois, tocando-me no braço:

— Não há nisso aí nada de extraordinário. Umhas anotações, umhas frases soltas, minhas, de cambulhada com as de outros, uns aforismos, umhas palavras quase sem senti-

do... e alguns versos... — acrescentou, baixando a cabeça num gesto caricatural de pudicícia que me fez rir.

— Por que não mostra alguns?

— Você já conhece muitos deles, não conhece? Agora há outros que... — pôs-se a coçar a cabeça e a sorrir distante. — Você sabe, a poesia é uma espécie de confedência conosco mesmos. Tem-se um certo pudor em fazê-la e maior ainda em mostrá-la. Depois essa minha poesia é um tanto minha, com ritmos das minhas vísceras, do meu sangue, da minha respiração, dos meus infortúnios e das minhas derrotazinhas.

— Mostra-me alguma coisa... — pedi com palavras, com a cabeça, com os olhos. — Uma qualquer, nova para mim. — Pitágoras abanava a cabeça, não, porém, de desacôrdo. Levou a mão ao bolso. Tirou a caderneta e abriu-a ao acaso. E leu-me sem ênfase, naturalmente:

— “Por que atiras sôbre a vida a pedra de tua queixa?

Não olhes para a tua dor como se ela abarcasse o mundo!...

A tua volta.

— Olha bem com teus olhos pisados —

há quem ria e há quem chore.

Lembra-te que há sempre uma dor maior que a tua!...”

Houve uma pausa depois. Pitágoras remexia as páginas da sua caderneta num silêncio grave.

— Lembra-te que há sempre uma dor maior que a tua!... — eu repetia essas palavras como num eco. — Isso reconcilia a gente, não é Pitágoras?

— Não sei não. Eu tenho, às vezes, uma certa vontade masoquista de ter a maior dor do mundo, de sofrer mais do que os outros, e, depois, solitário e silencioso, fazer disso tudo a “via láctea” da minha vida, uma via láctea irregular, mas profunda, e cheia de luminosidade e de cinzas, abissal e subjetiva, sabe?...

## MARCHA HUMANA

A marcha humana para o futuro é o caminho ao progresso. O homem de hoje vive para o amanhã, porque o passado não retorna senão na recordação ou materializa-se nas obras mortas. O presente é fugidio, escorre pelos dedos. Só ele nos pode dar o desejado. O homem primitivo não tinha futuro como não tinha passado. Por isso não tinha a consciência da história nem de ser um fenômeno histórico. Os gregos viviam também o presente, divinizavam o passado, e não prescrutavam o futuro.

Parecia-lhes eterna a vida. A suavidade do seu clima e a fisionomia da sua paisagem oferecia-lhes o prazer do momento fugaz. A prodigalidade do seu solo não lhes permitia olhar o futuro como uma interrogação.

Os egípcios, sentindo-se constrangidos a viver nas margens de um rio, cercados pelo deserto indomável, acreditavam no amanhã.

O Nilo vinha do mistério impenetrável das serranias que escalavam o céu. Era um presente dos deuses, e o Egito, um presente do Nilo.

As suas cheias periódicas, a regularidade das suas marés, marcavam no decorrer da sua existência as horas do tempo. E esperavam as cheias que alagariam os campos, que reverdeceriam as plantas dadivosas. E o Nilo era o seu rio sagrado. Sagrado porque lhes dava a vida, porque lhes dava o alimento. Sagrado, porque vencida o deserto indomável. O Nilo sempre vencera o deserto indomável, e era di-

vino porque era forte e, por ser divino era eterno e, por ser eterno, era sempre o amanhã, e por ser o amanhã, era que a alma egípcia tinha os olhos voltados para o futuro. O homem de hoje vive para o amanhã. Nada define tanto o espírito moderno como os olhares volvidos para as lonjuras. Todo progresso humano é realizado para o amanhã. Disseram que, se o homem conhecesse o futuro, perderia a admiração que lhe reserva. Se as obras humanas e, quando digo humanas, digo as obras coletivas do homem, voltam-se para o futuro, não é que, individualmente, acreditemos que esse futuro seja nosso, mas porque, coletivamente, acreditamos no amanhã, que é o futuro da espécie. Enquanto o homem é futuro não acredita na morte, embora a conheça. Quando o homem é só passado, então ele vê a morte esperando-o no fim da estrada, à beira do horizonte. É só aí que tem a consciência biológica da morte, e se o seu rosto se entristece porque vai trilhar um caminho diferente daquele em que viveu, resta-lhe, no entanto, nos olhos, o sorriso mal esboçado de quem não é inteiramente infeliz, porque quando a sua apagar, outro, mais moço, segurará a tocha que ele leva na mão e a erguerá mais alto, continuando o caminho que não pode percorrer. O homem morre no indivíduo, mas viverá na espécie. O homem morre no presente, mas viverá no futuro.

Sempre um amanhã virá depois.

#### QUAL DAS DUAS VERDADES?

O gosto amargo da vida nasce das relações dos homens entre si.

Nunca o homem odiou a natureza. O cearense, vencido pela seca, busca o litoral cheio de promessas. Mas a notícia das primeiras chuvas, arrasta-o de retôrno à terra que reverdece sob a umidade que o céu lhe deu. E volta sob a atração telúrica que o prende ao punhado de terra, que regou com seu suor e que lavrou com o melhor de suas forças. O homem nunca odiou a natureza. Ele teve, sempre, por ela, esse místico respeito que gravou no susto primitivo do seu terror cósmico. Nosso homem dos campos é a terra. Esta plasmou em sua alma, em seus costumes, em sua moral, o sentido profundo que vem das matas espessas, das montanhas escarpadas, dos rios potentes e caudalosos, dos cantos de pássaro, da exuberância de uma flora prodigiosa.

Aqui, nesta terra, até os adjetivos ricos desmerecem. O espanto é uma adoração. O misticismo busca o arrebatamento primitivo de um agradecimento alucinado. Há um delírio metafísico em toda a mitologia do nosso homem. O homem diviniza a natureza. Sempre o fez em todas as épocas e em todas as latitudes. Mas, aqui, o homem canta a força. Alucinado ante o poder imenso, ele vê na terra, na natureza, a exuberância dos sentimentos humanos dos deuses oprimidos pelas dores, que também doem nos peitos humanos. Os rios são lágrimas... Ele empresta à melancolia do seu limite a infinidade do mundo que lhe assombra os

olhos. O brasileiro tem visto na sua natureza a obra de um entusiasmo. Ele tem sentido na terra o mistério que ainda não decifrou. Nós temos sido acusados da nossa devoção. Vivemos quase sempre ufanados de nós mesmos, nessa contemplação narcisista de que nos acusaram. E, precisamente, aí está a nossa virtude. Se proclamarmos a grandeza de nossa terra, nunca, com isso, desmerecemos o homem. O brasileiro tem sido grande, tem sido heróico, nessa sua conquista do solo de sua pátria. Precisamente essa tem sido a nossa grande virtude. Numa natureza, onde se desperdiça luz, onde um céu azul conhece tôdas as gamas da luminosidade, onde o verde das matarias, dos prados, das montanhas recebeu a carícia festiva dêsse sol, a quietude de nossas campinas, o rumor das cachoeiras possantes, e o céu riscado de pássaros maravilhosos, tudo isso tem servido para encher nossa alma de anseios indefiníveis.

Somos uns enamorados de nossa grandeza. Acusam-nos dêsse crime aquêles que possuem a aridez das terras onde vivem, das planuras sem fim e sem vida, os céus mortiços, os sóis cambiantes, as madrugadas sem pássaros e os entardeceres desmaiados. Criticam-nos do crime de sua falta. Somos culpados de possuir as ausências dos outros povos. Ante uma natureza como a nossa, a primeira atitude do homem é de espanto, ou de adoração. Há algo de espanto em nossa adoração! Mas o homem brasileiro ama, adora e teme sua terra, mas vence-a.

Ninguém dominou a planície das caatingas senão o nosso caboclo.

Ninguém venceu a pletora de água da Amazônia, senão êsse mesmo caboclo de lábios rachados pela sede. Somos adoradores de nossa grandeza por isso. Ofuscamos-nos de um céu luminoso, adoramos a esmeralda das nossas matas e a vida indormida nas nossas terras e nas nossas flôres.

A noite é habitada dos zumbidos dos insetos, dos pássaros noturnos, das luzes que se movem. A nossa terra

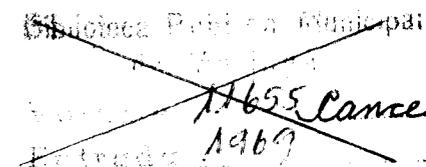
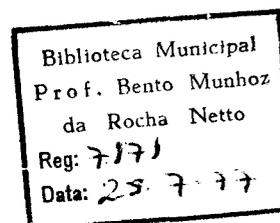
nunca cala, e o silêncio é para nós uma figura quase literária.

No ar incandescido vibram e fulguram partículas de vida. Há vida em cada punhado do nosso solo. Por isso, nós brasileiros, amamos a verdade que nos vem dessa terra. O nosso naturismo, aquêle que nos liga e nos aproxima do nosso solo, não é o produto de uma fantasmagoria, nem nos foi impôsto pela palavra dos homens. O nosso nativismo nasceu da terra, dessa terra vigorosa, que afirma numa alegria dionisíaca.

Podem os de longínquas plagas desmerecer os nossos homens e os trópicos. Podem nos caluniar, chamando-nos "degenerados" porque amamos o verde morno das nossas matas virgens. E em favor de que fazem êles isso? Em favor da moderação de suas terras, da natureza medíocre das zonas temperadas, que guarda um homem temperado, mas sem moderação.

Leitor amigo, permite que te pergunte: Qual das duas verdades preferes? Aquela montanha branca de neve, coberta pela cúpula ouro e sangue das auroras pálidas, quase sem vida, onde nem uma voz grita a afirmação do tempo, como se ali o tempo parasse à espera de si mesmo, ou a verdade morna que vem daquelas florestas emaranhadas de galhos e de troncos que ficam no alto daqueles montes, onde o uivo das feras rasga o espesso das folhagens, onde o zumbido dos insetos risca a carne das matas como arrepios incontidos, onde o marulhar de um veio d'água murmura histórias às plantas debruçadas sôbre a umidade tépida?

Qual das duas verdades preferes?



## HÁ LUGAR PARA UMA NOVA FILOSOFIA DO MUNDO?

O homem sente-se na hora presente como um enganado por si mesmo. Está gasto das longas expectativas e dos longos ideais.

Uma busca contínua para a consecução de um fim encontra finalmente um vácuo. E o homem não pede mais, porque os lábios cansam de pedir.

A oração seria uma mentira e assume nesses momentos as côres de uma caricatura.

O homem envergonha-se de si mesmo. Ele não marca mais um fim para a sua vida, porque sente-se tocando os limites. E como êle não pode transpor a barreira que lhe impede a sua marcha, prefere negar a própria barreira como uma renúncia para a luta.

É aí que o homem é um derrotado.

E sente-se infeliz, porque nega a própria vida.

Não tem mais o prazer do egoísmo quando construtor. O homem é como o animal pré-histórico, embora não more mais em cavernas, mas em arranha-céus portentosos. Não grita pelo tom de voz mais alto, mas pela amplificação e os alto-falantes, como se o seu grito pudesse assim despertar os deuses que dormem no Olimpo o sono sem fim dos que esquecem.

O homem de hoje é um fatigado. Há no seu rosto o desfiguramento dos que conhecem a derrota, porque o homem de hoje derrotou a si mesmo.

Não tem mais a consolação de uma vitória.

E quando destrói, êle o faz para destruir-se.

A vulgaridade da vida aniquila, até nos grandes espíritos, a fé em si mesmos.

Êsse grande cansaço da atualidade não nega a possibilidade de uma nova filosofia para o mundo. Nem afirma, tão pouco, a morte do progresso cultural do homem.

Se os homens de hoje, em sua maioria, esquecem de perguntar, para se livrarem do incômodo das respostas, não quer dizer que novas perguntas não estejam pairando.

Tôda a nossa verdade tem sido feita de erros. E quando êsses êrros são substituídos por outros é que se forma uma nova verdade.

O homem tem sido um descontente da vida. Tem feito uma filosofia negando o mundo, em busca de outro melhor, em vez de construir o seu mundo.

Já dizia Spengler: "A planta vive sem saber que vive. O animal vive e sabe. O homem admira-se de viver e pergunta. Mas o homem não pode dar uma resposta à sua pergunta; só pode crer na exatidão da sua resposta e nisto não existe a menor diferença entre Aristóteles e o mais mísero selvagem".

E o homem precisa responder às novas perguntas que surgem neste instante decisivo da humanidade.

Há talvez em Nietzsche o veio de uma nova filosofia. Há o descortino de um novo mundo. E, talvez sem o saberem, no grande conflito atual, joga-se de uma vez para sempre o destino da sua filosofia.

Quando êle disse:

"Sei que algum dia o meu nome se aliará, em recordação, a algo de terrível, a uma crise como nunca ocorreu, à mais tremenda colisão de consciência, a uma sentença de-

finitiva, pronunciada contra tudo aquilo que se acreditava, exigia e santificava até então.

Eu não sou um homem: sou dinamite”.

“A minha verdade é espantosa, porque a mentira agora se denominou verdade. “Transmutação de todos os valores”: eis a minha fórmula para um ato de suprema determinação em si mesmo na humanidade, ato que em mim se tornou carne e gênio”.

“Sòzinho, fui eu o descobridor da verdade, porque fui o primeiro a sentir como tal a mentira...”

“Por isso, sou necessariamente também o homem fatal; porque, se a verdade entra em luta com a mentira milenária, haverá convulsões, terremotos, deslocções de montanhas e de vales, coisas que nunca se imaginaram nem mesmo em sonhos. Então, o conceito de política se absorverá todo em luta de espíritos e tódas as formações potenciais da antiga sociedade irão para os ares, porque tódas assentam na mentira: haverá guerras como nunca houve na terra. Sòmente depois de mim começará no mundo a grande política...”

Ele previa já o embate de hoje, que é a “mais tremenda colisão de consciências”.

Transmutação de todos os valores, potencialização e valorização do homem, estabelecimento de uma nova aristocracia, liquidação do socialismo de rebanho por um socialismo que se funde num individualismo construtor, criação de uma nova perspectiva, nova ordem econômica sob uma base mais correspondente à natureza, libertação dos instintos guiados por uma orientação sadia, nova religiosidade, talvez venham a surgir desse grande choque de tódas as ideologias.

Haverá, portanto, lugar para uma nova filosofia do mundo?

Até quanto tempo ficaremos devendo uma resposta?

## ODE HINDU

As pedras não necessitam de esperanças, mas nós, sim, necessitamos. Humildes pedras que caem, rolam ou dormem no fundo do mar, da terra. Elas não querem explicar o mundo.

Não somos humildes quando as imitamos, como não é humilde o pássaro que não voa. Apenas, quando humanos, somos humildes. Quando perece a justiça, e o vício e o despotismo se alçam cruéis, e erguemos a nossa voz, nesse momento nos convertemos em criaturas.

O ser está além da trajetória da flecha. Ela se detém asombrada ante a resistência invisível. Mas é em nós que está também o absoluto. O vento pode sacudir as fólhas das árvores, mas o vento passa e elas ficam.

Um dia a morte há de nos levar à morada do velho poeta, e seremos seus hóspedes.

Lá conheceremos o tempo que não precisa do quando, e o espaço que não precisa do onde; lá aprenderemos a ouvir os segredos do silêncio.

## AS TRÊS HUMANIDADES

A civilização é a metrópole. Cada vez cresce mais a separação entre os metropolitanos e os provincianos. Enquanto estes continuam a ser os guardiões das culturas, aquêles aniquilam-se na morte das idéias, que substituem por brilhos de moeda falsa. Estamos numa época de decadência, porque se instaura definitivamente no mundo, mais uma vez, o predomínio incontestado das metrópoles.

São elas que falam em nome dos povos. Paris é a França; Berlim é a Alemanha; Londres, a Inglaterra, e Nova Iorque, os Estados Unidos.

São essas cidades os oráculos dos povos e apontam os destinos das nações. No entanto, nelas existe a depressão de todos os valores do homem. E é por isso que elas são o primeiro capítulo da decadência.

A separação entre o metropolitano e o provinciano é crescente, repito. Podemos distingui-los pelos seguintes caracteres que ressaltam, no metropolitano: cinismo, desinteresse pelos grandes problemas interrogativos do homem; ausência da dúvida; espírito folgazão; jargão cheio de molequismo como meio de linguagem; falta constante do espírito de conservadorismo, sob qualquer aspecto; necessidade imprescindível de encher o vazio interior com divertimentos mais violentos, excitantes mais rápidos; pouca elegância nas maneiras; tendência para o chiste, para o humor, o trocadilho; tendência às exterioridades, manifesta mais intensamente na busca do vestiário; pretensão de superioridade sobre o provinciano que lhe serve de motivo de ridículo, so-

bretudo quanto às virtudes que este possui e que são olhadas pelo metropolitano como reminiscências de épocas anteriores que ele julga já ultrapassadas; aumento do esquerdismo nas massas; na arte é atraído pelo temporal, pelo passageiro, pelo epidérmico; não compreende mais arte pela arte; dissociação dos sentimentos nobres que eles os eiva de interesses e de lucros próximos; ausência do heroísmo desinteressado; gosto pela literatura leve, pelo romance em vez do ensaio, pela novela em vez do estudo; ausência de ideais excelsos, substituídos pelas ânsias de vitórias materiais; volubilidade crescente; radicalização às ruas: "Tenho asfalto na alma..."; nova concepção utilitária do amor; transformação do casamento em companheirismo; transformação do sentido provinciano da mulher; tendência para maior liberdade sexual; aumento da neurastenia e doenças nervosas; modificação degenerativa de todos os sentimentos; diminuição do sentido do destino, do signo, para incremento do sentido de causalidade; redução dos instintos por uma padronização consciente normativa de um "modus-vivendi"; maior tensão e vigília na vida; mais vazio nas almas; artificialização crescente da vida e da criação consciente; predomínio da moda, que segue num ritmo cada vez mais rápido; instalação do provisório em suas construções e obras de arquitetura e conseqüente espírito de "moda", na arte, com o envelhecimento precoce dos seus ídolos; instalação de crenças variadas, com codificações de cunho típico metropolitano; maior ingenuidade na aceitação dos fatos e nos divertimentos; maior atração pela luz e pelo movimento; mais crescente o sentido de morte nas obras humanas metropolitanas, que trazem sempre o gérmen da destruição; completa ausência do sentido de reversibilidade do tempo, consciência mais forte da hora que passa, do segundo que passa; gosto pelas coisas "exquises", instauração da música de sons vitais e do ritmo mais sexual; predominância no consciente dos problemas de ordem sexual; aumento do "taedium vitae"; maior fixação íntima da

cidade que nunca abandona o metropolitano, mesmo quando ausente dela; instalação do herói citadino, de brilho rápido, que se salienta por qualquer realização provisória como esportistas, políticos, locutores de rádio, aviadores, etc.; maior desagregação dos elementos raciais, para dar nascimento a um tipo comum; ausência de espiritualismo, com crescente desenvolvimento de doutrinas de fundo causal, científico; divinização do dinheiro em contraposição ao sentido econômico rural dos bens; infecundidade física e espiritual; ausência de angústia quando se vê o último de sua família, sem possibilidade de perpetuação; redução da natalidade, ao princípio como consequência de ordem econômica, finalmente formando o espírito do homem citadino; redução do instinto maternal das mulheres, que passam brusca-mente da meninice para a maturidade; ausência do brinque-do ingênuo, infantil; espírito emancipativo das mulheres; uniformização da urbanística metropolitana, entre si, entre as grandes cidades; a música, a literatura, e a pintura e a escultura assumem um caráter profissional; ausência do estilo e instalação do gosto; desaparecimento dos costumes para dar lugar às maneiras de comportamento; desaparecimento do traje popular pela influência de uma moda variável; ânsia de imposição do estilo metropolitano sobre as partes ainda não conquistadas; ânsia de imposição de formas genéricas para o domínio no mundo inteiro; aumento crescente do agnosticismo como atitude filosófica, como posição mais fácil para enfrentar as grandes e eternas perguntas; a originalidade como signo de decadência; nas metrópoles, na ânsia de originalidade, "Os homens excelsos não são originais".

Justifico por final o título: três humanidades.

A primeira é a da província, a segunda, a das metrópoles, e a terceira a que há de vir, após a grande transmutação do mundo, após a grande carnificina.

## O LOUCO QUE VENDIA JUÍZO

Dizia-me Pitágoras de Mello:

— Marchamos para uma segunda religiosidade. E não creia, como outro dia aquêlê senhor de barba escura declarava, que a religião haja perdido o seu prestígio. Nada disso. Ele assegurou-nos que a ciência era o sucedâneo da religião e que os homens de hoje não precisam mais dela, porque, numa época prática como a que estamos, basta a ciência para fazer a felicidade humana.

O meu silêncio, naquêlê momento, não julgue que foi covardia. Absolutamente. Calei-me porque tive a consciência da inutilidade de minhas palavras para demover quem, unilateralmente, está convicto de que possui pensamentos profundos. Quando vejo alguém querer determinar os acontecimentos do mundo pelo esquema que preconcebida-mente estabelece, coloco-me em guarda. Sei que você, mentalmente, irá pensar que eu seja contraditório, porque também tenho, às vezes, essa mania de que podemos determinar a direção dos acontecimentos. De fato, sou assim. Mas creia que o não faço racionalmente. Faço-o intuitivamente. Não busco elementos, não amontôo causas, para, com elas, depois de dispostas, concluir a direção dos acontecimentos. Proclamo mais as minhas intuições e saiba que tenho acertado muitas vezes, porque precisamente contrario as minhas opiniões lógicas ou aquelas resultantes que a minha razão me tem fornecido. Mas voltemos ao caso doutro dia. Estava em face de um obstinado e, em absoluto, nego-me a discutir com obstinados, porque não sou dêsse

gênero. Julgam os que pensam como êle que fazem uma grande honra à ciência em julgá-la o sucedâneo da religião. Religião, para mim, é uma coisa mais séria do que parece. Há os que riem quando se fala nela.

Que fazer? Há muitas espécies de se ser religioso e, no fundo, cada um tem a sua. O homenzinho barbudo tem a sua, que é a ciência. Adorará seus santos, que são Lavoisier, Volta, Aristarco, Pasteur, etc. Assim um filósofo, que visse na filosofia o sucedâneo da religião, adoraria Aristóteles, Empédocles, Platão, Kant. Ora, tudo isso é supinamente ridículo. Não sou religioso, declaro. Não o sendo, sou. Tenho minha maneira de ver o mundo, de interpretá-lo. Cada um tem a sua e muitos têm a mesma. Se uns se julgam na posse da verdade, outros querem reagir contra essa verdade. Os próprios cientistas não se entendem. Os filósofos seguem o mesmo caminho e os futebolistas também não ficam atrás. Os que acusam os outros de intransigentes, também não transigem. Em suma, somos um amontoado de errados.

— Mas em suma, em que ficamos?

— Onde quero chegar, nem sei bem. Não marquei um rumo aos meus pensamentos e êles correm livremente, como vêm. O que quero é focar o assunto da religião sob um aspecto genuinamente razoável. Julgo que há gente que precisa da religião, como há gente que explora a religião. O homem sempre precisa de crenças, porque o homem, animal que interroga, quer uma resposta. Quem tem a verdade: Platão ou o homem religioso das ruas? O homem humilde e simples homem que responde com uma crença primitiva e mística às suas interrogações, aproxima-se tanto da verdade como Platão, como Kant, como eu, como você. Nossa verdade sempre está em contraposição com a dos outros. A ciência proclama as suas. Destitui-as depois. Substitui-as, modifica-as, transforma-as. Vem um proclama uma, vem outro proclama outra. E quem dá a última palavra julga-se

com o direito de afirmar que os outros estão errados. Há irreligiosidade no mundo atual, não nego. Isso é crescente. Sempre houve dessa irreligiosidade nesses momentos agônicos. Mas uma segunda religiosidade desponta sempre nesses instantes de luta. O homem volta à busca de suas crenças. Isso não é uma regressão, porque aí não há regressos. A nossa época mecanizada nos cria a convicção de que o homem fará a sua felicidade pela máquina. A máquina é um meio. E tanto nos poderá dar a felicidade como a tortura. O homem que se acostumou com a máquina julgou-se libertado das crenças, mas escravizou-se a novas crenças. Que buscam êles?

A segunda religiosidade, que virá, terá suas profundas interferências no destino dos homens. Aquêles que se julgam mais libertados, porque podem proclamar que não têm religião, não encontram meios para diminuir suas inquietações. São, às vêzes, mais profundas e mais dolorosas que as inquietações do homem religioso. Porque iremos procurar aquêles, que em sua humildade preferem acreditar em fôrças sobrenaturais, pregando-lhes uma solução dentro da ciência, que também acredita em fôrças desconhecidas, em hipóteses insolucionáveis, se os outros possuem também suas hipóteses? Que direito cabe ao que crê numa frase, de combater aquêles que crê numa individualidade? E se os que aceitam a ciência prestam um culto à energia, ao próton, ao átomo, às fôrças cósmicas, porque quererá destruir a crença daquele que acredita num ser inteligente que dirige os destinos do universo? Diminuiremos com isso suas inquietações ou iremos substituir as que têm por outras, muitas vêzes mais terríveis e avassalantes? Que lhe darão em troca? Por um punhado de ilusões, outro punhado de ilusões... Isso até me faz recordar a fábula de Lafontaine, a do louco que vendia siso...

## O ESTRATAGEMA DAS SERPENTES

O conselho é sempre uma inútil advertência, uma proposta que possui a virtude de nunca ser aceita, que todos gostam de dar e ninguém de receber. Todos somos médicos para os males dos outros e para cada qual damos uma terapêutica, porque cada um tem sua medicina infalível. A juventude não gosta de ouvir conselhos e, na idade adulta, cometemos o mesmo erro que imputamos aos jovens, e prosseguimos não ouvindo as recomendações que nos dão. Desde Adão que o conselho é uma fórmula um tanto desmoralizada. \*Já a serpente, ofidicamente esperta e viva, compreendeu a inutilidade de se dirigir diretamente a Adão para industriá-lo. Conhecia, desde aquela época, o coração humano; melhor diríamos: o do homem. Adão não aceitaria o seu convite. Podia adorná-lo de frases lindas — e a serpente foi precursor dos artistas — podia pôr uma tonalidade convincente de voz, rebuscar, num estilo bem medido, palavras certas, que despertariam os instintos que dormitavam em Adão. A serpente poderia ter feito, pois tinha lábia suficientemente reptilesca, mas Adão era homem e não fôra feito para ouvir admoestações, porque lhe inculcaram os deuses um pouco dêsse chamado complexo quixotesco de superioridade.

Mas Eva, e a mulher o atesta, por outro lado, sofre um certo complexo de inferioridade. A serpente sabia disso, e conhecia psicanálise melhor que o dr. Freud, e usou de uma dissuasão indireta. Foi à Eva em vez de Adão, já que este não aceitaria sugestões, pois é sempre demasiadamente alti-

vo e cabeça dura para aceitar opiniões dos outros. Eva não era assim. Bastava tocar em sua vaidade, despertável sempre por sentir-se inferior. A serpente sabia que a vaidade possui razões que a razão desconhece, e ainda aí, a serpente precedia Pascal e superava-o. Expôs-lhe o que era o “fruto proibido”: êle era tudo, precisamente tudo o que lhe faltava.

A falta tem sempre um gôsto de proibição, desde os tempos adâmicos, e a serpente usou o eterno stratagem: o das ausências. Tudo o que Eva quisesse, desejasse, e mesmo o que ela, em sua nudez e em sua inocência, não conhecia nem poderia desejar, aquêle fruto tão maduro pelo sol, tão à mão, tão fácil para os olhos e para os lábios, ali estava para oferecer-lhe encantamentos insuspeitados.

A exortação da serpente obteve bom êxito. Mas o que a serpente queria não era Eva, porque se sômente ela pecasse, sabia, o Criador seria condescendente, magnânimo, sobretudo tratando-se de uma pobre mulher. Se, porém, Adão seguisse o seu conselho e pecasse, tudo seria diferente, porque Adão era demasiadamente robusto, enérgico, vivo, de postura atlética, cheio de vontade, convicto de sua superioridade histórica por ser o primeiro homem na face da Terra. A serpente sabia que o Senhor não lhe perdoaria a desobediência. No entanto, se fôsse Adão o pecador, impediria êle que Eva também o fôsse. Ante o seu crime, seria capaz de um gesto de suprema abnegação, porque a um homem, como Adão, tudo era possível, sobretudo tratando-se de uma mulher como Eva. E ela seria poupada, e a serpente não ganharia a glória de ter arrastado para o mundo, para o seu mundo, para a terra, para além das fronteiras do Paraíso, antecâmara do Céu, o homem que ela disputava com o Senhor. Por isso preferiu ir diretamente a Eva para atingir Adão, e tudo seria obtido com a máxima facilidade. E além disso, retirava ao Senhor a oportunidade de perdoar.

O fruto proibido prometia tanta coisa... umas reticências provocadoras... e Eva não resistiria.

Não andava ela pelo Paraíso à cata de tudo, querendo ver tudo, examinando tudo? Não a vira abrir as conchinhas, espreitar os ninhos, esconder-se atrás das árvores para surpreender as intimidades dos animais? Essa volúpia de saber era demasiadamente superficial, mas indicava-lhe, natural e ingenuamente, o ponto fraco onde atacar. E foi.

Eva, a princípio, relutou. Mas quando a serpente lhe pôs nas mãos e junto ao rosto o fruto maduro, rosado, apetitoso, foi negando com a cabeça que Eva o segurou. E comeu-o. Poderia guardar segredo? A serpente sabia que não. Ela jamais deixava de dizer a Adão tudo o que aprendia durante o dia.

Não guardaria para si o segredo, e depois um anjo do Senhor andava espreitando-os, e certamente descobriria tudo, e Adão, num rompante heróico, se solidarizaria com ela. E se tremesse ante a ira do Senhor? Esse pensamento era demasiado doloroso para que a serpente o contivesse.

Por isso, insinuou-lhe que dissesse a Adão, e já.

Nada mais expressivo que a confissão adâmica, quando o Senhor lhe perguntou porque o desobedecera, comendo o fruto proibido: "Foi Eva quem m'o deu, e eu comi..." Ingênua e nobre resposta, simples, mas histórica, vindo de Eva, embora forjado pela serpente, era aceita, e uma das primeiras leis psicológicas formou-se nos tempos felizes do paraíso terrestre: o homem só aceita conselhos quando eles vêm por intermédio da mulher.

Adão inaugurou esse sistema que, depois, formaria a técnica vulgar dos que desejam dominar e arrastar os homens. Veja-se a história: tôdas as conquistas humanas, tôdas as ideologias, tôdas as idéias vencem, quando mulheres as encarnam, para fundi-las na alma dos homens.

O homem sempre desconfia do homem, e o seu complexo de superioridade não lhe permite aceitar orientações dadas por outro homem. Reage sempre; seu primeiro impulso é sempre de oposição. A mulher, não; vem como Eva, de mansinho, meiga, serena, gentil, e pede sem pedir, propondo. Conjura de baixo, não de cima; e aí está o sucesso dos conselhos femininos. Obriga, por isso, a que o homem pense sobre o convite.

E a fôrça reativa, que gera seu complexo de superioridade, desaparece ante ela, porque não a considera igual. É outro sexo, e, pensando ou não, aceita. Assim, aqueles que desejam ou desejarem aconselhar os homens, façam-no através das mulheres. Não tem sido outra a técnica dos dominadores, desde Maquiavel e muito antes de Maquiavel, desde a serpente, que foi a primeira adepta da psicologia aplicada, nos bons tempos áureos do paraíso terrestre...

### POR UMA APROXIMAÇÃO HUMANA...

Julien Benda procurou demonstrar, por uma leitura precipitada ou superficial da obra do criador de "Gaya Scientia", que êle foi o antecipado teórico das idéias pangermanistas, do chauvinismo, das teorias étnicas, do anti-semitismo e, portanto, avô do nazismo. Já em dois trabalhos nossos — "Nietzsche e o povo alemão" e "Hitler, mau discípulo de Nietzsche" — procuramos provar que, em absoluto, não existe nenhuma procedência nessas afirmações, que são frutos exclusivos de uma leitura precipitada e previamente parcial da obra de Nietzsche.

"Nós, os sem pátria, estamos unidos por nossas origens de demasiadas raças diversas, para podermos ser tentados a imitar essa vaidosa e enganadora glorificação de raça, que se passa hoje, na Alemanha, por prova de patriotismo.

Que não cheguemos ser testemunhas de uma política que levante barreiras ao redor dos povos e tenda a embrutecer o espírito alemão, insuflando-lhe um orgulho ridículo!"

Isso Nietzsche pronunciou em 1885, em "Gaya Scientia", um dos seus maiores e mais pujantes livros. Como é diferente essa manifestação da de Hitler em "Mein Kampf". "É necessário chegar-se à convicção de que é maior honra ser-se cidadão alemão, embora não seja mais que um varredor de ruas, que ser rei no estrangeiro!" A atividade filosófica de Nietzsche foi toda orientada por uma aproximação humana. Êle se excedeu no desejo de conciliar coisas aparentemente inconciliáveis. Sempre acreditou na possibilidade de ser criada uma comunidade humana de vida espi-

ritual intensa, que nenhuma reivindicação de origem nacional ou individual pudesse limitar ou diminuir. Erraram aquêles que julgam que suas afirmações sobre a vontade de potência e o desenvolvimento do individualismo tenham um sentido político ou nacional. Há ali, somente, uma afirmação baseada na própria biologia, na própria organização instintiva do homem, sem que isso seja a possibilidade de criação de abismos intransponíveis. Nos seus últimos anos de vida, Nietzsche, referindo-se ao seu livro inconcluso "Vontade de Potência", exclamou essas palavras:

"Conto, neste livro, a história de dois séculos próximos. Conto o que sucederá certamente, o que não poderá deixar de suceder: o advento do nihilismo.

Transcrevemos aqui algumas palavras de Nietzsche sobre seu conceito de nihilismo: "... é o espanto diante do falso" ... Vácuo; ausência de pensamento; as paixões fortes circundam objetos sem valor; — necessidade de refletir com ironia e frieza em relação a si mesmo. Os mais fortes impulsos aparecem sedutores e mentirosos: como se devêramos acreditar em seus objetivos. A maior força não sabe a quem servir... Os meios existem, mas não sabem para qual fim. — O ateísmo é encarado como uma falta de ideal... Fase de negação apaixonada: o desejo longamente acumulado da afirmação em relação à negação... mesmo em relação à dúvida... mesmo em relação à ironia... mesmo em relação ao próprio desprezo...

A mentira não será alguma coisa de divino? O valor de tôdas as coisas não reside precisamente no fato de serem falsas?... Não se poderia crer em Deus, não mais por que seja verdadeiro, mas POR QUE SEJA FALSO?... O desespero não é somente a consequência de uma crença na verdade divina?

Assim pensam os nihilistas. E quem desde aqui vos dirige a palavra não fêz, até agora, mais que reflexionar:

como filósofo e solitário por instinto, que encontra proveito na vida à parte, na paciência, no aprazamento e na demora; como um espírito aventureiro e temerário que já se extraviou não poucas vezes, em todos os labirintos do porvir; como pássaro-profeta que “olha para trás quando relata o que há de ocorrer, primeiro nihilista perfeito da Europa, mas que superou o nihilismo (que o viveu em sua alma), deixando-o atrás de si, fora de si. “Ter percorrido todo o ciclo da alma moderna, ter-me detido em cada um dos rincões, é o meu orgulho, minha tortura e minha felicidade. E como resultado, ter sobrepassado o pessimismo, e um olhar goetheano de boa vontade e de amor...”

Todo o fundamento do nazismo é anti-semita, e Nietzsche nunca foi anti-semita. Tanto é assim que rompeu com sua irmã Isabel por haver casado com um anti-semita declarado e ferrenho. Numa carta que escreveu nessa ocasião à sua irmã, teve palavras como estas: ... “a campanha contra os judeus tem sempre sido coisa de gente baixa, invejosa e covarde; e todo aquê que participe de tal campanha revela, por si só, sua mentalidade de canalha...” Ele reconheceu, através de suas obras, certos traços desagradáveis do povo judaico, mas isso não impediu que, por diversas vezes, mostrasse sua admiração por um povo, que nos deu Jesus, o doce rabino, que morreu pela ação odiosa dos fariseus — que existem em tôdas as épocas — e não pelo povo; ele admirou o gênio de um Spinoza, e Paulo de Tarso foi uma das personalidades que lhe mereceram a maior atenção.

Ele sempre aclamou o gênio do povo judaico, havendo tecido belas páginas sobre a “Bíblia”, a obra máxima que o espírito humano já produziu. E sobre esse povo teve ainda palavras como estas: “Nos tempos mais sombrios da Idade Média, quando as superstições asiáticas pesavam mais gravemente sobre a Europa, os judeus foram livre pensadores, sábios, médicos, que mantiveram, no alto, a compreensão

das luzes e da independência espiritual, em meio e apesar das duras condições que suportaram. Deve-se aos seus esforços, em grande parte, que a cadeia da civilização que nos une à antiguidade greco-romana, haja permanecido ininterrupta”.

Nunca foi êle, portanto, um totalitário. E essas palavras finais que transcrevemos de seu livro “Schopenhauer como educador”, são expressivas: “Afirmar que o Estado é o fim supremo da humanidade, e que para o indivíduo não há fim superior ao de servir ao Estado, não é um retôrno ao paganismo, mas sim à estupidez”. E essas palavras ilustram em definitivo a nossa tese de que Nietzsche não foi um espírito totalitário, nem absolutamente foi o precursor do nacional-socialismo.

## O HOMEM QUE FALAVA POR APÓLOGOS

O homem de cabelos longos falava numa voz mansa, e todos os olhos voltavam-se para êle e nem os pássaros, que cantavam na figueira que lhes dava sombra, desviavam a atenção daqueles rústicos ouvintes.

E lentamente, como se temesse que a rapidez dos meus passos pudesse perturbar aquêles que o cercavam, fui-me aproximando e ouvi:

— ... O homem que vinha das idades passadas, quando via uma mulher linda, sentia pulsar fortemente o coração. Êle acreditava no caminhar terno do progresso. Tôdas as coisas eram conquistadas. E cada dia que passava, os homens conquistavam novas vitórias sôbre a terra. E tinham fé no infinito das suas vitórias. Mas o homem que vem da idade presente, embora admire muito as mulheres belas, não sente pulsar tanto o seu coração. Ê que o “homem das idades presentes” não tem nos olhos o mesmo brilho claro do “homem das idades passadas”.

Quando viu o colapso do progresso, e que o crescimento das vitórias humanas haviam encontrado uma barreira, deixou pousar no seu rosto um traço de tristeza. E o seu sorriso, se não é tão profundo como o do homem das idades passadas, é mais ruidoso, embora menos musical.

Ê o homem que perdeu a fé. E é por isso que pulsa menos o seu coração...

— Senhor! ... — perguntou um daqueles rústicos ouvintes, que usava uma barba branca e tinha os olhos enco-

vados e o rosto magro. — Dizei-me: quando o mundo se livrará da guerra?

— Irmãos — respondeu o homem dos cabelos compridos, que iam até os ombros — em verdade vos digo: a guerra só terminará quando os homens forem irmãos. Uma vez, as mães de todo o mundo se reuniram. E a mais sábia entre elas disse: “Nós, as mães de todo o mundo, criamos em nossas entranhas os nossos filhos. E depois, êles, que tantas lágrimas nos fizeram verter, que tantas noites de insônia fizeram queimar os nossos olhos, que tantas dores nos cravaram no peito, vão à luta para se matarem uns aos outros. Por que gerar filhos que vão morrer nos campos de batalha? Se nós, as mães de todo o mundo, nos uníssemos, para combater as guerras? Se nós, as mães de todo o mundo, nos obrigássemos a ensinar a nossos filhos que a guerra é a destruição de nossos corações? Só nós, as mães de todo o mundo, somos capazes de impedir as guerras”.

Mas os homens riram-se das mães...

Irmãos, ouvi: Os homens podem se dividir, também, pelas suas almas. Há os que têm a alma do seu corpo, há os que têm a alma da sua pátria, há os que têm a alma do seu povo, há os que têm a alma do seu continente e há os que têm a alma do universo.

O sol cobre de luz a terra tôda e não pergunta: que país é o teu? Os pássaros cantam em todo o mundo e os vegetais em tôda a parte crescem e os animais cobrem a terra tôda.

Perguntareis às nuvens qual a sua pátria?

Os homens criam as pátrias, mas o universo é maior. Irmãos, é preciso ter a alma do universo para que haja a paz.

As mães de todo o mundo darão a seus filhos a alma de todo o mundo.

Nós vivemos cada vez mais sós, embora mais juntos. Há mais união entre os homens que vivem rarefeitos nos campos que nas grandes cidades. Os homens vivem sós nas multidões. E os homens só serão unidos, quando forem irmãos, e os homens só serão irmãos, quando a tua dor — e apontou para um de olhos negros — doa também no teu peito — e fitou um de cabelos louros — e quando a minha alegria faça sorrir os teus lábios.

— E teremos então a paz, senhor? — perguntou uma mulher com uma criança ao colo.

— Sim, teremos a paz. Mas para que ela exista, será ainda preciso que saiam dos lábios de todos vós, vindas do coração, palavras como estas: Vamos, irmãos, colher juntos o que plantamos juntos... Os nossos campos estão maduros e os nossos celeiros esperam o nosso trigo!

— Mas quando virá essa era, senhor? — Indagou estendendo os braços uma mulher que se cobria de um vestido côr da noite.

— Quando os homens, meus irmãos, souberam olhar os seus semelhantes além do amor e do ódio...

## ARTE COMO INTERPRETAÇÃO DA VIDA

A arquitetura antiga era exterioridade. Ficava ao lado de fora a sua fôrça de expressão. O homem vivia a vida que o cercava e não sofria dos problemas interiores com a violência que agita as civilizações ocidentais.

Os povos interiorizados, como por exemplo o árabe, têm sua maior arquitetura no interior. Os povos contemplativos, como os hindus, têm-na em tôda a obra, interna e externa.

A falta de profundidade do homem grego era uma consequência de sua primitiva extensão psicológica. Abrangia as exterioridades.

O homem esculpido, como estátua, por todos os lados, com os limites e contornos perfeitos, é uma exclusividade da arte grega?

Não. Mas é uma característica da arte escultória dos gregos.

Os egípcios modelavam as figuras num alto relêvo. Deixavam, à vista, sômente a parte plástica, frontal.

Na arte pré-histórica, vamos encontrar, também na modelação, alguns exemplos de reproduções de côres divinas, de divindades com todos os contornos. Nós, depois, no Renascimento, pusemo-nos a imitar os gregos. Mas essa imitação obedeceu a uma forma cíclica mais evolutiva. Pusemos, não mais na escultura a reprodução puramente vital, física dos corpos, mas já uma intenção psicológica.

As nossas estátuas possuem interior. As gregas, puramente o movimento plástico, Se há em nossa escultura exemplos de imitação grega, tal não impede que se possa determinar o espírito mais inferiorizado da nossa arte, pois o nosso homem começa a preocupar-se com os problemas do espírito, na mesma proporção que cuida dos seus problemas puramente vegetativos.

Depois de Péricles, o grego principiou a interiorizar-se. Nasciam os problemas sociais, os problemas econômicos e a necessidade de conhecer as causas do mundo e o porquê dessa mesma necessidade. O homem pôs-se em busca do equilíbrio que lhe faltava, consequência do desequilíbrio da sua vida exterior.

\* \* \*

A terceira dimensão do nosso mundo íntimo é essa exteriorização para o objetivado que se forma muitas vezes numa espécie de antítese do que desejamos reprimir dentro de nós.

O homem exterioriza o seu mundo de várias maneiras. Os conflitos do seu "ego" em relação ao "super-ego, autoritário e dominador, exteriorizam-se por polarização simétrica, mas acomodada pela intenção de ludibriar o "super-ego".

Na obra de arte, o artista, muitas vezes, põe sublimadamente, por simetria, a objetivação dos seus desejos, das suas ânsias.

Noutras vezes, por polarização assimétrica, por antítese.

No primeiro caso, os versos, por exemplo, de um homem que exprime seus desejos sexuais e que gosta de manifestá-los claramente, mas usa símbolos, imagens que traduzam, numa fase cíclica mais alta, êsses mesmos desejos.

No segundo caso, a poesia mortificante, de forte dose de santidade, de um poeta religioso.

Há, na primeira, uma sublimação. Na segunda, uma reação antitética.

\* \* \*

A arte é uma superestimação da vida. Ela melhora certos autores.

Mesmo na focalização da realidade, entra a emoção. Se a arte retratasse tão-sómente a realidade, sem o humano, ela cairia na forma simples da reportagem, da fotografia...

"A arte é a vida através de um espelho..."

Não é uma definição, mas é pelo menos uma atitude.

Se se desejar dar à arte um fim social, de utilidade, não será pela simples cópia da realidade que se obterá o efeito desejado.

Nem tampouco se obterão os efeitos desejados com uma plethora de realidade, aumentada pelas lentes da sensibilidade.

Situa-se a arte no espelhamento da realidade. É o espelho que reproduz a vida. E quem é o espelho? O artista. Ele reflete a vida, através de si. Ele dá mais alguma coisa à realidade. Dá um pouco de si. A arte é igual à realidade mais o artista. Melhor: Arte é igual à realidade mais temperamento.

É esse temperamento vale quando pode exprimir, quando pode provocar nos outros a emoção desejada pelo autor, consciente ou não, maior ou pelo menos igual. A arte define-se pelo artístico. É artística toda e qualquer manifestação do pensamento ou da técnica, que consiga provocar nos outros a mesma ou maior emoção que o autor, consciente ou inconscientemente, desejou provocar ou manifestar.

Não é uma definição. É também uma atitude.

\* \* \*

Na natureza, existe beleza e não arte. Nem sempre a beleza se une à arte. Ninguém dirá: “aquela paisagem é uma obra de arte...”

E sim: aquela paisagem é bela!...

A arte só existe no homem. E existirá na interpretação, na reprodução humana da paisagem, na pintura, na música ou na literatura. E daí que aquela paisagem se tornará artística. Porque a arte é filha dos homens, não dos deuses...

\* \* \*

A consciência também tem suas escalas. Poderíamos falar de uma “escala cromática da consciência”.

Há todo um jogo de tonalidade. Há penumbra em muitas obras de arte, como em Verlaine, Laforgue e em alguns modernistas. Intenções, travestidas de obscuridade

Inteligível somente aos iniciados.

\* \* \*

O homem coloca-se entre a vida e a morte. Os impulsos de morte são instintivos em todos os seres vivos. Mas o único ser vivo que tem consciência da morte é o homem. Daí o “pathos” da sua alma. Os animais vivem e o homem espera. Para os primeiros é o momento que passa; para o segundo, é o amanhã. Quando o primeiro homem fez a primeira reserva de alimentos ou armas, ele começou a perscrutar o futuro, a querer interpretá-lo. A consciência da morte foi uma determinada da sua inteligência.

\* \* \*

A humanidade está nos umbrais de uma nova era, de uma nova cultura.

A decadência da cultura ocidental traz a decadência conseqüente dos regimens. Dos escombros já se vislumbram as primeiras luzes. A arte moderna já precipitou alguma coisa de duradouro: pelo menos novos olhos para olhar o mundo. O homem novo já deu seu primeiro vagido.

\* \* \*

As obras humanas são mortais, mas o “humano” é imortal. A arte pode parecer mortal, quando olhada como manifestação de uma época, de uma cultura, de uma civilização. Mas é a forma que morre com essa civilização.

Não morre, porém, o “humano” dessa obra. Podemos situar tão-somente o valor “imortal” de certas obras, na época em que elas foram a expressão do momento. Mas há, nas grandes obras humanas, algo que é imortal com o homem, que só morrerá com o homem. Enquanto houver homens, haverá sempre quem sinta um retrato de Rembrandt, como quem vibre a um compasso de Mozart, assim como sentimos a expressão de um desenho singelo do homem das cavernas gravado na rocha dura.

O eternamente atual só morrerá com o último homem...

\* \* \*

A poesia não é só o som, o leve ruído de uma fôlha que cai, de um canto de pássaro, a alternância dum pingo d'água.

Há o ritmo exterior, o ritmo da matéria. E há o ritmo interior, o ritmo fáustico dos introvertidos. O poeta é um introvertido que se extravasa de plenitude pelo lirismo de si mesmo.

\* \* \*

Quando o homem começou a fugir dos espaços estreitos que a primitividade geográfica cingia aos horizontes próximos, como uma interpretação euclidiana do mundo, pôs-se a alargar os olhos através das lonjuras em busca da infinitude do espaço. A evolução da marcha humana pôde-se simbolizar nessa orientação para os longes.

Já o aspecto ecumênico, inaugurado com a vitória do cristianismo sobre o mundo pagão, deu uma nova alma volvida para as lonjuras. Os limites estabelecidos pelo mundo e pelas coisas não impediam que os olhos fugissem à bitola dos sentimentos em busca do infinito.

E a pintura não podia, naturalmente, escapar a essa lei.

Inaugura-se com o Renascimento uma visão mais ampla. É sobre o ideal dessa visão mais larga, que os sentidos podem oferecer, que gravita quase toda a nossa evolução pictórica. Não que deixassem de existir aqueles que se prendiam ao ideal apolíneo das formas definidas, coisas separadas do espaço. Mas os nomes que brilharam durante os séculos quinze, dezesseis e dezessete, não "podiam" mais se prender à limitação dos contornos definidos.

A pintura a óleo, iniciada por Van Dyck, teve uma vida de grandes possibilidades por um século e meio. Em plena madurez do século dezessete, os grandes nomes começam a escassear depois da morte de Franz Hals, Rembrandt, Velasquez, Murillo, Ruysdael, etc.

Após o desaparecimento desses grandes nomes, há um estancamento da pintura a óleo e a fresco. E todas as manifestações futuras, como o impressionismo, inaugurado por Manet, são mais um movimento em busca de outras formas de que a criação de um mundo novo, de uma nova veia de possibilidades.

A pintura estreitava-se entre duas dimensões. Que grandes nomes, fora das escolas de vida restringida, apareceram depois, que pudessem empalidecer os do século dezessete?

## A VERDADE E O SÍMBOLO

Um pensamento só é grande, quando pensado por um grande homem, dizia Spengler. Poder-se-á referir, somente, aos pensamentos?

E todas as obras humanas não são grandes, quando realizadas por um grande homem? Essa é uma das tragédias da inteligência. No entanto, um homem simples pode pensar um grande livro, e ser ele escrito como um destino.

Realmente vivemos hoje o homem pragmático, o homem para o qual os símbolos perderam seus conteúdos. O metropolitano é tanto mais metropolitano à proporção que as coisas são mudadas para ele, e seus ouvidos estão surdos à linguagem que elas dizem.

Entre os temas que maiores preocupações provocam hoje entre os filósofos, um dos mais exigentes é o das significações. Mas a significação alcança o universal, porque todas as coisas significam algo. O universo inteiro é um grande diário de símbolos e simbolizados.

O homem metropolitano, afastado da vida, que nele se mecanizou, objetivado e fugitivo de si mesmo, quando retorna para si o faz por introversões exacerbadas. Quer gozar coisas, apenas as coisas, na ilusão de que tê-las é gozá-las. Parece-me ver aquele milionário para cujo jardim todos os dias meus olhos se voltam, aquele jardim vazio de homens, povoado apenas de pássaros e cães, onde, de vez

em quando, a figura mecanizada e assalariada de um jardineiro põe uma nota, não de vida, mas de morte, de pedra, de máquina, de fichário, de contabilidade, de salário e caixa, algo que me lembra tôda a acosmia de uma forma de vida. Aquêles milionário tem... tem tudo aquilo. E no decorrer dos dias, ei-lo como raramente o vejo, apressado, nervoso, percorrer umas alamêdas, vestido cuidadosamente, acompanhado de um homem de pasta, estranho, separado d'êle, subordinado, duas almas infinitamente distantes e dois corpos aproximados, que um misto de asco, de repugnância e de miséria humana, une. E falam, e falam, falam. Falam das árvores, das plantas, dos pássaros, das nuvens, tênues que mancham o azul do céu? Falam da vida? Não; falam de números, cifras, negócios. Pobre milionário, cujo jardim êle tem e eu fruo com meus olhos sem ódio, sem ressentimentos. Ê d'êle? Não! Ê daqueles pássaros, é daqueles cães, é dos meus olhos, que gozam e o vivem e de minhas narinas, que de vez em quando, recebem o ar perfumado de vida, que vem daquelas árvores e daquelas flôres.

O homem metropolitano é isso. Tem, e goza apenas porque tem. Mas gozar as coisas é vivê-las, vivendo a nós mesmos, e nós mesmos através das coisas. Tê-las, é dominá-las totalmente. E não as dominamos, porque as estampilhamos com um título de propriedade. Dominamo-las quando as vivemos através de nós e nós através delas.

Para o metropolitano tudo se despoja de significado. O símbolo já nada significa. Nietzsche, muito humildemente, usando um nós no qual êle não se incluía na verdade, diz: "não compreendemos já em geral a arquitetura, pelo menos não a compreendemos como compreendemos a música.

Crescemos fora da simbólica das linhas e das figuras, da mesma forma que nos desacostumamos dos efeitos sonoros da retórica, e não sugamos desde o primeiro momen-

to de nossa vida essa espécie de leite maternal da educação. Num edifício grego ou cristão, tudo, a princípio, significava alguma coisa, e isto em relação com uma ordem de coisas superiores: esta idéia de uma significação inesgotável pululava à volta do edifício como um véu encantado. A beleza entrava de um modo acessório no sistema, sem interessar essencialmente o sentimento fundamental de sublimidade sinistra, de consagração pela proximidade dos deuses e da magia; a beleza "atenuava" extraordinariamente o "horror", mas o horror era sempre a primeira condição. Que é para nós agora a beleza de um edifício? O mesmo que um belo rosto de uma mulher sem espírito: algo como uma máscara".

Nós perdemos, aos poucos, aquêles caminhos que nos levavam das coisas aos significados que elas apontavam. Pois bem, moda é isto: moda é a variação das formas sem simbólica, são as formas como tais, e sem significado.

E quando muitos artistas modernos buscam uma simbólica intelectualizada, cerebral, rebuscada, esquecem-se do principal: é que o símbolo é afectivo, e está para a afectividade como o conceito está para a intelectualidade. O conceito, na literatura, não toma propriamente uma função simbólica, mas apenas serve, no que é, de sinal para conteúdos eidéticos, mas que, ligados à facticidade, podem memorizar experiências e despertar o afectivo. Aí o conceito, integrado num todo pensamental, perde em parte sua função atômica para tomar uma função tensional, que o identifica num todo. Neste caso, o juízo expresso por palavras não vale enquanto tal como símbolo, mas o que vale é o conteúdo que êle expressa. Êste é símbolo do que afectivamente sentimos.

Uma simbólica artificial é pura semeiótica, é sinalação não tem a especificidade do símbolo, nem a energia da sua significação. Por isso, essa pseudo-simbólica de certos artistas necessita uma chave que a interprete, isto é, necessi-

ta ser reduzida a outros símbolos, para que seja entendida. É hermetismo, mas um hermetismo exclusivista, para o qual há apenas alguns iniciados: o autor... e os amigos.

\* \* \*

Quando formamos um esquema psíquico, podemos revertê-lo, se damos apenas um dos seus elementos, que põe em funcionamento os outros, parta de onde partir. E esse funcionamento é tão vital, que sempre o lógico, racional e conexador com êle se choca.

“Para muitos pintores foi “bela” a expressão da piedade. E como aos piedosos, ela caracteriza uma certa depauperação física, um aspecto lamentável, transladaram o sentimento do belo a essas formas. Um hábito continuado e rigoroso faria extraverter-se o próprio instinto sexual, o qual está muito longe de perseguir finalidades inconscientes em favor do engendrado”.

A piedade é bela, eis o esquema. Mas os piedosos refletem depauperação, completa-se o esquema. Há, nesse esquema, uma implicação entre beleza e piedade, mas também se implicam piedade e depauperamento. Era fácil implicar beleza com depauperamento. Se A implica B e B implica C, então A implica C, e o nexa estaria formado. Mas sucede que a implicância entre depauperamento e piedade é ocasional, contingente portanto, e não necessária. Mas que tem o homem, durante três quartas partes de sua vida, com a lógica?

\* \* \*

Grande é também o que não se escraviza às suas virtudes.

\* \* \*

O êxito é o documento legítimo de qualquer ato. O malôgro desprestigia até as boas intenções.

\* \* \*

É mais fácil dizer a verdade que mentir. O mentiroso é, pelo menos, um inteligente, e o veraz pode não possuir essa qualidade.

Se há algum moralista por aí, que me perdoe a irreverência da afirmação.

\* \* \*

Há os que exibem com mais requinte aquela qualidade que os outros observam. E isso o fazem com cuidados de bom propagandista.

\* \* \*

Os que nós aborrecemos mais são aquêles que desprezam o que julgamos grande.

\* \* \*

A ironia é uma homenagem que a fraqueza presta à inteligência.

\* \* \*

“O hábito é uma segunda natureza”. A máxima é de Pascal. Mas, hoje, é de todo o mundo. Está na boca de cada um. É dessas verdades que atravessam o tempo e o espaço. E isso é, muitas vezes, uma homenagem inconsciente que a ignorância presta à inteligência. E isso também chama-se imortalidade.

\* \* \*

Os pregadores da resignação até nos fizeram temer declarássemos que desejamos a glória. E quantos se sentem ridículos por desejá-la. Isso é um recurso da falsa humildade dos pregadores da derrota humana.

\* \* \*

O que conhece a sua fôrça já a ultrapassou. Fracos são também os que desconhecem a sua fôrça.

\* \* \*

Nós faríamos uns aos outros felizes se cada um de nós soubesse o que deveria fazer para agradá-los.

\* \* \*

A maior de tôdas as torturas é a tortura da esperança. Lugar-comum que traz consigo a chancela do tempo que a legitima.

\* \* \*

Um filósofo poderia falar assim:

— Eu ensino a concepção protéica do homem, como um ser que foi. Tudo no homem está em mutação. Relacionar um raciocínio, não mais as palavras, mas às imagens que êle constrói das coisas, impedirá êsse encadeamento mecânico do racionalismo, que lhe trouxe tantas convicções e tantas certezas inúteis. O homem tem deduzido verdades de outras verdades. Se analisasse as primeiras, talvez notasse que quase tudo quanto julga verdadeiro são petições de princípio. A impotência em demonstrar certos axiomas não é prova senão de incapacidade para achar o que há de sólido ou aparente nos axiomas.

Os axiomas são verdades históricas. Os axiomas sempre exigirão demonstração. O homem, hoje, precisa, mais uma vez, pôr na ordem do dia, o exame dos seus axiomas. Eles nem sempre resistem a uma análise feita com bravura e robustez...

## M Í S T I C A

A transmissão do conhecimento de fatos que se processam à distância ou a não transmissão desses fatos, mas dando-se o conhecimento por intuições não sensíveis, implica tal coisa ou projeção da alma aos fatos ou dos fatos à alma. Pode estabelecer-se e seria mais consentâneo à atualidade científica, que haja uma transmissão vibratória dos fenômenos perceptíveis pelo inconsciente. Este, em certos instantes propícios, transmite-os ao consciente. Assim chegaríamos à conclusão de que o ser humano possui uma organização psíquica capaz de perceber tôdas as emissões cósmicas, capaz de ultrapassar o espaço e o tempo, capaz de sentir as vibrações do todo; essas vibrações que Beethoven, em sua surdez, dizia ouvir, e que êle traduziu em sons musicais, mas que o insatisfaziam. Essas vibrações explicariam, depois, a noção da intuição, as visões dos profetas, os fenômenos da magia, os misticismos que a ciência havia repudiado por ingênuos. Mais uma vez, num futuro próximo, a ciência casar-se-á com a mística. Ela buscará sua irmã repudiada para que, juntas percorram os caminhos ainda não trilhados que o futuro lhes oferece.

\* \* \*

— Vós adorais um deus misterioso e oculto, um deus que responda aos vossos pontos de interrogação. Mas quem não nos dirá que êsse vosso deus não seja o diabo?

\* \* \*

A maior demonstração da superficialidade de nossa época está na admiração que fazemos, pregamos e até sentimos, de toda a beleza exterior.

Nada mais superficial e medíocre que o tipo de beleza da Vênus moderna. Nossa arquitetura, toda de exterioridade, sem nenhuma significação expressiva, atendendo somente aos interesses mais mecânicos da vida de automatismo, é outro exemplo clássico que servirá para a análise de nossa época. Somos, realmente, uma civilização de máscaras.

## G U E R R A

Quis-se, por covardia, por temor, por preguiça, arrancar da vida seu caráter perigoso. Fugir à aventura de viver — porque antes a vida era aventura — se impôs como uma premissa. Tornar a vida segura foi o ideal de uma civilização: a nossa. Sobrevieram, apesar de toda a propaganda pacifista, as grandes guerras, o que prova que o pacifismo não é uma planta facilmente cultivável. E ainda mais: havia necessidade de se exterminar com as causas que determinam a propaganda das guerras. A única utilidade da guerra é traumatizar as populações, arrastando-as às soluções heróicas.

Alegar-se com o aumento da população humana a necessidade do desgaste, responde-se com uma pergunta: Por que buscar o aumento da população humana, com propagandas de natalidade?

As guerras de hoje são odiosas porque são destrutivas, e atingem fundo as obras humanas. Um ano de guerra destrói séculos. Se Nobel pensou liquidar com as guerras pelo aumento do poder destrutivo, poderia assistir, se ainda vivesse, que esse poder destrutivo imporá uma mentalidade antiguerreira como jamais houve em qualquer época humana. Hoje, muito mais que em 1918, os homens buscam exterminar os elementos que preparam as “causas” das guerras. E para substituir ou dar vasão aos instintos destrutivos do homem, não se buscará o falso amansamento a que assistimos, e que nada conseguiu, e forja outra maior, mas se buscará construir uma mentalidade antiguerreira,

incruenta. O homem disporá de emulações, de polêmicas, de choques, de combates, nos esportes e no espírito, que substituirão a necessidade cruenta das destruições.

Mil vêzes preferível se realizassem novos circos de gladiadores a assistirmos a destruição de obras que pertencem à humanidade.

Ninguém tem o direito de destruir o que nossos avós construíram, nem sob a alegação dos mais nobres direitos.

\* \* \*

— Não há leis na natureza! — Dizia um filósofo.

— Então o universo regula-se pelo acaso? — Perguntaram-lhe.

— Repito: não há leis na natureza. As leis estão em nós — acrescentou.

— É o universo?

— O universo é nossa síntese de perspectiva. A parte pode interpretar o todo; a parte nunca pode conhecer o todo.

— Sim, mas este teu postulado é apenas uma outra maneira de crer, e nada mais.

\* \* \*

Nossa natural vaidade nos deu a impressão de que a nossa vida orgânica é a fórmula mais elevada de ser. E muitos justificam-no com razões profundamente humanas. Uma montanha de granito, se pensasse, acharia, também, argumentos graníticos para provar a superioridade de sua existência que segue ao lado do tempo e da eternidade. Partimos do vitalismo para o mecanismo, e por aí andamos, há séculos, no Oriente, buscando uma solução que nunca

satisfez plenamente. Nossa vaidade jamais aceitaria razões que dessem à vida a naturalidade de qualquer outro fenómeno, como as correntes marítimas, etc.

E chegamos a tal ponto que, quando queremos nos referir a outros planetas, damos-lhes ou tiramos-lhes um certo prestígio, se são ou não possivelmente habitados, se têm ou não seres vivos, semelhantes a nós. E quanto mais julgamos possível que se nos assemelhem, valorizamos nosso conceito, e temos, assim, um olhar de boa vontade e de orgulho: “Serão quase como nós...”

\* \* \*

O que são muitos cientistas? Uns especialistas obstinados, adversários uns dos outros, que vivem a contradizer o que outros afirmam, intransigentes, ignorantes em tudo quanto diga respeito ao que é estranho à sua especialidade e que, de vez em quando, se atrevem a estabelecer, precipitadamente, sistemas que universalizam as idéias e a concepção do mundo.

E querem, depois, transformar-se em novos sacerdotes do homem, propondo-se como guias espirituais da humanidade. E não se afastam muito de seu papel. São intransigentes, e algumas vêzes inquisitoriais, não esquecendo, quando podem, de punir severamente aqueles que se atrevem a desdizer o que academicamente estabeleceram por definitivo.

## EUROPA

Já Spengler notava a dificuldade em separar o conceito **Europa** do conceito **Ásia**. Exemplificava com povos como a Rússia.

Se Pedro, o Grande, buscou avançá-la para europeizar-se, há, inegavelmente, no bolchevismo, uma tendência asiática. Com Kruchev, a Rússia buscou europeizar-se. Mais: buscou americanizar-se, — última estratificação do europeísmo em seu sentido de decadência cultural e de exuberância civilizadora — mas já próxima da transformação.

As bases econômicas se assemelham. Poucos países podem transformar-se numa América do Norte, tão rapidamente, como a Rússia. É mais fácil que a Rússia se americanize do que a América se bolchevize. É que a Rússia vive agora um instante do Ocidente, que busca a Ásia. A filosofia socialista, no sentido que o povo russo sente, com seus misticismos asiáticos, é Ásia pura.

A influência russa, na Ásia, é mais intensa e mais profunda que em qualquer outra parte do mundo. Europa, assim, torna-se uma **palavra** quase intraduzível. É apenas conceito geográfico, e esse mesmo, convencional.

Já chamei a Europa de turbulenta península asiática. E fundamentando-o. A maior parte da Europa meridional e oriental é asiática. E, na história, ainda foi mais, Grécia (Spengler aceita o tempo de Péricles) não foi europeia e muito menos hoje.

Em certa parte da Europa, do Vistula ao Adriático e ao Guadalquivir (são de Spengler esses limites geográficos), formou-se uma mentalidade racionalista e universalizante, influenciada pelo conceito filosófico do catolicismo. Recebendo da Ásia os fundamentos culturais, essa Europa foi mais artificial que profunda.

E o artificialismo tem uma característica: a diversidade, o modismo, a transformação, a mutação. Europa conheceu sempre transformações, choques de superfície. Já disse que, na superfície, existe um arremêdo de profundidade, um arremêdo ilusório. Caracterizou-a, e ainda a caracteriza, uma tendência artificializante. Qualquer idéia aí se artificializa, falsifica-se. Os fundamentos vitais desvirtuam-se. As raízes desaparecem. E a árvore de qualquer cultura tem o aspecto de uma parasita, por isso seu transformismo crescente. O que há de tradicional e conservador nesses povos é o que vem da terra, e só.

A superestrutura europeia é artificializada; daí a sua terrível inquietação.

Ela vive angustiada, porque tem sido apócrifa. Não estará, aí, uma grande verdade histórica?

\* \* \*

O homem, usando da ciência, quis desterrar a idéia de Deus do universo. Mas pela ciência tornou a buscá-lo. É o destino das esperanças que se tornam realidade. No fundo da alma humana, há antagonismo à idéia de Deus, pois a este emprestamos precisamente tudo quanto nos falta. Por isso o homem não pode negar, no fundo, o ódio que o anima contra a divindade.

A idéia de Deus angustia. Essa é uma verdade psicológica. E por que? Por que a idéia de Deus é sempre um ponto de interrogação.

Deus é sempre um ponto de interrogação, é o desconhecido; é sempre o misterioso que nos falta para aliviar essa consciência hereditária da culpa.

\* \* \*

A percepção do semelhante, a consciência do igual foram as primeiras estratificações da ordem, o fundamento das funções lógicas.

\* \* \*

Herdamos erros nos nossos instintos? Não formam eles hábitos necessários para a conservação do indivíduo. Não se estratificam, depois, como impulsos naturais? Não perdemos, assim, mais um dos nossos critérios para julgar o verdadeiro e o falso?

\* \* \*

Ocidente — onde a consciência se hipertrofiou! Nosso sentido ocidental da história, essa consciência da história é a consequência da hipertrofia da nossa consciência.

O racionalismo, que nos domina, busca universalizações. Universalizamos tudo e, porque universalizamos, buscamos individualizar o universal. Concebemos um universo, e universalidades individualizadas. O mundo, como história, é universalização do homem em sua relação com o mundo e o tempo.

Isso implica uma maneira cômoda de interpretar o mundo. Nós julgamos que, na simplificação, está um dos atributos da verdade; por isso, buscamos simplificações. Conceber o mundo como unidade, e aceitar a determinação de leis gerais, corresponde ao nosso racionalismo universalizante e buscador de simplicidades, uma evidência, um pos-

tulado, que nem discutimos mais. O universo deve ser regulado por leis gerais, como as da ciência. São essas afirmativas, postulados "a priori", razões que nascem de nossos desejos de simplificação, que consideramos indiscutíveis. E construímos, depois, toda a nossa ciência baseada nesses postulados. Acreditamos nessas leis gerais e buscamos-las, interpretando os fenômenos do universo, sob uma perspectiva única, forçando até as interpretações.

A compreensão da universidade é uma condição que segue *pari-passu* a essa compreensão monística. Poderíamos tentar uma explicação desse *sentido*, desse *ritmo*, pela lei da economia que busca o menor esforço com o máximo resultado.

Não podemos prescindir das leis, pois do contrário teríamos de negar qualquer ordem, o que é absurdo. Contudo, essas leis não são necessariamente aquelas que julgam os nossos cientistas que presidem aos fenômenos.

Essas são apenas símbolos das grandes leis, que só a filosofia seria capaz de achar.

## E A M A N H Ã

Sócrates, teu reino não findou. Durante mais de vinte séculos de domínio, vinte séculos, tua férula domou os homens.

Bebeste a cicuta, mas a tua morte inaugurou a tua vitória. Viveste presente no espírito dos homens. Vem, agora, porque tornarás a viver.

Empunha a lira. Veste teu rosto horrendo com um sorriso de sol.

Lança para longe essa arma terrível que vibraste por dois milênios sobre os homens... Olha para cima, para esse céu azul, para essas nuvens frágeis, espumosas, para esse sol dourado e quente. Não cegarão teus olhos.

Tira as tuas sandálias e sente na planta dos teus pés a terra úmida e fértil. Toma, agora, a cítara. Dança, como dançavam os bons gregos antigos.

Canta, como cantavam os bons gregos antigos. E à sombra daquela árvore, deita-te. E fecha, depois, teus olhos e sonha. Sonha, povoa de fantasias doidas teu espírito. Liberta-o das trevas com que o povoaste. E quando ouvires o som suave da flauta de Dioniso, segue-o, que ele te levará à floresta onde há um lago de água cristalina, onde as danaiades divertem-se com os homens e os deuses. Sócrates, busca os sonhos de tua gente e de teu povo, que tu, um dia, analisaste com a frieza de tua razão... E do mundo, há de se erguer um grande clamor, e ouvirás estas palavras:

"Evohé!... Sócrates e Dioniso aí vem bailando ao som da cítara e da flauta. O mundo renasce outra vez!"

\* \* \*

Como se classificará a fantástica ignorância histórica dos "filósofos" metropolitanos de hoje, sacerdotes dessa época de artificialismo estandardizado, quando culpam as filosofias antigas e da Idade Média, isso no Ocidente, de serem uma verdadeira calamidade, pela apresentação de tão variadas concepções do mundo? Atrás dessa crítica existe, no fundo, a confissão de incapacidade para estudá-las e conhecê-las.

O homem que participa dos excitantes violentos das metrópoles, que se **metropolitaliza**, tem poucos recursos para a meditação profunda, para o estudo sereno dessas filosofias. Não negamos que eles tenham alguma razão, a sua razão: o desprezo universal da rapôsa que desdenhou as uvas inatingíveis...

\* \* \*

Em psicologia há uma pergunta: as idéias abstratas e gerais têm uma realidade própria no espírito? Dá-se o nome de nominalismo à doutrina que aceita a generalidade de uma idéia, residindo somente no nome que se lhe empresta, e que evoca certas imagens concretas e particulares ou que possa talvez ser evocada por elas: uma palavra pode ser geral, abstrata, não há, porém, imagem abstrata e geral.

Os empiristas defendem uma teoria semelhante: Hume, Condillac, Stuart, Taine, etc.

Na atualidade, há nominalismo naquele que aceita que a ciência não passa de uma conjunção de leis forjadas no cérebro humano, sem base na realidade. As leis científicas "são simples receitas que se não podem declarar verdadeiras, mas somente que são bem sucedidas.

Os pragmatistas, Pierre Duhem, Ed. Le Roy levaram essa doutrina aos extremos.

O nominalismo foi uma doutrina filosófica que prosperou ativamente na Idade Média, e formou um dos fundamentos principais dos sistemas doutrinários de então.

Porfírio, numa passagem dum dos seus escritos, conforme se refere Boécio, pôs o problema em aprêço, e perdurou, por séculos, seu estudo e análise. Ou sejam: entre as idéias que pairam no espírito, umas reproduzem um objeto real, independentes do pensamento que nelas se aplicou; outras são puras concepções formadas pelo espírito e fixadas pela linguagem.

Assim, de um lado pairam as coisas; de outro, as palavras. Distinguir o que pertence ao sujeito, e o que pertence ao objeto, representa o exame das nossas faculdades de conhecimento e do conhecimento das coisas.

A tese nominalista afirma que a maioria de nossas idéias representam sedimentações de nosso espírito e de nossa linguagem sobre as coisas do mundo, reduzindo, ao mínimo, as espécies reais. As reduções sucessivas são as seguintes:

1.ª) Temos conceitos particulares e conceitos gerais, ditos universais; só o que é particular tem seu objeto na natureza, os universais não têm senão uma realidade mental.

2.ª) Não há seres senão os que caem sob os sentidos; todo o resto não é senão abstração; somente existem indivíduos, mas só há indivíduos físicos. A idéia não tem nenhuma resistência, e nenhuma realidade fora de nosso espírito: ela é um modo cômodo, mas arbitrário, de organizarmos para nós o caos e a diversidade das coisas. No século IX, Raban-Maur colocou-o como problema de gramática. Heinric fez o mesmo, Berenger de la Tours colocou-o como problema de filosofia, extraindo daí uma série de questões teológicas. Mas Roscelin deu-lhe uma fórmula mais nítida.

Formou, assim a maturidade da idéia. Abelardo, com o seu conceptualismo, tornou mais alto o nominalismo, o que lhe mereceu a condenação da igreja.

Com Guilherme de Ockam, atingiu o nominalismo suas últimas conseqüências, chegando ao ceticismo, deixando a fé em lugar independente.

Mas a polémica entre realistas, nominalistas e conceptualistas não findou, e conhece hoje um novo avatar.

\* \* \*

O romance é obra da maturidade. Exige experiência. É uma visão panorâmica sobre a vida, uma experiência de uma experiência, uma aproximação do sentido humano ao homem.

O romance poderia, se bem aproveitado, servir de um meio ótimo de unificação universal. E isso não implicaria o caráter "ex-útil" da arte, pois o romance paira na fronteira da arte e da vida.

É fórmula transeunte para momentos de transição...

## C U L T U R A

A cultura ocidental é uma cultura mecânica. Não se alegue a grande população da Europa, como "causa" dessa cultura mecânica, porque poder-se-ia estabelecer a inversa, também com evidentes razões.

Há impulsos mais profundos do *ethnos* e do *pathos* europeus que condicionaram, como um destino, o progresso mecânico.

Para os gregos, nos tempos de Arquimedes, o progresso mecânico era uma coisa vil, própria da gentilha. Gina Lombroso-Ferrero, num ensaio sobre o "por que a maquinaria não foi adotada na antiguidade, reproduz as palavras de Plutarco, que, referindo-se a Arquimedes, informava que este considerava a mecânica, em geral, e tudo o que se fazia pela prática, como arte vil e obscura", entregando-se somente ao estudo das ciências ligadas à beleza e à perfeição. Por seu turno, também Aristóteles escusava-se de estudar essas coisas por serem desprezadas pelos sábios e pelos filósofos.

Uma cultura aristocratizada, como era a do tempo de Arquimedes, punha a mecânica prática num plano de inferioridade. As eras em que dominam os homens de negócio, e as "vastas massas", são mecânicas. Há surtos técnicos que são desprezados depois. A História revela-nos cada dia essas fases desprezadas. Não se julgue que nosso progresso mecânico seja um signo de evolução.

O homem ainda buscará elevar o espírito, considerando o emprêgo da máquina apenas como uma utilidade, e não como finalidade por êle.

\* \* \*

O homem da metrópole vive alertado. Tudo o obriga a manter vigilante a sua consciência. Poder-se-ia dizer que êsse homem é obrigado a ter a alma fora de si. Não sabe buscar a fecundidade dos grandes silêncios interiores que nascem das solidões. Estar só consigo mesmo apavora. Há aquêles que têm o seu maior terror em estar consigo mesmos. Angustia-os a possibilidade de passar algumas horas sem a companhia de um jornal, de um rádio, de um cinema, de uma pessoa, de uma revista. A alma, ao retornar para dentro de si, encontraria tudo gelado, sombrio, excessivamente mudo.

E êsse silêncio tem um quê de fantasmal. Apressado, alertado para evitar os encontros desagradáveis, tudo nas ruas atrai a sua consciência.

São as vitrinas provocantes, e as mulheres mais provocantes ainda; são os homens que passam, as palavras sussurradas de promessas e convites que repulsam ou excitam; os olhares entrecruzados que chamam os sexos; é o grito também provocante das manchetes de jornais, que apregoam as mais fantásticas notícias do dia.

Tudo é uma excitação. Como acreditar que tenham a alma dentro de si? Para êles a alma não está sediada, nunca, de maneira alguma, na corpo.

O corpo é que está dentro da alma...

\* \* \*

— Não sei como possas permanecer silencioso, calado, ante uma obra de arte assim como essa! Palavra que não compreendo que não saibas definir a tua emoção...

— Há instantes em que o nosso silêncio é eloqüente. E há outros instantes, e êste é um, em que uma análise, uma frase, mesma de admiração, soa dolorosamente como um pecado. Admira-se também o belo com o silêncio.

E lembra-te ainda mais: há emoções tão grandes que defini-las seria atraioçá-las.

\* \* \*

É uma característica dos latinos a busca de idéias nítidas, delimitadas.

Essa clareza tem alguma coisa de apolíneo, de excessivamente mediterrâneo, porque o apolíneo é um fruto sazoadado ao sol cálido do mediterrâneo.

Mas podemos ir além da análise dessa nossa característica: ela já induz um quê de nostalgia, de inquietação, até de angústia.

Angustiam-nos as idéias pouco claras. Pasmamo-nos ante certas subtilezas e sombras que vêm do norte, e certos misticismos obscuros que vêm do Oriente. As idéias nítidas encerram um certo perigo. Possuem um quê de morte. Têm assim a aparência de amadurecimento do fruto após ter sido arrancado da árvore (da vida?) para o calor do sol.

Esse sentido antivital da razão foi que Pascal fixou em seu famoso pensamento. Jamais a razão poderá satisfazer nossos anelos, nossos desejos de eternidade, nossos anseios de lonjuras, porque a razão delimita, contorna, estabelece fronteiras. A razão dá-nos uma atitude ascética ante a vida.

Ensina-nos a negar ou afirmar. A dúvida nunca vem da razão. A dúvida vem de mais profundo, vem de nossa carne, vem das vísceras, vem dos ossos. A dúvida é vital. O ceticismo não é dúvida; é afirmação. Tem a ridícula pretensão de estar com a verdade. E, no entanto, a verdade está nessa luta, nesse choque mais profundo da alma, cujo sintoma extremo e psicológico é a dúvida.

\* \* \*

O concílio do Vaticano estabeleceu essa decisão sobre a filosofia católica: Nenhum verdadeiro desacôrdo pode existir entre a fé e a razão. (Nulla nunquam fides et rationem vera dissensio esse potest). Aí está toda a grandeza, para os católicos, da sua religião.

Para os irracionistas, está aí a sua fraqueza. Para eles, a razão é limitada, restrita. A fé religiosa transcende os limites, busca infinitudes, lonjuras. A fé religiosa, seja qual fôr, não pode submeter-se aos limites da razão, porque seria refutar-se como infinitude. Para eles, o cristianismo, hoje, necessita libertar-se da razão, como já o fizera Pascal, em parte. Esse passo perigoso é heróico, e o único que permitirá, assim julgam, consiga salvar-se da voragem que o ameaça. No entanto, o cristianismo, exotéricamente, nem sempre se fundamenta na razão, mas no sentimento.

Por outro lado, a ignorância dos adversários sobre a filosofia católica favorece que os mesmos velhos e refutados argumentos sejam constantemente manejados. E o pior é que influem em outros ignorantes.

\* \* \*

Há duas constantes universais: "constante do mais" e "constante do menos". A primeira é a marcha para o infinito. A segunda, a marcha para a aniquilação, para o não-ser. No ser vivo, manifestam-se como impulsos de vida e impulsos de morte. Existir é afirmar. O que existe mantém a constante do mais. Esta exige a segunda. O que existe luta por não perecer.

O não-ser cerca a existência, assim como a morte cerca a vida. A luta entre as duas constantes permite compreender o caráter trágico-dialético do cosmos. O jôgo, o choque das constantes foram as coordenadas da existência e não-existência; uma implica a outra. A realidade é antagônica, é chocante, é luta. No homem, há o viver dessa pola-

rização da luta, das coordenadas cósmicas. A verdade da nossa realidade está, portanto, na luta das constantes, porque a nossa verdade surge dessa luta.

\* \* \*

Desejar ser forte, ter músculos poderosos, fôrça dominadora, idealizar-se um atleta consumado, êste é um desejo infantil, em ambos os sexos.

E mais um exemplo da **vontade de potência**? E aqueles que, na vida, desejam a passividade e a contemplação, desejam também, por isso mesmo, a segurança e a tranquilidade que permita desenvolver essa passividade e essa contemplação.

E isso é, ainda, **vontade de potência**.

\* \* \*

A inteligência é também estimulada pelo medo. Para Nietzsche, a inteligência mede-se pela capacidade de temer. Para êle aquela é um recurso do temor, da necessidade de vencer. Os animais mais temerosos são os mais inteligentes. A sabedoria, dizem os cristãos, é filha do temor de Deus: **Initium sapientiae timor Domini**. Essa é a voz dos que repelem a interpretação nietzscheana.

\* \* \*

A forma de vida, que temos em nosso planêta, só pode nascer em mundos próximos à morte, quando a decadência se processa mais rápida.

Essa forma de vida é, também, um instante que precede à morte, e essa a razão por que é ela cósmicamente decadência.

## ESFINGE

Há um símbolo do olhar interrogativo do homem que atravessou as idades humanas e ainda as atravessará: é a Esfinge do deserto. Ela volve um olhar morno, quase triste, para as areias que se perdem, e pergunta: **Donde vimos?**

**Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos?**

E essas perguntas, mil vezes respondidas, são mil vezes perguntadas, porque as soluções são quase sempre inúteis e falazes. No meio de nosso mundo um homem pensa. Lança seus olhos através dos espaços para buscar a resposta às suas torturantes perguntas.

Que é êle em face de seu planêta senão uma poeira em face de uma montanha? E êsse planêta, onde vive, é menos que uma poeira, se comparado com os sóis perdidos nas vias lácteas.

No corpo dêsse homem há células, e nessas células átomos. E nesses átomos, elétrons, prótons, neutrons... As distâncias, que separam essas partículas mínimas, umas das outras, são tão grandes relativamente ao seu tamanho, como a da nossa terra aos outros astros. São pequenos mundos, também.

Talvez pequenos planêtas. **Donde vimos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos?** E o chamado infinitamente pequeno é o mesmo que o infinitamente grande? E talvez êsses nossos universos, que cercam os nossos olhos ávidos na imensidão dos espaços, sejam partículas de

um átomo como aquêles que formam o nosso corpo, átomos que pertencem à molécula de uma célula do corpo de outro ser que habite ainda um outro planêta, e que nas horas de contemplação, volvendo-se para a imensidão de seu universo, também murmure as mesmas torturantes perguntas: *Donde vimos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos?*

\* \* \*

Pode negar a chamada ciência positiva que ela se baseia em postulados *a priori*? Não é isso supinamente ridículo para uma ciência que se chama a si mesma de positiva?

## A S T Ú C I A

Havia dois homens, um que procurava o trabalho em que lhe pagasse o ordenado mais rendoso, e outro que procurava o trabalho que lhe causasse mais alegria e mais prazer.

O primeiro substituía o seu enfado pelos prazeres que o dinheiro lhe permitia usufruir; o outro temia o enfado, se não tivesse o trabalho que lhe desse prazer. Os dois, em suma, fugiam do enfado. Um intercalava aborrecimento com prazer; o outro, não. Qual dos dois era o mais astucioso?

Essa pergunta foi feita, um dia, a um filósofo que tinha fama de astucioso. Ele respondeu, depois de pensar algum tempo: "Os dois estão certos e os dois errados. Fugir do aborrecimento é antigo como o homem. Buscar o prazer, uma necessidade antiga como o homem. Se fôsse um dêles, procuraria um trabalho que me desse prazer e que me fôsse rendoso. Seriam dois prazeres em vez de um..."

Dos três, o filósofo era o mais astucioso.

\* \* \*

A insatisfação do homem moderno está na falta de maior subjectividade de sua vida. Não há satisfações puramente físicas. São necessárias as espirituais. O árabe possui mais saúde de corpo e de alma que o civilizado ocidental, porque o árabe tem a felicidade de criar, e conhe-

ce a doce embriaguez da fantasia. No Ocidente, a fantasia é suspeita.

E os pesquisadores na psiquiatria criaram nomes de doença até para a saúde. Nós, no Ocidente, somos os pacientes de um grande hospital.

\* \* \*

Um jovem, impressionado profundamente com a guerra, seguiu em busca de um anacoreta que possuía grande fama de sábio:

— Senhor... — disse ao sábio. Teu nome percorre as terras e soube que somente tu és capaz de me dizer, de me responder ao que pergunto: os homens se destroem nas guerras. Nada os aproxima. As religiões pregam o bem inútilmente. Os filósofos pregam doutrinas de aproximação humana, inútilmente também. Que podem os homens fazer para enfrentar suas más tendências?

O sábio, depois de uma longa reflexão, disse:

— É inútil pregar que se amem. Inútil prometer-lhes prêmios, ou ameaçá-los com castigos. Eles continuarão sendo sempre o que são.

— Então tudo está perdido, senhor?

— Por que desejar mudar os homens de uma vez? Eles melhoram em alguma coisa, após cada sangria que sofrem. É que sempre queremos ir mais depressa do que podemos. Como conseguir que os maus pratiquem o bem pela simples proclamação do bem? Que adianta propor prêmios futuros em que eles não crêem mais? Há uma única solução para se obter a melhoria dos homens.

Fêz uma pausa e chamando-o para mais junto de si, disse:

— Não te aconselho a pregar aos homens. Mas se quiseres fazê-lo vai e lhes prega o seguinte: A mais fácil de todas as virtudes é a delicadeza. Sejam uns delicados para com os outros. Sorri, embora não o queirais ao vosso próximo. Sêde sempre gentis. A grande virtude é a delicadeza. Nada tendes a dar, quando delicados, e nada perdereis. Quando os homens houvessem aprendido a ser delicados, terão construídos um clima propício a se amarem uns aos outros, mas num amor que construa, um amor de fortes e não de fracos, um amor que aproxime sem humilhações nem resignações, ensinando uns aos outros a vencer os seus limites, conquistando, assim, uns pelos outros, um mundo em que todos sejam fortes, porque todos vencerão suas fraquezas. Só há êsse caminho.

## NEO-HILOZOÍSMO

A ciência hoje busca um neo-hilozoísmo. Paracelso foi o hilozoísta do século quinze. É que os extremos se tocam. O pampsiquismo paracelsiano é um antecedente do pampsiquismo nistscheano, com fundamentos no espinozismo e no heraclitismo.

A ciência de hoje parte para um panteísmo. Estamos numa época essencialmente histórico-relativista.

Os homens têm consciência de que fazem história. Integralizamos os conceitos esparsos; buscam-se explicações, leis que sejam absolutamente universais, busca-se a unidade de toda a ciência em leis genéricas, que expliquem todos os fenômenos. O pampsiquismo será uma próxima conquista. E Paracelso voltará a ser lembrado, estudado.

Os próximos dois decênios, que serão decisivos para o destino do "homo sapiens", marcarão êsses retornos da filosofia e da interpretação cósmica. E essas são filosofias que perfeitamente correspondem ao nosso momento histórico. Ela será suplantada, depois, por outras doutrinas que darão outros rumos à ciência e à filosofia.

O homem pensará e interpretará seu mundo através de seus "instantes" históricos. Predominará sempre a filosofia que se adapta a êsse instante.

Daí que os fundamentos da dialéctica histórico-trágica são e serão verdadeiros, sempre, numa projeção da atualidade aos séculos vindouros. Mas, numa época que busque

que queira absolutismo, essa doutrina será absolutamente inadaptável e inaceitável. Sua "verdade" sofrerá, assim, restrições de acôrdo com a época. O homem de hoje, se pudesse examinar os séculos futuros, acabaria usando êsse método.

Mas um homem do futuro, que estudasse os séculos passados, os veria de acôrdo com seu novo "esquema óptico". O homem dos dois próximos decênios julgará a doutrina eterna, porque ela interpretará os fenômenos, e até a atitude dos nossos descendentes, dentro de leis ou princípios integralmente aceitos. Mas verdadeira, também, a doutrina dos homens futuros, que interpretarão o mundo através de seu novo esquema óptico.

Assim cada época conhece a "sua" verdade.

Para o gênio há três caminhos: o da descoberta, o do raciocínio e o do clareamento dos nexos, ou seja, a ordem histórica, a ordem lógica e a ordem ontológica.

\* \* \*

Entregar-se apenas ao exame dos fatos, como o deseja o espírito acadêmico de má origem, sem projetar uma hipótese ou uma teoria, é, na verdade, uma manifestação de covardia intelectual.

O homem de ciência, de real valor, não será apenas um coletor de fatos, mas um intérprete do que êles simbolizam ou meramente apontam.

\* \* \*

Se a arte não se manifesta na cópia da vida, não é apenas a sua tradução pessimista, tão ao gôsto do espírito demoníaco da nossa época, mas também a sua exaltação nas possibilidades, que embora improváveis, poderia ter ela, mesmo quando mentirosa.

\* \* \*

Nós criamos símbolos para exprimir, em conceitos, as generalizações que aprendemos dos fenômenos. Depois, substanciamos êsses símbolos e raciocinamos com êles como se fôsem entidades mais que lógicas, quase físicas.

Daí parte a estratificação dos nossos preconceitos.

\* \* \*

Uma fé profunda e demorada baseia-se nos sentimentos, não na razão.

E ela é mais profunda e mais ativa, e conhece, ainda, seus instantes de vacilação e de dúvidas, quando se enraíza no subsolo do inconsciente. A inquietação, a angústia, são os seus sintomas. Mas juntem-se outros: a intolerância ou a própria tolerância...

\* \* \*

Dar vida às coisas inanimadas, emprestar-lhes atributos, qualidades quase conscientes, buscar a metáfora, não é fotografar a natureza. Sentir as coisas estranhas através de nós mesmos, situá-los através de nossas emoções e sentimentos, afetividades e sonhos, desejos e vontades, é um realismo que a maioria dos realistas não podem compreender.

Repito: a arte está no artista, não na natureza.

\* \* \*

Os filósofos de hoje desdenham a metafísica, mas fazem declarações sobre a alma, através da psicologia; sobre a substância estudam os prótons, subdividem-nos, e subdividirão suas subdivisões; discutem a eternidade, o infinito ou o finito do universo; se há ou não, outros universos; e sobre condicionalismo ou incondicionalismo, sobre a eternidade da matéria, sobre a desmaterialização da matéria es-

creveram-se montanhas de livros, e ainda desdenham a metafísica.

As individualidades são determinadas. E por que que-reis que o determinado seja infinito em número? Como é possível o infinito em número?

\* \* \*

A velha fábula da rapôsa e das uvas tem sempre atualidade e inúmeras aplicações. Certo crítico afirmava em uma das suas crônicas, que um determinado poeta, em um verso apenas, dizia mais que muitos filósofos em longos e confusos tratados. E a seguir citava o verso. Que relatava tal coisa, senão a ignorância do poeta sobre os tratados e a sua pobreza de conhecimento quanto ao pequeno verso, que nada mais repetia que um lugar-comum da filosofia. Não vou repeti-lo. Não vale a pena.

Mas tal coisa nos faz lembrar aquêles que dizem constantemente que a escolástica está superada, que a filosofia está superada. Mas superada por quem? Por uns pobres poetas de lugares-comuns filosóficos?

Aqui também se aplica a velha fábula. As obras dos escolásticos são pouco conhecidas, e até por filósofos de fama. Ademais, não é muito fácil a qualquer um. Um grande filósofo dos nossos dias confessava numa carta que não entendera a obra de tal ou qual autor. E por que não a entendera? Era a obra obscura? Não. A obscuridade estava em quem a julgava. Razão, e muita razão, tinha Lichtenberg quando perguntava: quando um livro se choca com uma cabeça e soa ôco, a culpa é do livro?

\* \* \*

Aquela montanha que recorta o horizonte já não é mais um gesto da natureza nem uma sentinela perdida. É agora apenas um entrave à estrada que segue para o leste.

E também aquelas nuvens carregadas e a névoa, que cobrem o horizonte, não são mais a natureza em cólera nem o manto de tristeza que cobre as coisas, mas um risco ao avião, uma cortina que ameaça perigos.

Tudo hoje perde a significação que tinha. Nós evoluímos tanto, tanto, que perdemos, a pouco e pouco, a nossa ingenuidade. Os nossos símbolos eram mantos de pudor para cobrir as coisas. Elas não eram o que eram, mas o que significavam.

O riso claro daquele regato não é mais a canção que ouvimos, nem os pássaros cantam as coisas do mundo, mas a sua fome e os seus míseros desejos.

Tudo perdeu para nós a sua significação. O mundo é agora, e apenas, o que as coisas valem para os nossos mais utilitários interesses.

O mundo é agora, e apenas, um objeto de mercado. O espírito do mercador venceu. Os vendilhões do templo, que Cristo escorraçou, terminavam vitoriosos. A interpretação meramente econômica e utilitária da vida e do mundo é apenas uma concepção de mercadores.

## FELICIDADE

O Califa de Córdoba, Abderame, deixou escritas essas palavras que só foram conhecidas depois de sua morte:

**“Reinei mais de cinquenta anos, e o reinado ora foi pacífico ora virtuoso; eu era amado dos meus súbditos, temido dos meus inimigos e respeitado por meus aliados. Riquezas, honras, poder, prazer, tudo acorria à minha voz; parece que não faltou nada para ser feliz. Nessa situação venturosa na aparência, contei cuidadosamente meus dias de felicidade verdadeira: sobem a quatorze... Mortal, quem quer que seja, não contes com a felicidade deste mundo”.**

Abderame, parece que não te faltou nada para seres feliz. Precisamente te faltou ser feliz, além de quatorze dias para seres verdadeiramente feliz. Devias dizer o que fez a tua felicidade. Eis uma regra para os pobres mortais:

**“Procura na tua vida o dia em que te consideraste verdadeiramente feliz. Examina o que fez a tua felicidade. Assim conhecerás de que pode ser feita a tua felicidade. É sempre alguma coisa que não tens todos os dias, senão em raros, ou nunca.”**

E se inventares para os teus dias um motivo de ser feliz, não haverá felicidade em cada dia? — Alguém poderia interromper assim e, ainda, dizer mais:

“Nos teus dias felizes, houve algo que te fêz feliz. Ésse mesmo algo, em outro dia, te faria feliz?”

\* \* \*

Sistematizar é querer regular dentro de esquemas a vida em movimento. O que importa é compreender a vida, relacioná-la com nossos símbolos, interpretá-la através de nossas perspectivas e vivê-las afirmativamente...

\* \* \*

Os nobres nunca realizariam a técnica. Por isso vamos negar os nobres? Os burgueses realizariam a técnica, mas nunca sedimentariam o Ocidente.

Por isso vamos refutar os burgueses?

## CONFISSÕES DE UM HOMEM QUE JÁ VIVEU

— Que terrível destino o meu. Durante setenta anos percorri a vida. Na infância, passei aqueles momentos agônicos entre a vida e a morte. Na juventude, enchi-me de sonhos. Conheci vitórias e amei desesperadamente. Na mocidade, entreguei-me de corpo e alma à construção do meu futuro. Vi sempre perto a realização dos meus sonhos juvenis. Deixei para trás, com um sorriso de condescendência, aqueles que foram demasiadamente elevados.

Exaltei minha vida em novas imaginações. Julguei possível a felicidade e tratei de construí-la. Veio a idade madura com as experiências dolorosas. Somei derrotas às minhas vitórias desejadas. Conheci a nostalgia dos que olham os caminhos percorridos e já não sabem distinguir as estradas... Parei muitas vezes à beira do caminho para recordar. Mas segui adiante, como uma peça de um relógio, cômico do efêmero de tudo. A velhice gelou-me o sangue. Esbranquiçou meus cabelos, dobrou meus ossos, arruinou meus músculos, reduziu-me os horizontes onde se pousavam os meus olhos cheios de vida, de confiança, de esperanças. Estou chegando ao termo de minha vida. Que longa estrada... Que lembranças me acompanham agora! E que dificuldade para ver o que já fiz. Tenho uma única realidade. Fui um viandante. Percorri o mesmo caminho, e no entanto, resta-me a única certeza que o caminho é o mesmo, que nada pude fazer para mudá-lo para outras direções. Mas aos outros sempre resta a esperança de que o fim seja diferente.

A esperança põe névoas no caminho, e não deixa que os homens conheçam o termo da viagem antecipadamente..."

\* \* \*

Excluir o personalismo dos seus atos, observando os fatos objetivissimamente, é uma demonstração palmar de mediocridade.

Só os medíocres podem ser assim. Não se concebe um gênio objetivíssimo e impessoal.

\* \* \*

As idéias também conhecem seu nascimento, sua vida e sua morte...

\* \* \*

Hoje discutimos tanto a arte, precisamente porque não a vivemos mais como a vivíamos, porque ela não mais ocupa seu verdadeiro lugar em nossa vida e por isso perdeu sua ligação ao referente simbolizado.

Nós não discutiríamos um tema sem que êle nos tivesse apresentado uma perda em seu conteúdo anterior, e êsse conteúdo estava em nós, ou, então, em nós êle se modificou.

Discutimos sôbre Deus quando não o sentimos mais. E se hoje discutimos tanto o valor, é porque sentimos tanta perda de dignidade no homem, que êsse tema se torna por isso exigente.

\* \* \*

A primeira antinomia fatal e necessária é a antinomia da existência finita. Nela é sempre necessário que exista oposição. Êsse o caráter trágico da dialéctica.

\* \* \*

Tôda hipótese científica é um ato de fé.

\* \* \*

Há uma diferença notável entre a filosofia e a ciência. Esta **acrescenta** a cada saber um novo saber, a cada **explicação** acrescenta outra explicação. Na filosofia, ao contrário, cada nova teoria quer negar as outras, **substituí-las**. Se examinarmos a dialéctica do tempo e do espaço, vemos que, no espaço, há acrescentamento, presença de uma parte **com** outra. Do espaço deduzimos, e ao espaço acrescentamos. No tempo, há substituição de um instante por outro. A filosofia é mais tempo, por isso mais profundamente histórica que a ciência. Mas êsse aspecto apenas revela sua atividade em geral, porque, quanto ao método, a ciência é mais dialéctica. A ciência realiza assim um progresso qualitativo e quantitativo, conseqüentemente é escalar (mais ou menos), enquanto a filosofia, por substituir, torna-se alternativa (ou... ou...). Substitui uma posição por outro; uma nega a outra. Não há, então, um acrescentamento na filosofia? Há; e a filosofia deve aceitá-lo, e com êle proceder, construir, realizar, libertando-se da alternativa rígida. Só por êsse caminho a filosofia se tornará também progressiva. A aceitação dessa atividade permite, desde logo, tornar-se uma posição cêntrica, equidistante tanto quanto é possível qualquer equidistante ante as tomadas de posição extremas e sobretudo unilaterais. A conquista dessa posição oblíqua permite coordenar a filosofia numa visão geral histórica que a revelaria genéricamente, com a antevisão, outrotanto, de suas possibilidades reais.

## O MÁGICO DE OZ

— Que existirá atrás do arco-íris?

Os olhos infantis estão voltados para o maravilhoso país que fica atrás do arco-íris!

E há séculos que os lábios infantis exclamam essas palavras! E não temos nós também, nós adultos, já carcomidos pela idade e pela experiência, os nossos olhos voltados para os países maravilhosos da nossa imaginação? Não construímos o sonho ilustre de uma grande vitória?

Não acreditamos também em fadas bondosas e feiticeiras malvadas?

Não acreditamos no poder dos “Mágicos de Oz”, na inteligência dos “Homens de Palha”, no coração dos “Homens de Lata” e na coragem indementida dos “Leões Covardes?”

“O Mágico de Oz” foi uma obra-prima, cuja realização e intenções foram muito além das desejadas por seu autor. Há, ali, uma filosofia infantil, simples, mas humana, que se assimila de maneira viva e profunda à realidade da hora que passa.

O “Homem de Lata” não tinha coração. Estava convencido disso, porque não ouvia o tique-taque lá dentro, ressoando pela lataria. E era com tristeza na voz que êle dizia: “Infelizmente, eu sou de lata”.

E se volvermos os ouvidos para o mundo, ouviremos os “homens de lata” exclamar: “Sou justiceiro! Não me guio

pelos sentimentos! Faço simplesmente justiça!” E aquêlê homem de lata, era o mais sentimental de todos. O Homem de Palha não tinha inteligência porque era todo de palha. “Eu sou um simples medalhão de palha... Triste espantalho que assusta os pardais...” Assim era em Oz.

O Leão Covarde acabou carregado de medalhas da Legião de Bravura. No entanto, tinha medo até do próprio rugido. Mas os Leões Covardes não acabam sempre assim? “Eu sou valente. Eu derroto um a um os meus inimigos!”

Mas, na floresta dos duendes, diz: “Não creio em duendes! Não creio em feiticeiras!” E quando vê os duendes à sua volta, exclama cheio de medo: — “Eu creio! Eu creio em feiticeiras, eu creio em duendes! Eu creio! Eu creio! Eu creio! Eu creio!” — E cada vez mais alto para que o ouçam!

Mas, depois, outra vez, volta à bravata:

“Eu derrotarei os meus inimigos, eu desbaratarei as tropas de meus adversários, eu enfrentarei a feiticeira malvada, eu destruirei os seus exércitos e tomarei o seu castelo. Mas, meu amigos, Homem de Palha e Homem de Lata, eu só vos peço uma coisa: dissuadam-me dêste intento!”

Oh! exclamação universal dos leões que fogem através de todos os tempos!

E tu, Mágico de Oz, que falas através do microfone que amplia a tua voz de falsete e a torna portentosa; tu que diriges povos, que lhes não apareces senão nimbado de nuvens, das chamas magnificentes dos teus exércitos e da tua fama, tu, Mágico de Oz, que diriges homens e diriges povos, onde estás?

E essa voz não se ouve por todos os rincões da terra?

Dorothy, criança simples, ingênua criança, quem és tu?

— Eu sou todos vós que me ouvís, porque como fôsteis, eu sou criança! Acredito nos Leões Covardes, nos Homens de Palha, nos Homens de Lata e nos Mágicos de Oz!

Creio na terra feliz de Oz, no castelo das esmeraldas, nas fadas benfazejas, mas temo, também, os duendes das florestas, as feiticeiras do mal!

Que maravilhoso conto de fadas êsse “Mágico de Oz”, que deleita as crianças de tôdas as idades, e que está cheio de intenções.

Uma liçãozinha de filosofia simples, que toca no fundo da gente. Quem não o entendeu, que diga bem alto:

— Vamos ao castelo do Mágico de Oz, como o Homem de Palha, pedir inteligência! Basta seguir a estrada amarela!...

## A VIDA IMITA O CINEMA

O cinema tem ido buscar na vida os temas para os seus mais eloqüentes dramas. E muitos olhos humanos têm chorado as dores e as tragédias das heroínas da tela e os corações têm pulsado ante a emoção da vitória dos seus heróis. O cinema tem imitado a vida. Muitas vêzes tem-na enobrecido, ornamentando-a com histórias fugidas da realidade, e que povoam de sonhos, de ilusões, terminando, quase sempre, com o clássico “happy end”, tão a gôsto das platéias vulgares.

Há pouco tempo, o cinema projetou, na tela da vida, êsse final de filme: Ê outono e o vento varre as ruas de Nova Iorque. Num tribunal, uma mulher comparece. A voz é apagada e as roupas envelhecidas não escondem um certo porte aristocrático. No rosto descuidado, perduram ainda os traços de uma beleza apagada:

— Sr. Juiz, meu pedido é o mais justo. Tenho uma filha e o meu ex-marido, pai dessa menina, é rico. Êle bem poderia dar uma pensão que permitisse continuar a educação de minha e de sua filha, que está num colégio, onde trabalha para poder se educar. Como não tenho nada e vivo miseravelmente e sem trabalho, sou forçada a tirá-la do colégio, e ela terá que seguir os azares da vida, sem ter recebido a educação necessária que lhe garanta o seu futuro. Estou com muitas mensalidades atrasadas e, ultimamente, tudo me tem corrido mal. Não tenho a quem apelar, senão ao pai de minha filha. Êle é o príncipe M'Divani, e nega-se a atender-me. Por isso recorro, hoje, à justiça.

O juiz franze a testa e carrega o sobrolho. Põe sôbre a mulher seu olhar profissional, admira aquêles cabelos louros desalinhados, e observa atentamente em silêncio o vestido velho que cobre o seu corpo. Por sua imaginação, talvez passem reminiscências de emoções que já experimentara. Talvez recorde ainda trechos de músicas que não se apagaram de sua memória, e tenha nos olhos uma imagem quase desfeita de cenas que já vivera. Fecha levemente os olhos como para fitar melhor, e diz lentamente:

— Não está você em condições de sustentar sua filha?

— Não, sr. juiz...

— Não ganhou você milhares de "dólares" no cinema e no teatro?

— Sim, ganhei... — respondeu ela, abaixando a cabeça — ganhei... mas hoje estou na miséria. Não tenho casa, nem sempre tenho o que comer...

— Isso é incrível!!! Onde mora você, Mae Murray?

— No Parque Central, sr. juiz. É ali, num banco, que eu tenho passado estas três últimas noites..."

Mae Murray, a estrêla que dominou o céu cinematográfico até 1925, a intérprete de "Viuva Alegre", "Saxofonomania", "Fascinação", e tantos outros que foram os grandes êxitos do passado, não tem casa, nem tem roupa, não tem com que possa educar sua filha.

Dirão: por que não foi previdente e não juntou o necessário para garantir o seu futuro? Mas é o triste destino das cigarras humanas, êsse. Aquêles que levam a vida dando o seu trabalho inteligente para divertir as multidões, que pararam à luz da ribalta para receber os aplausos das platéias emocionadas, nem sempre possuem o espírito utilitário e previdente dos sêres "normais" e comuns. Vivem a glória do momento que os embriaga, e o dia de amanhã é sempre algo longínquo que os olhos não vêem como uma fa-

talidade. São anormais ante a normalidade corriqueira da vida. E a miséria é, às vêzes, o epílogo de suas glórias.

John Gilbert, outro grande astro do passado, galã de celulóide que arrebatou os corações femininos, morreu na mais extrema miséria.

O grande David Griffith, o diretor máximo da tela dos tempos do cinema mudo, viveu implorando, de estúdio em estúdio, que lhe dessem um pouco de trabalho, e lhe cedessem mais uma oportunidade, pois sabia que ainda tinha talento para criar algo de belo e imenso.

Não é de admirar que hoje os artistas sejam utilitários, porque hoje vivemos um mundo apenas utilitário, até que o homem, faminto de idéias, vá procurá-las outra vez.

## ONDE HÁ UM GÓSTO DE PROFANAÇÃO

Profanadores de túmulos, de cérebros e de idéias, êsses cenhos circunspectos, que se debruçam nas longas noites de vigília sôbre seus livros, sôbre suas retortas, sôbre seus estudos, para a análise da vida do homem e da alma...

A ciência profanadora das almas chama-se psicologia. "Profanação, teu nome é mulher!" Ouçam, é a ciência que fala:

"Quando Dante desceu aos infernos... É a realidade interior dos subsolos da alma, uma peregrinação simbólica ao inconsciente. Depois, começa a ascensão ao Monte da Purificação, onde o poeta desempenha uma parte viva em exercícios expiatórios, num trabalho interior de regeneração. É o outro lado, o sintético, da experiência íntima da análise. Depois Virgílio entrega-o a Beatriz... que é a alma imaculada que o poeta recupera, após o esforço humano da regeneração". "A descida aos infernos mostra o inconsciente recalcado, descoberto pela primeira fase, reductivo-causal da experiência íntima da psicanálise.

Mas o inconsciente não é o passado da humanidade, mas o seu futuro latente... A "descida aos infernos" pela psicanálise completa-se na "subida aos céus" pelo trabalho espontâneo de recondução da psico-síntese..."

Meu Deus, pobre Dante! Quando imaginarias tu, ó nobre florentino, que estarias nos manuais de psicologia, nos tratados de psicanálise, examinando, dissecado, transformados os teus sentimentos, os teus desejos e a tua obra, num

montão de coisas mortas, separadas, catalogadas, divididas, tendo cada uma a montar guarda um palavrão altíssimo para explicar a gênese dos teus sonhos...

Pobre Dante! Talvez agradeças no fundo escuro do teu túmulo, a hora bendita que te arrancou do meio dos homens e permitiu que os teus olhos não vissem essas palavras, nem teus ouvidos êsses tons que te soariam mal...

Se êles pudessem, profanariam o teu túmulo, e iriam cortar as tuas carnes com o bisturi afiado, na ânsia de encontrar no teu cérebro células epiteliais de forma piramidal, para explicação da tua genialidade. E, depois, estarias catalogado no manuais de psiquiatria, tendo, para tua glória, a coroa de louros de um nome de vinte ou mais letras, além de três páginas de análise, bem ao lado de qualquer paranóico, como exemplo para os homens estudiosos, que passam as noites sôbre os livros, sôbre as retortas ou sôbre os corpos nus dos que não têm ninguém que lhes venha reclamar o cadáver.

## UM HOMEM QUE SE VESTIU DE HUMANIDADE

Estamos no velho bairro londrino de Kennington. As figuras quotidianas da babélica Londres passam anônimas pelas ruas úmidas.

Mas para os olhinhos espertos de um menino pálido, elas guardam um certo eternamente atual que provoca ternura, afeição, quase lágrimas. Dir-se-ia que essa criança, alheia aos brinquedos dos outros, que enchem de algazarra as ruas tortuosas, que saltam da morte que lhes ameaça um carro pejado de mercadorias, que atiram pedras, insultam os que passam, ou formam grupo à volta de um velho lampião apagado, porque a tarde ainda nevoenta poeira luz sobre as paredes úmidas, dir-se-ia que essa criança alheia distante, porque seu olhar paralela-se pelas silhuetas dos que passam, é doentinha, guardando em sua magreza desntrida, a satisfação impossível de um desejo longínquo... Não causa pena. Nem suas vestes rôtas, nem seu ar pálido, porque em Londres, e sobretudo nessa tortuosíssima Kennington, há muitas crianças de rosto pálido assim.

Saberá ela que êsse mundo não é bom? Não tem ela no estômago vazio uma afirmativa torturante? E se lhe perguntassem o que era a felicidade, que sorriso triste e ingênuo não pararia em seus olhos vivos, e que interrogação aflita não lhe comprimiria o coração?...

Felicidade é milagre... E estamos em Londres de 1890, Londres babélica, úmida, triste, e andrajosa. Os milagres são impossíveis.

Mas pela outra calçada, seus olhinhos agora se fixam insistentes, naquele vulto de pés abertos, de calças largas, endurecido pelo reumatismo. Está curvado sobre um bastão fino e frágil. Traz, cobrindo a cabeça da névoa fria, um chapéu de côco já velho, descolorido. Um fraque em andrajos que lhe deram. Veste-o para cobrir a magreza do corpo esqualido. Uns sapatões, de ponta revirada, que herdou de um defunto qualquer. Lá passa êle, num passinho curto, pés espalhados, de juntas duras. É um velho lava-coches de Lambeth Walk. Um pobre residuo humano, que caminha arrastando penosamente as pernas cansadas. Tem um ritmo grotesco... Desperta o interêsse dos meninos que brincam na rua, que se abrem em riso, gargalham do andar derrengado de gotoso, do homem de cartolinha. O dono do açouque, defronte, também ri. O ritmo dos seus passos faz rir. Ri a rua tôda do fraque anacrônico. Riem dos sapatões de ponta revirada. Riem da cartolinha sem côr. Só o menino pálido, sentado à beira da porta, não ri. De olhos fixos nêle, acompanha-o, e êle segue indiferente à gargalhada da gurizada que o persegue. Não se volta.

Segue curvado em seu passo curto. Para êsse menino é um símbolo.

Ali está a Humanidade vestida de andrajos. Veste uma casaca que não é dêle. Que símbolo de hipocrisia! Veste um chapéu de côco que é um símbolo de vaidade, em quem não tem vaidade. E aquela bengalhinha frágil é tôda a dignidade dos homens, num homem que nem sequer sabe mais o que seja dignidade. Êle, o menino pálido, não forma êsses pensamentos. Nem sequer os conduz. Mas os sente. Aquêle instante encerra um eternamente atual, que grava, para sempre, em si mesmo, sua própria personalidade. Êle, um dia, talvez possa ser como aquêle velho gotoso, de sapatões revirados, de fraque estranho, de chapéu de côco. Todos riem da tragédia daquela desgraça física. Todos riem atroando a rua de gargalhadas. E o velhinho passa. Só o

menino pálido não ri. Só êle o acompanha com seus olhos molhados de lágrimas.

Só êle chora, ali. Por quê? Não sabe! Não há porquê, para êle, em suas lágrimas. Mas, naquele instante, sente, como nunca sentira, a realidade de si mesmo. Aquêlo momento, aquela figura ridícula, aquelas gargalhadas intermináveis, fixam-se nêle, para sempre. Não se contém mais. Soluça. O pastor do bairro passa nesse instante. Aproxima-se dêle. Passa-lhe a mão sôbre os cabelos negros e pergunta-lhe paternal:

— Por que está chorando, meu filho? Alguém lhe fez algum mal, fêz?

— Não!

— Então, não chore...

— É que aquêlo homenzinho me fêz chorar...

— Mas por que, meu filho?

— Não sei, pai. Não sei... Aquêlo homem me fêz chorar quando todos riem dêle... O pastor compreende. Acerca-se dêle. Ergue o menino pálido e magro, de nove anos desnutridos, e esgurando-o nos braços, limpando-lhe as lágrimas, diz-lhe:

— Não chore, meu menino. Como é seu nome? diga...

— Charlie...

— Charlie de que, meu filho?

— Charlie... Chaplin...

E do menino magro e pálido os anos formaram um homem. Conhecera a miséria, conhecera o ridículo da dor humana... E nela formou sua mentalidade. Charlie Chaplin tornou-se, depois, no palco e no cinema, o histriônico tipo da tragédia humana. Êle gravara para sempre, naquele homenzinho gotoso, o tipo eternamente atual da tragédia.

dos resíduos humanos. Sua alma, sua personalidade, nasceu naquele dia, em que aquêlo homem seguia ao ritmo ridículo de seus passos. E foi com lágrimas que formou sua alma. Cimentou-a, assim.

Charlie Chaplin é nós, na tela. No fundo, todos nós, somos humanissimamente aquêlo homem de sapatos enormes e revirados, aquêlo fraque gasto e rôto, cobrindo a pele e o corpo magro, aquêlo chapéu de côco ridículo e uma bengalinha que é tôda a nossa dignidade.

Chaplin disfarçou-se naqueles andrajos. Fêz da fôrça um símbolo humano. Vestiu-se de humanidade. E, depois, quando o vimos em "Circo", "Busca do Ouro", "Luzes da Cidade" e "Tempos Modernos", vimos nós mesmos, vivendo a tragédia quotidiana do ridículo de cada um.

## NÃO HÁ FÓRMULAS DEFINITIVAS

Assim como na música, há algo na poesia que transcende ao mundo do nosso conhecimento ótico, pois êste é limitado às resistências luminosas.

É a arte que nos tem ensinado que o limite é apenas uma resultante de nossa experiência e há possibilidades de um espaço cósmico sem limites e que exceda também à possibilidade ótica. É a transcendência que oferece a arte, enriquecimento, portanto, do homem, que não pode estreitar-se ao campo puramente "realista" que desejam alguns por impossibilidade de atingir essa transcendência. Daí, limitar a arte ao esquema puramente da sociologia, é encadeá-la a algemas tão cruéis como jamais foi imaginado.

A arte é evasão, não prisão. E esta tendência de um além da realidade é precisamente a grande característica que marca a tendência da arte ocidental dos últimos séculos, cuja limitação é absolutamente criminosa. A liberdade da arte não nega absolutamente a necessidade de reforma e de reversibilidade social. A arte pode ajudar. Mas pagar essa ajuda, exigindo que ela entregue sua liberdade, é violentar uma simpatia.

Ora a poesia como a música não se enquadra na estreiteza dos ângulos matemáticos tridimensionais do espaço. A própria pintura nega as afirmações da teoria do conhecimento. É que o mundo, como conhecemos, é uma acomodação que fazemos e não representa uma realidade em si. O artista pode captar profundidades não indicadas pelos sentidos.

É aí que êle é um criador. Cingir o artista a apenas esboçar o mundo do aspecto puramente mecânico, estratificado, do conhecimento, é torná-lo um copista não da realidade, não da natureza, mas pior ainda, de um esquema prático do conhecimento. Ora, a arte precisamente não é isto.

Todo o produzido implica uma produção. Esta é a forma vital, dinâmica da existência. O produzido é simplesmente o estratificado. O nosso conhecimento é formado por estratificações. O artista vai surpreender a natureza em sua produção, em seu movimento, em seu constante vir-a-ser.

Não são adeptos sinceros do devir aquêles que julgam se possa marcar fórmulas definitivas para o homem, seria encadeá-lo nos esquemas e nas escalas de valores do que julgamos o melhor. E o melhor é um dos mais obstinados equívocos do homem. Não temos o direito de querer traçar o destino das gerações futuras. Temos, sim, o dever de permitir-lhes uma escolha. Por isso toda limitação à liberdade criativa é um crime contra a natureza e a história.

O espaço e o tempo são impressões primárias resultantes do estado de consciência vigilante. Os místicos e os ascetas conhecem perfeitamente o que consiste na negação do tempo e do espaço. É brutalizar, é violentar o homem, negar-lhe a possibilidade de transcender a si próprio.

Tudo quanto queira impedir uma superação do homem é uma negação do homem, porque êste é precisamente o animal que luta pela sua superação, apesar daqueles que julgam que se possa traçar destinos para séculos ou para todo o sempre.

Quando o homem se diferenciou do espaço, criou o sentido da direção. Mas a diferenciação do homem do espaço cósmico é apenas uma impressão acomodatória. A direção

e o movimento deram-lhe a noção do tempo, e a marcha para a frente ou para trás deu-lhe a distinção do presente, passado e futuro. A embriaguez, os opiáticas mostram-nos quão estreita é a nossa concepção do tempo. Um minuto pode encerrar uma longa duração.

A arte é precisamente o que tem permitido ao homem conhecer a superação do tempo e do espaço.

Que se resolva o problema econômico do homem, é uma necessidade.

Não é justa a miséria, quando é possível resolvê-la dentro dos quadros clínicos ou econômicos. Mas impor à arte que pode servir a êsse trabalho humano, limitar-se exclusivamente ao papel da economia, ou da política, ou da sociologia apenas, é desconhecer a essência do fenômeno estético, e querer estancar o poder criativo do homem.

Para a arte nada mais desesperador que um mundo só, que uma direção só. A ditadura dessa direção seria o mesmo que darmos comida a um faminto e tirarmos por outro lado, o seu direito à fantasia, ao sonho, ao maravilhoso, ao criativo. Seria tornar os homens plantas, não homens.

Aqui os excessos dos revolucionarismos históricos não refutam a verdade dos temas socialistas, mostram apenas que nem sempre estão êles nas mãos de quem os merece.

## ESCUTAI EM SILÊNCIO

“Quando, nas eras pré-históricas, um homem riscou duas pedras, para delas arrancar a chispa de fogo que incendiaria um monte de fôlhas e de gravetos secos, ao seu lado, outro homem de olhar maravilhoso, sentia a atração selvagem da chama...

Êste homem era eu!...

Quando Leônidas, na batalha das Termópilas, caiu mortalmente ferido, murmurou suas últimas palavras ao camineiro que o segurou nos braços: “Viandante! Vai, e dize a Atenas que aqui morremos em defesa de sua lei...”

Aquêle homem era eu!...

Quando Cristo, na Rua da Amargura, tombou pela terceira vez e não tinha força para se erguer, um soldado romano pediu a um homem do povo que o ajudasse a carregar a cruz.

E do povo saiu Simão, o lenhador...

Era eu!...

Quando as multidões, ululantes percorriam as ruas estreitas e sujas de Paris, levando nas mãos archotes acesos, e, clamando por vingança, marchavam para o ataque às cidadelas dos nobres, entre êles, ia um de peito descoberto, cabeça levantada, e um archote na mão...

Era eu!...

Quando Bonaparte, prisioneiro dos ingleses, despedia-se dos seus soldados para seguir para o exílio na ilha de Elba, houve um da velha guarda que chorava entre muitos que choravam, e o deus da guerra, abraçando-o disse:

— Despeço-me em ti de todos os meus bravos camaradas!...

Aquêlé soldado era eu!...

Eu estava em todos os momentos supremos da História. Em todos, aquêlé que mais sofria, aquêlé que mais gritava, aquêlé que tinha um gesto de renúncia, um olhar de compaixão ou de ódio, era eu!...

Em tôdas as torrentes de sangue humano, eu verto um pouco do meu sangue. Em todos os momentos de alegria, eu sorrio o meu sorriso!...

Homem, que vens das idades futuras, tu me encontrarás sempre em tôdas as páginas da história.

Onde houve uma lágrima para ser enxugada, uma dor para ser minorada, um apoio ao que caía, houve sempre alguém que soube enxugar essa lágrima, aminorar essa dor, erguer com seu braço o desfalecido.

Esse alguém era eu!...

Homem, que vens das idades futuras, tu me encontrarás em tôdas as páginas da história!

Olha bem, homem das idades futuras, que verás sempre uma figura simples que tem um sorriso para os que sofrem e uma admoestação para os que pecam.

Sou eu!...

## POEMAS EM PROSA

È madrugada, há uma agonia de côres no mundo. Clareia a voz dos ninhos, respiram profundamente os bosques. Já está alto o sol, e os raios mornos aquecem a epiderme da terra. Uma vontade de ser, de afirmar-se, parece brotar de tôdas as coisas. Abre teu peito, funde-te nas coisas...

Irás além de ti mesmo, além de tôdas as coisas. Só então te encontrarás, porque encontrarás a tua verdade.

\* \* \*

Aquêlé gatinho que brinca com um novelo de lã, fala graciosamente em todos os seus movimentos. Não ouves o que êle diz em cada gesto, em cada salto que êle dá?

Poeta, procura ouvir o mais profundo de ti mesmo, ouvindo a linguagem das coisas, a linguagem graciosa dos gestos, a eloquência dos olhares magoados, os lábios que se fecham e os meneios tristes de cabeça.

Ri, ri então, para maior alegria do mundo.

\* \* \*

Deixai falar os frios, os mamóreos, que procuram a vida nos conceitos, nas categorias, nas formas e nas leis. Geométricos querem conter numa fórmula matemática a asa que voa.

Deixai falar os angustiados, os que falam de malogros, do desespero. Deixai-os falar. Deixai falar os que sofreram nas carnes tôdas as dores do mundo, olhos moídos das paisagens doridas, dos ferros retorcidos e das manchas de fumo.

Há sangue nas palavras humanas sem piedade. Deixai falar tôdas as vozes, e todos os idiomas. Dizei o que não cabe em vosso peito... Falai. Queira ouvir tôdas as vozes. Que importa se fôsem sinceras, mentirosas, que fôsem!

Do alto das montanhas, contemplamos piedosamente o mundo que é pequeno demais. Mas nas planícies, também sentimos piedade.

Nós somos pássaros que voam e vermes pelo chão.

\* \* \*

Não tenho chefes nem lei. Não sou dos outros, sou de mim mesmo.

Não creio que para amar os meus irmãos precise marcar a minha alma com um querer organizado. Canto como um gaúcho livre, monarca dos pampas: — Índio velho sem govêrno. Minha lei é o coração.

\* \* \*

Por que não hei de penetrar na minha poesia, se a minha poesia sou eu... apenas eu? Por que não falarei minha língua se outra não saberia falar, se já não seria mais eu mesmo?

Longos e estranhos são os meus caminhos, distantes, os caminhos do mundo que eu percorrerei.

Se não te encontrar nas encruzilhadas, se ao longe não estiver teu lenço acenando, olhos voltados adiante, seguirei.

Que estranha a minha paisagem, à margem dos mundos e das vidas, caminho impercorrido de mim mesmo, meu amanhã, meu sempre amanhã.

Sózinho, que importa, solidão dos caminhos impercorridos, promessas, desilusões, anseios incontidos, desejos do sem-fim, porque tudo em nós afirma que há um sem-fim que sempre nos atrai.

\* \* \*

Sei que não podes desviar-te do problema social. Nem desejaria que o pudesses. Peço-te não deixes de ser tu mesmo, perdendo-te por entre os problemas que tu nem sequer criaste.

Teu irmão que sofre é um atentado contra ti. Ofendem-te quando outros são humilhados, és escravo quando outros escravizam... Mas aprende a rir com as alegrias do mundo, como aprendeste a chorar com as suas mágoas.

Sombrias e apocalípticas visões te encham de terror, estremecees ante o insondável do amanhã ou ante o mundo pétreo que vislumbras.

Não queres ser máquina entre máquinas, és muito orgulhoso de tua humanidade, e sabes que somos homens apenas quando nos libertamos...

\* \* \*

A planta invade com suas raízes o âmago da terra, e rompe com seus braços altivos o bojo do espaço. Respira e vive, floresce e ama silenciosamente no pólen que lança ao bem-amado distante. É um amor sem objeto, sem meta, sem destino, um amor que só vive de esperanças de frutificar.

Pedaço de paisagem, não é como a maripôsa que volta, e vai para onde quer, nem como o pássaro que descreve paisagens distantes.

Criança, que choras nos braços de tua mãe, um dia pararás de chorar, e olharás com olhos maravilhosos o mundo que te cerca e te sentirás sòzinha, porque te sentirás tu mesma. O terror invadirá teu ser, terror do mundo que não és tu, terror de ti mesmo, porque pressentirás o fim. Então, quererás invadir o arcano das coisas, perscrutar o mistério que trazes dentro de ti, e petrificarás teu terror em templos, tua dor em versos, tuas esperanças em idéias, tuas certezas em filosofias e crenças!

E sofrerás em ti mesmo o grande amor que te concilia com a vida. E se um dia fôres sábia, criança que choras nos braços de tua mãe, serás também como a planta que invade o âmagô da terra, serás um pedaço de paisagem humana, e não esperarás pelo pólen que vai frutificar.

Irás também para onde quiseres, e cantarás como o pássaro as paisagens vividas. E o terror que hoje mingúa teu coração te acompanhará nas longas viagens pelos arcanos dos mundos.

E, cavaleiro do destino, libertarás irmãos, desabrocharás sorrisos em rostos doloridos, despertarás esperanças em corações magoados, e não temerás o fim, porque tôda a tua vida justificará o fim, que é o comêço de um novo caminhar.

\* \* \*

Que tenho que ver com a modernidade, se como homem pertença a tôdas as eras? Não andei contigo nas planícies da Grécia, e não sorri nos teus olhos à sombra das palmeiras, brincando com os pés nas águas do Nilo? Que tenho que ver com o calendário, se tenho, dentro de mim, um velho coração que se renova todos os dias? Tenho séculos no olhar, milênios dentro do peito, alegrias a cantar, carícias ingênuas para as coisas, um desejo incontido de amar.

Que tenho que ver com a modernidade, se como homem pertença a tôdas as eras?

\* \* \*

Não penses que o sol não sabe qual o seu destino. Não penses que não sabe que seus raios dão vida ao mundo, às flôres, aos homens, aos animais.

Por que julgas o que não entendes com tuas idéias pré-formadas? Despe-te das formas em que desejas te expressar. Não escolhas previamente o teu caminho, deixa correrem livremente os teus passos. Procura tua alma infantil, liberta de todos os requintes e ademanes e gestos e atitudes.

\* \* \*

Sem ingenuidade não poderás criar.

Tanto é verdade que as coisas te amam que elas te não resistem.

Por que pagas com o mal, o mal que te fizeram? A alegria do bem que fizeste é só tua, do mal que te fizeram para que ter memória?

Não amargures a água que bebes, com gotas de fel.

\* \* \*

Estira para a vida um gesto de dignidade. O que tu vales não tem medida, porque só comparando-te contigo mesmo é que te avalias. Os outros não são as tuas medidas. Tu és único, e êsse é o teu valor e tôda a tua dignidade.

\* \* \*

Gosto de opor o meu rosto ao vento que sopra, fresco ou morno das manhãs frescas ou das tardes estivais.

As plantas falam quando desabrocham flôres, quando oferecem aromas e esplendores cromáticos aos homens e aos animais.

O amor que delas se expande, só outras plantas podem compreender. As plantas falam quando desabrocham flôres.

\* \* \*

Também quero cantar a bem-amada, não quero resistir ao amor... Não sou um resistente! Os teus olhos meigos, o teu corpo junto eternamente ao meu.

Não desconfio do amor que brota em mim, nem duvido dêle, porque o sinto. Deixa tua metafísica e tua problemática. E nenhuma certeza, Descartes, é maior que a do nosso coração.

\* \* \*

Não quero pensar agora, nem violentar a simplicidade do mundo com pensamentos. Que têm que ver as falsas filosofias com a alegria desta manhã de sol? Que conceitos podem dizer o que disseste com aquêles sorriso?

Não, não quero pensar agora, longe de mim medidos pensamentos.

Deixai-me... a manhã, teu sorriso, meu corpo, teu corpo, nada mais.

\* \* \*

Não tenho nada que ver com os teus ismos cerebrais; que me importa se queres gaiolas douradas. Eu quero é viver, deixar viver a minha vida, despi-la de ressentimentos, de ódios, de angústias, de complicações.

Quero ser simples como as flôres que não criam problemas metafísicos para os campos que atapetam.

Quero ser como a água que cai das montanhas, que nem precisa de adjetivos.

\* \* \*

Se vires além das coisas, fica certo, és poeta. A poesia é o desvendar a linguagem ingênua da natureza, a linguagem ingênua do coração. Inútil procurares, nos complexos conceitos criados, o que eles não têm.

Teu mundo de problemas, se um dia êle te falar sinceramente, verás nêle apenas um sorriso ou os braços caídos em desilusão.

\* \* \*

Se queres cantar as coisas, deixa que o entusiasmo te domine, não resistas ao mais poderoso de ti mesmo. A poesia brota de nós quando nem a espreitamos.

\* \* \*

Angústia dos que desejam expressar alguma coisa e não podem...

Como queres cantar, se logo impões silêncio às tuas palavras? Quando escolhes o que dizer, dizes sempre muito pouco. Deixa falar teu coração, escuta-o apenas, só isso.

\* \* \*

Eu sempre me afirmo quando falo a mim mesmo, e, através de mim, derramo-me por tôdas as coisas... Entendo a linguagem das coisas enter si.

Não quero intérpretes nem intermediários, sacerdotes decifradores de mistérios, acessórios apenas aos que não sabem ouvir.

Os poetas não sabem falar aos corações, porque não deixam falar mais o coração, temem tanto parecerem sentimentais.

Temerário, surpreendo o colóquio cósmico, e a promessa do pássaro que corta o azul. As palavras são apenas sinais do que não podemos dizer.

\* \* \*

Por que desejamos prender o que flui? Compreenderemos o vôo dos pássaros por lhe dar um nome? Não é a poesia o querer apenas desvendar o mistério?

O mistério sem fim, sem limites. Deixa a poesia extravazar-se sem limites; não a prendas em armadilhas.

Ela é como êsses pássaros que morrem quando em cativeiro.

\* \* \*

Os homens ergueram orações de pedras com seus templos monumentais.

Na primavera, tôdas as plantas são orações agradecidas. Que lhes importa que roubem o pólen de suas flôres?

Iriam acaso amaldiçoar o sol que as frutifica, porque nêles os pássaros se alimentam? Por que negas o amor, se não sabes amar?

\* \* \*

Nós estamos cheio de medo. Mas o pior de todos os medos é o de sermos nós mesmos. Por que não nos fitar-

mos, e conversarmos como amigos, como velhos amigos, que há muito tempo não se vêem, e que muito têm que contar?

Por que êsses gestos, êsses ademanes, por que tememos que nos espreitem e descubram a nossa sinceridade? Eles nos olham, e nos ocultamos com a máscara dos içiomias. Deixamos derramar-se a nossa alma no alívio da confissão.

\* \* \*

Aquela criança, com um brinquedo nas mãos, é mais poeta que tu, com teus problemas e aflições. O orvalho da manhã é um poema de côres irisadas.

\* \* \*

As coisas são bem simples e alheias à ciência, e não rebuscam modos sábios de falar. Deixa pender tua alma confiantemente, e não a violentes com o teu querer.

\* \* \*

Não, a poesia não é deserpêro, desespêro de ensaios e de experiências. Quando a alma não sabe mais o que dizer, de que valem os gestos tão bem estudados e a procura de novas fórmulas salvadoras? Nós sòmente buscamos o que já não temos.

\* \* \*

A arte não tem **porquê**; não vás procurar longe o que em ti não encontras. Se queres novas fórmulas para o que sentes, então te perderás.

\* \* \*

Tu temes repetir e queres a novidade, como se a vida não se repetisse sempre, e não fôsse, também, nova, cada vez. Quando teu coração falar com liberdade, com espanto verás que é sempre novo o que êle diz.

\* \* \*

Minha arte não é premeditada. Minhas palavras brotam como a água das fontes. Se o que eu digo não o sentes, se tua alma não ouve a minha, não é minha a culpa nem é tua.

O abismo que nos separa não o escolhemos. Está entre nós por fatalidade, por um acaso qualquer, porque talvez seguimos rumos diferentes.

\* \* \*

Tens medo do que já fomos, receias ser o que certamente és? Eu quero ouvir a voz das coisas simples, o ronco medonho do terror, e a melodia esquisita das flôres que sorriem. Quero ouvir a voz hierática das estátuas, o querer de pedras das montanhas cravadas no céu, e a promessa longínqua de todos os séres; quero desvendar o segrêdo dos mares hiperbóreos, percorrer campos infinitos, os desertos sem fim, e desfazer as trevas com auroras.

## CREDO DE DOM QUIXOTE

Creio na sabedoria divina criadora do cosmos; creio no cavalheirismo dos libertadores de bons prisioneiros; creio no amparo aos perseguidores, e aos necessitados, ávidos de justiça, e de liberdade.

Creio no orgulho ante os poderosos; na justiça ante os maus; na magnanimidade ante os bons e os mansos, na delicadeza ante as mulheres e as crianças.

Creio na coragem; no domínio dos desejos e no amor eterno.

Creio na vida e na morte; amo as sombras dos bosques e a luz plena do meio-dia.

Creio na cavalaria andante, realização suprema do homem bom e viril.

Creio que há sempre um ideal a conquistar; feiticeiros que combater, duendes que enfrentar, e monstros que destruir.

Creio na necessidade do mal para maior glória do bem.

Creio na noite para maior glória do sol, e no sol para maior glória da lua, inseparáveis amigos e confidentes dos campeadores do ideal.

## INTENCIONAIS

**Você se lembra?**

— Você se lembra quando me disse que encontrara a felicidade? Como havia alegria nos seus olhos!

Mas, minha amiga, minha boa amiga, que lhe fez a felicidade, que lhe fez para estar tão triste? Diga! ... Diga! ...

\* \* \*

**Artista**

Era uma vez uma noite fria, muito fria ...

E o pássaro que cantou as manhãs claras, e os dias altos, que cantou os crepúsculos de ouro, e o sol, as estrélas e a noite; que cantou nos ramos das árvores a história da sua vida, e que acreditou na felicidade ... morreu de frio, numa noite muito fria ...

... era uma vez ...

**Vida**

\* \* \*

A fôlha amadurecida de sol desprende-se do galho, e como uma borboleta viva, voeja, torna, sobe e desce, revira, revolteia, cai ...

\* \* \*

**Amor**

E as amendoeiras branquearam de flôres ... E do galho de um pessegueiro um pássaro cantou mais alto ...

\* \* \*

**Água**

Água das chuvas finas dos longos invernos, água dos bagos grossos dos dias de verão, água dos montes, que jorra das vertentes, água sem adjetivos, sem imagens.

Água simples, humilde, quotidiana e boa. Água das grandes sêdes ...

\* \* \*

**Manhãs claras**

Nessas manhãs claras, de céu lavado, de nuvens brancas, esgarçadas, sentindo o cheiro bom da relva fresca, nós sorrimos para as coisas. Sorrimos para os bois mansos que pastam, para os pássaros que voejam, para os cães que latem na lonjura. Cremos nos cambiantes verdes e nos verdes-escuros das matarias, e também que os homens sejam bons.

Mas só nessas manhãs claras, de céu lavado, de nuvens brancas, esgarçadas ...

\* \* \*

**Riqueza dos mais pobres**

Sob o céu estrelado descansa seu corpo no banco do jardim. E não estira a mão aos que passam para pedir uma esmola! Sorri para a noite e nada tem. Mas nos seus

olhos livres, êle tem os arranha-céus, os carros de luxo, as mulheres que passam, e os cães vadios que a polícia persegue.

Nos olhos, êle tem tudo!

\* \* \*

#### A Verdade

O cactus cheio de espinhos, onde jamais cantou um pássaro, deu uma flor sedosa, amarela de sol.

APÓLOGOS

## OS ESCRAVOS

Olhos voltados para o céu todo pontilhado de estrelas, deitados no chão, eles descansam.

O suor secou nos cabelos sujos, na testa empoeirada e no corpo dolorido. Os braços abertos, braços musculosos, esfregam-se com voluptuosidade no chão. Adormecem. Vozes roucas arranham o silêncio.

— Desejava ser aquela estrela, longe do mundo, lá no céu... Um dia ainda serei aquela estrela. Um dia... — e a voz anoitece.

— Nessas noites, eu penso nos campos de minha terra, onde corria livremente à caça dos animais. O vento soprava, e eu temia as sombras, temia a noite misteriosa. Hoje não tenho medo de mais nada, nem da morte...

— Escravos! Cães! — uma voz grave se ouve, tonitrante e enérgica. — Vão dormir! Aos primeiros alvôres da madrugada continuarão o trabalho.

O silêncio domina depois. Corpos mexem-se lentos. E o vento é tépido e leve.

Um escravo junta a boca ao ouvido do mais próximo, e sussurra:

— Dormir... antes morrer... A noite é nossa amiga, porque nos dá o descanso, mas a morte também. E que pesadelos terei esta noite? E que sonhos felizes? Sonharei com a liberdade ou com o azorrague... Dormir... Morrer... — e adormece cansado.

Aquêles peitos, que durante o dia resfolegavam, aquêles lábios, que durante o dia gritavam ao trabalho, estão calmos, silenciosos quase...

A lua correu pelos campos do céu, como o homem livre em busca da caça, e a madrugada lavou de luz o horizonte.

— De pé, malditos escravos!

De pé, lado a lado, cabeça baixa, olhos encovados, sujeitos, cansados, sempre, seguem para o trabalho. O azorrague zune no ar, e êles gritam mais. Suspendem a respiração, claudicam no caminhar, e não levantam as cabeças.

— A trabalhar!

E, rápidos, cada um toma a sua corda!

— Vamos! Puxar!

— Eia... uh!... Eia... uh!... Eia... uh!...

E a cada interjeição, um passo para a frente, a cada passo, um esforço que dói nos músculos...

Êles já se conhecem todos. E também aquêles que já haviam tombado mortos no trabalho, ou sôbre o látigo do senhor...

Mas, entre aquêles homens musculosos, apareceu, um dia um novo escravo. Era magro, e era pálido. As mãos eram longas, e os olhos eram brilhantes, lavados...

— Eia... uh!... Eia... uh!...

— Irmão, disse êle ao que lhe estava ao lado, por que gritas?

— Porque me ajuda a trabalhar!...

— Irmão, não grites assim! Faze como eu!

E não emitiu um grito, emitiu um som... Foi uma interjeição mais longa, que percutiu nos ouvidos de todos.

— Irmão, continuou êle, ouve os pássaros, e imita-os... — e continuou numa dicção longa... E os passos à frente formaram o ritmo daquele som.

A princípio nem prestaram atenção à sua voz. Depois começaram a imitá-lo. Cantavam com êle. Os músculos doíam menos, as fôrças eram duplicadas por aquêles sons.

O escravo magro, pálido e de mãos longas, morreu um dia.

E durante a noite larga, aquêles homens cantaram o ritmo do seu trabalho pela noite a dentro... levaram o corpo do companheiro ao som das suas vozes. E enterraram-no a cantar...

— Dorme irmão! Teu corpo descansa na terra, mas teu espírito foi para os campos felizes do Senhor! Tu eras o seu filho direito, que vieste ao mundo para suavizar as dores dos que sofrem, para descansar os músculos dos que trabalham.

De olhos voltados para o céu todo pontilhado de estrelas, êles cantaram, acariciados os músculos pelo vento tépido e leve da noite.

— Êle foi para aquela estrêla que brilha mais!...

## OS MONSTROS BRANCOS

Ungá, o pagé dos Inganaus, deitava-se, tôdas as tardes, à sombra da palmeira que vigiava a choça, para a meditação, sôbre as coisas do mundo e dos homens.

E tôdas as tardes, as crianças da tribo vinham conversar com êle, porque daqueles lábios saíam histórias povoadas de sonho e de heroísmos.

Naquele dia, um dos meninos, o mais curioso de todos, perguntou a Ungá:

— Dizem que o mundo é muito maior do que vêem os nossos olhos e que, atrás daqueles horizontes, existem outras terras e outros povos, diferentes do nosso. E apontava com a mão a orla azul que se perdia na distância. — Tu, Ungá, que és o mais velho e o mais sábio de todos nos, debes saber muito sôbre êsses povos e essas terras que dizem existir.

Conta-nos alguma coisa...

— Na verdade, o mundo é muitas e muitas vêzes maior do que o vêdes com os olhos. Tantas vêzes, que não podereis contar com os dedos das vossas mãos e dos vossos pés, nem juntando as mãos e os pés de todos vós e o de tôda tribo.

E o velho pagé, com olhos pequenos e sem vida, com voz pausada, continuou:

— Nós vivemos isolados do resto do mundo. Mas outros povos existem e até muito diferentes de nós. Há os

que possuem a pele branca como névoa, de lua vermelha como o barro queimado, amarela como a erva sêca pelo sol. Há povos tão bárbaros que vivem em povoações estreitas, morando numa residência mais gente do que em tôda a nossa tribo. Enquanto uns trabalham e pouco têm para comer, outros põem fora o que aquêles produzem. Matam-se uns aos outros com armas que vomitam fogo. Em passáros monstruosos, atiram sôbre os inimigos o fogo mortífero.

Êles são numerosos e, cada lua que passa, maior é o seu número. E não há na terra lugar onde êles não tenham ido. São brancos como o luar. E onde êles passam, destroem os homens negros como nós, e constroem povoações, onde mal entra o sol. Não vivem como nós, ao sabor da brisa e comendo os frutos que a terra nos dá. Cobrem-se da cabeça aos pés, de panos pesados e usam pedaços de ferro para levar o alimento à bôca.

Não possuem a nossa força nem a nossa agilidade. São pesados, e cansam logo, mas dominam o mundo, porque possuem o fogo que queima, que mata e que destrói. Queiram os deuses que não cheguem até nós um dia.

As crianças não contiveram o espanto ao saber que existiam seres inteiramente brancos, cobertos de panos, e que possuíam armas que vomitavam fogo...

E, à noite, enquanto dormia, uma delas pôs-se a gritar:

— Pai Ungá!... pai Ungá... Acudam-nos. Os monstros brancos vêm aí...

## A CERTEZA, A FÉ E A DÚVIDA

Num caixão, o louco colocou os cinco ratinhos recém-nascidos.

Estava disposto a criá-los. Tratá-los-ia carinhosamente. E arrumou, com palha seca, um canto onde pudessem dormir, com tanto cuidado como uma mãe rata prepararia.

— Pobrezinhos!... São órfãos. Cuidarei dêles...

E todos os dias, duas, três e até mais vezes, levava-lhes o alimento, limpava o caixão, dava-lhes leite, papas pedaços de toucinho.

E assim foram crescendo. Dois dêles, com o tempo, morreram. Mas os outros, graças aos cuidados maternos do louco, conseguiram vencer a morte e entraram na vida, fortes, roedores.

Roeram o caixão por todos os lados. Mas o louco não lhes permitia a saída, porque o cercara com uma fôlha de ferro.

— Estudarei a vida dos ratos. Que mundo haverá aqui?... — e o louco tomava ares de sábio.

Crescidos, aquêles ratinhos, começaram a preocupar-se com os problemas da rataria. Eram dois machos e uma fêmea.

Um dêles, mais cinzento que os outros, começou um dia a dizer, em sua língua, aos companheiros:

— O mundo, certamente, não é só isso. Não pode ser!... — e apontava com o focinho aos seis cantos do caixão. — Esse ser maravilhoso, que nos vem diàriamente dar alimento, deve ter um poder imenso, maior que o nosso, sem dúvida.

— É natural — respondeu o de pintas brancas.

— Deve existir um caixão maior que este, imenso, onde vive o ser maravilhoso. Ele imperará ali, pois é forte, grande e traz-nos alimento de cada dia. Mas o que me impressiona é que possuímos dentes afilados e temos ânsia de roer, e não podemos ir além.

— Estou contigo em parte — respondeu o das pintas brancas. — Esse ser maravilhoso deve ter um grande poder. Dizes que ele é bom. Por que não nos tira ele dêsse nosso mundo e nos leva para o mundo dêle?

Tenho ânsias de correr... e o espaço é pequeno. Quero ver outras coisas, fora destas. Há, dentro de mim, alguma coisa mais que me diz que isto aqui não é tudo.

— Não debes blasfemar contra o senhor. Lembra-te que sendo ele poderoso, ele nos conhece e sabe o que pensamos dêle. E poderia te castigar — ajuntou a ratinha.

— Qual nada!... Tenho pensado contra ele e tôdas as vezes traz-me, como para vocês, a mesma doze de alimento... — e virou o focinho num gesto de desprezo!

— É porque ele é bom — disse a ratinha com humildade. É prova de que ele é bom. Podia te castigar e não te castiga.

— Qual o quê!... — afirmou, num risinho, o rato das pintas brancas, — qual nada! Ele nem sabe o que penso, o que sinto...

— Mas podes negá-lo que é poderoso? — perguntou o rato cinzento.

— Não posso!... respondeu num desconforto. Não duvido da sua força nem do seu poder. Não dou, porém, a êle a força e o poder que vocês querem dar. Por que deixou êle morrer os outros dois que viviam aqui conosco? E tomava um ar triunfante: — Que mal fizeram a êle? Nenhum!... Portanto, o poder dêle não é tão grande. Quero conhecer aquêlo mundo maior onde êle vive. Quero!... Aqui sou um emparedado. O mundo não é só isso. Por que não nos deixa sair daqui?

— Sairás — disse a ratinha. — Mas só quando morres!... Os outros dois companheiros nossos já foram... E foram viver naquele mundo onde vive o ser maravilhoso. É o prêmio que receberemos pelos nossos atos. Se formos bons e respeitosos, como o foram nossos irmãos, iremos, quando mortos, para aquêlo mundo do senhor. Ficaram êles aqui?

— Não!... — respondeu francamente o das pintas brancas.

— Não foram retirados por êle?

— Foram...

— Pois estão lá, no mundo daquele ser maravilhoso, que certamente lhes deu vida, que certamente os faz feliz, tendo um mundo maior, muitas coisas para roer, e alimento em abundância... Não crês nisso?

— Eu sinto que isso é verdade!... — disse o rato cinzento.

— Pois eu creio — disse a ratinha.

— Talvez tenhas razão e talvez não tenhas — respondeu o ratinho das pintas brancas.

E foi assim que nasceu a religião daqueles ratos, e com ela nasceu a Certeza, nasceu a Fé, e nasceu a Dúvida!...

## A HUMANIDADE FELIZ

Era uma vez um povo governado por um monarca sábio e justo. Ninguém, naquele reino, era mais sábio e mais austero. Vivia todos os momentos e todos os pensamentos para a causa pública, unindo ao desejo de uma administração perfeita, obter a felicidade do seu povo.

— A extinção do sofrimento, a extinção de tudo quanto seja desagradável, fará a felicidade de todos. A infelicidade está no sofrimento. Simplesmente na dor, acrescentava êle aos mais ilustres dos seus súbitos, porque em seu reino a única aristocracia era formada pela inteligência.

E continuava: — O prazer e a dor são inseparáveis da natureza humana, como de todo o ser vivente. É a oposição que forma o substrato da própria vida. Esse antagonismo encontramos em todo o Universo.

A extinção do sofrimento nos daria possibilidades de maior soma de prazer. Todo o sonho da minha vida consiste em descobrir a maneira de extinguir a dor. E agora, finalmente, após anos inteiros de estudo, consegui achar o processo de exterminá-la de vez. Nenhum ser vivente sofrerá mais. Um doce prazer paralisará daqui por diante toda a sensação desagradável.

Os homens serão felizes! Os homens serão deuses...

E levantando o braço direito, exclamou impetuosamente:

— Aqui está a fórmula que fará os homens felizes. É a anestesia da vida. Preparai-a, bebei-a a longos sorvos,

que bebereis a felicidade. Faço desta fórmula patrimônio da Humanidade. Eu dou-a ao mundo!

.....

Milhões e milhões foram os seres humanos que sorveram aquêlo líquido divino da Felicidade. Milhões e milhões foram aquêles que fugiram do reino da necessidade para o império dos Homens Felizes.

E passaram-se os anos entre gargalhadas e entre risos, entre músicas e prazeres...

E a dor desertara da terra! A humanidade era feliz!

Temos depois, já não se ouviam tantos risos, nem tantas gargalhadas. Na maioria dos rostos, uma impassibilidade de cêra tornava os homens como egressos dos túmulos. Nada mais os fazia gozar. Haviam esgotado todos os prazeres.

O tédio apossou-se da Humanidade. As maravilhas da vida provocavam longos bocejos. Um sorriso, meio amargo, meio triste, moldava rugas leves no rictus do rosto. Nem alegria, nem prazer, nem dor, nem tristeza.

Alguns, até, recordavam saudosos, os tempos em que a Dor morava na Terra.

Outros, mais arrojados, pediam a volta ao passado. Formou-se um partido, a princípio secreto, para forçar a vinda dos dias anteriores, em que os homens sofriam.

Cada dia, êsse partido engrossava mais as suas fileiras.

Um orador célebre afirmava da tribuna:

— Que vos vale o prazer sem a dor? Já experimentamos todos os prazeres e não somos felizes. Nós queremos sofrer, também! Bendita seja a dor que nos faz anelar com loucura os momentos de alegria. Volvamos a nós mesmos. Fugamos dessa caricatura que somos hoje. Queremos sofrer! Queremos sofrer!

Enclausurado nas paredes de seu laboratório, o monarca austero e sábio compreendia, também, a ânsia do seu povo. Ele também sentia a falta do sofrimento. Como anular, agora, aquêlo bálsamo, como?

Reuniram-se os sábios. Estudavam, envelheciam, e nada.

Contavam-se por milhares aquêles que voluntariamente se suicidavam, ansiosos de abandonar aquela vida sem dor.

Uma verdadeira epidemia de crimes alastrou-se pelo país. Havia quem enlouquecesse, rasgando as carnes, retalhando o corpo em busca do sofrimento. Criaturas mutiladas percorriam as ruas!

E nada!

Romperam motins! Revoltas! E nada!

Um dia, o monarca disse:

— Só nos resta uma saída: Morrer! Matemo-nos! A ciência é incapaz de resolver, agora, a volta do sofrimento.

E aos poucos desapareceu aquela civilização feliz que nada deixou para os vindouros, senão uma vaga lembrança da sua presença.

## AS ABELHAS

O sábio terrestre examina o enxame de abelhas, cuja organização êle considera um exemplo para os homens...

Observa as rainhas, os zângões e as obreiras. Parecem-lhe inteligentes, pois o trabalho e a criação de reservas demonstram não só uma ordem prestabelecida como também certa previsão.

Com carinho estuda a sua incipiente agricultura.

Mas o homem é inteligente, disso não resta dúvida (são os próprios homens que o afirmam), mas as abelhas e as formigas também podem ser consideradas inteligentes.

O sábio terreno, que as examina, faz essas apreciações, com método e segurança. As abelhas de hoje pouco diferem das abelhas dos tempos homéricos, mas diferem. E essa diferença apresenta uma evolução que merece ser apreciada.

E continua a estudá-las, com carinho e com método.

Em sua tórre diáfana, o sábio da sétima constelação estuda o globo terráqueo. Através da imensidade do infinito, com seus aparelhos, examina a vida dos habitantes da Terra.

E ao investigá-los, com carinho e com método, o que aliás é apanágio de todos os sábios, fornece ao discípulo estas considerações que podemos traduzir com estas palavras:

— Inegavelmente, esses animalículos terrestres são bem interessantes. Apresentam fórmulas diferentes de construção, de uma variedade contrastante. São um pouco diferentes, mas vivem juntos. Deixam-se atrair muito pela luz. Vejo nos seus enxames, que os lugares mais iluminados possuem maior número deles. Correm pelas alamêdas para salvarem-se de veículos que os podem esmagar.

Parecem ter uma certa ordem na vida, mas às vêzes, parecem ferozes. Não os compreendo bem nesses momentos. Possuem, entretanto, uma certa evolução, pois já criam animais, já retiram da terra os alimentos, constroem máquinas... Talvez pudesse afirmar que são realmente inteligentes...

E continuou a estudá-los, com carinho e com método.

## QUE TE FALTA, PARA SERES FELIZ?

Quando as roseiras desabrochavam as mais belas rosas e os pássaros cantavam as canções mais melodiosas, no morno silêncio do quarto, um jovem exclamou:

— Ó, deuses, por que não sou feliz? Por que criastes o mundo assim tão incompleto? Por que nos fizestes tão desgraçados?

E dos olhos saíram lágrimas e da garganta um soluço de dor.

Eis quando um Génio apareceu, saído da penumbra, e pôs-se ante o jovem estarecido.

— Não és feliz? Pois aqui estou para te dar a felicidade. Qual é a tua felicidade?

O jovem fitava apreensivo as formas quase irreais do génio, e balbuciou:

— Senhor, eu seria feliz se tivesse, todos os dias, aquela bolsa, cheia de moedas de ouro.

— É esta a tua felicidade?

— Senhor, disse humildemente, baixando o olhar — é esta!...

— Pois a terás todos os dias. E se esse ouro não te der a felicidade que desejas, chama-me e outra vez estarei ao teu lado para ouvir as tuas queixas.

E após estas palavras, desapareceu.

E o jovem estirou a mão para a bolsa. Sentiu-a pesada. Ergueu-a, e o ruído das moedas de ouro vibrou surdo... Abriu-a, sófregamente. E as mãos espojaram-se naquele ouro que brilhava muito menos que os seus olhos maravilhados.

E vestiu règeiamente. Gastou desordenadamente o dinheiro que todos os dias enchia a bolsa. Prazeres sucederam-se a prazeres.

... E numa noite cheia de estrélas, em que o calor abrasava os caminhos, entre o estrídulo dos grilos e o zumbir dos insetos, êle, no silêncio do quarto, chamou pelo Génio. Este lhe apareceu, mal havia terminado de pronunciar a última sílaba.

— Aqui estou. És feliz?

— E, entre assustado e triste, êle disse:

— Senhor! Esse ouro que me deste ainda não me fez feliz.

— Que te falta para seres feliz?

— Senhor, eu amo certa mulher que é diferente de todas as outras. Mas o seu olhar desvia-se do meu. Senhor, jamais serei feliz se não tiver essa mulher, minha, toda minha. Ó, Senhor! Assim serei feliz!

E o Génio desapareceu outra vez. E o jovem possuiu, de corpo e alma, aquela que para êle era a felicidade.

... E, numa tarde, em que as fôlhas das árvores caíam lentas e silenciosas, êle chamou pelo Génio, e êste lhe apareceu:

— Chamaste-me? Aqui estou. Que te falta para a tua felicidade?

— Senhor, tu me deste tudo que eu pedi. Pedi-te ouro e tu me deste. Pedi a mulher que julgava fazer-me feliz e tu me deste. Mas ainda me falta algo para atingir o meu desejo.

— Pede e eu te darei. O que falta para seres feliz?

— Senhor, eu queria possuir tôdas as mulheres que eu desejasse. Aí, sim, eu seria feliz!

— Pois seja feita a tua vontade para que atinjas a felicidade. E desapareceu na penumbra.

— E uma noite, quando a neve enluarava os caminhos, na tepidez do quarto, êle exclamou:

— Ô, por que não sou feliz? Por que não sou feliz?

E da penumbra saiu o Gênio que lhe disse:

— Aqui estou outra vez! Não és feliz? Não te dei tudo que desejavas?

— Senhor, perdoa-me. Deste-me ouro e deste-me a mulher que amava. Deste-me todos os prazeres que desejei. Mas, senhor, eu não sou feliz...

— Que mais te falta para seres feliz? Que mais te falta?

E baixando os olhos úmidos de lágrimas, num soluço profundo, êle gemeu:

— Não sei, senhor!...

#### QUATRO HOMENS E O SOFRIMENTO

Éramos quatro homens à volta da mesa e falávamos sôbre o sofrimento.

— A vida não vale a pena ser vivida...

Havia uma certa amargura negligente no tom quase abafado da voz do moço de olhar macio. Volvi, para êle, tôda a penetração do meu olhar e sorria se a expressão de seriedade e de admoestação de Pitágoras de Melo não contivesse meus músculos faciais. Notava naquele jovem um certo ar de resignação. Eram débeis demais seus argumentos, mas nem por isso, deixava de prosseguir, acusando a vida das insatisfações que haviam feito morada em sua alma. Foi aí que o outro falou em suicídio. Eu me solidarizava com o silêncio de Pitágoras.

O moço de olhar macio argumentou sôbre o tédio. Havia em suas palavras certos luars silhuetando ciprestes e um plágio às razões oitocentistas de Werther. Seria aquilo simplesmente uma atitude romanesca, um pouco fora de época? Deu-me vontade de o interromper com essa interpretação, citar alguma coisa, exemplificar até. Mas, comigo mesmo, houvera feito um pacto de solidariedade ao silêncio de Pitágoras. Não interromperia. E o mocinho de olhar macio prosseguiu chegando a citar Schopenhauer. Lembro-me que Pitágoras e eu trocamos um sorriso. A vida continuava sofrendo as acusações. Para êle, ela não era mais que um amontoado de ausências.

Culpava-a. Punia-se, assim, transferindo para ela sua própria culpa. Processozinho normal. Cheguei a conjugar Freud, Nietzsche, Jung e outros. Foi quando Stefan Zweig veio à baila. Falou-se em seu suicídio, em vez de suas obras, porque o momento era fúnebre. O outro citou opiniões, interpretações, o que Fulano dissera, o que Beltrano interpretara. Tanto eu como Pitágoras continuávamos fiéis ao nosso pacto silencioso. O moço de olhar macio virou-se para Pitágoras, e interrogou-o. Que desse, também, sua opinião. Que julgava do ato de Zweig?

Pitágoras remexia-se na cadeira, mas me continuava fiel.

— Foi um gesto heróico, não acha? Buscou a imortalidade num simples gesto. Essa é a minha interpretação! ... O moço de olhar macio parou nessas palavras, esperando o aplauso de um assentimento geral.

Pitágoras não se conteve e rompeu o nosso pacto:

— Na realidade, se me permitem expor a minha opinião — e não esperou que ninguém apoiasse, prosseguiu: — não conheço bem o caso de Zweig, não li, até hoje, nada do que se escreveu em torno de sua morte e o que sei, confesso, é o que vocês comentam agora. Sabia que se suicidara. Se dizem, como vocês informam, que julgam um ato de fraqueza, uns de covardia, outros de uma busca da imortalidade por um gesto, como o daquele grego ao incendiar o templo, não sei. Não penetrei na alma de Zweig para tanto, e sou sempre demasiadamente prudente para dar a minha opinião, com visos de verdade teimosa, quando não me cabem ou não disponho de elementos suficientes.

Se o suicídio, como julgavam os pitagóricos e a maioria das religiões, é uma fraqueza e se, no entanto, os estóicos o justificam como um ato legítimo de vontade não é o caso. Temo muito as opiniões preconcebidas. Não sei o que haja propriamente, mas sempre ante os suicidas, nem

os ofendo com a minha pena, nem os aplaudo com a minha simpatia, nem os justifico com uma explicação psicológica. Cada homem é um mundo para mim, para que bimotole dentro de princípios rígidos e formais o seu destino, o porquê de sua vida. Quando há no suicida a consequência ou o ponto final de um lamento à vida, não nego, desprezo-o. Sempre considerarei uma fraqueza esse pessimismo de quem acusa à vida a culpa de suas insatisfações. Por exemplo: se você se suicidasse... — e apontou com o dedo o moço de olhar macio — desprezá-lo-ia. Há em você o lamento dos derrotados, que vivem a sua derrota.

Há, não há dúvida, um instinto de autodestruição. O impulso do nada, esse desejo do nada, que Freud batizou com o nome de impulso de morte. Ele era um apaixonado pelo superlativo — que, para mim, era a sua fraqueza — precisamente porque Zweig queria mais do que podia... Havia, naquela pletora de adjetivos, uma confissão velada de fraqueza. Quando estudou a vida de Kleist, de Hölderlin, de Nietzsche, foi além da realidade. Não buscou um embelezamento da vida propriamente. Buscou "pathos" demais para impressionar. Chegava a ser trevoso na descrição da amargura nietzscheana. Havia muitas trevas, muitas, nos seus livros. Zweig era, em suma, um torturado por isso. E aqui, meus caros, há muita luz. E isso varava-lhe o pessimismo que nele vestia a roupagem dos adjetivos e a chuva copiosa das imagens. Os homens muitas vezes se escondem atrás de suas palavras. E ele se escondia assim. E que direis, por exemplo, do aplauso? Zweig encontrava-o aqui. Mas esse não era "aquê" aplauso. Suas obras eram traduzidas. Era o aplauso de um povo para um livro, numa língua que não era a sua. Isso tudo lhe criava limites. A luz varria as trevas de sua alma. O aplauso tinha aparência de equívoco. E isso lhe doía. Tinha que doer.

Desesperado do futuro do mundo? Talvez isso fosse nada mais que um recurso de confissão. Ou mesmo uma

acomodação para fugir à confissão. Quantas vezes nos mentimos a nós mesmos. A imaginação não é uma mentira para nós mesmos? E a mentira das razões dos nossos atos não é, às vezes, um preconceito? Porque via a destruição da Europa que amava, tornava-se desesperançado de sobreviver ao mundo destruído pelos bárbaros do século vinte? Talvez... Esse meu talvez também, quem sabe, seja um recurso...

Zweig realizou o paradoxo de muitos autores: o de viver, alguma vez, seus próprios personagens. Foi o que fez, talvez. Não o quero ofender com uma explicação. Ele calou-se agora... E muitas vezes um autor deve calar-se para que sua obra principie e falar...

Os lábios de Pitágoras não se agitavam mais. Seus olhos perdiam-se num olhar ausente. Desenhou com a mão um gesto suave e voltando-se para o jovem de olhar macio, disse serenamente:

— Fala agora de ti. Fala do teu desencanto, agora. Talvez haja lugar para ele...

#### JEAN-CHRISTOPHE E A NOVA CONSCIÊNCIA DO MUNDO

Europa era luz e sombras. Já se anunciavam os incêndios que haveriam de lavar de luz os horizontes como mardugadas extemporâneas nascidas das trevas. Os “poetas malditos” cantavam seu desespêro.

Aguilhoados pela dúvida chamavam a “pálida Descêmona da morte”, que lhes respondesse às angustiantes perguntas. Nos “assassinos de Deus” rebrilhava de prazer o rosto luzido na análise das hipóteses.

“O facho do progresso” alumia luz e sombras. No meio daquele caos, daqueles choques de idéias, daquele emaranhado de dúvidas, daqueles desesperos cruéis, havia somente um homem que sabia, que afirmava, que proclamava que a luz era sombras também. Mas ouvi-lo-iam?

Os cantos simbólicos, as dolentes baladas, as imprecações consideradas dos que amavam, dos que sofriam, dos que duvidavam, enchiam de sinfonias dissonantes a alma da Europa. “Como um vento de morte e ruína, a dúvida soprou sobre o Universo...” Eles cantavam suas desesperanças. Mas era um canto de morte com acentos estranhos, como a voz de um exilado que chamasse pelo retôrno à terra perdida.

Viam em tudo um símbolo de morte. E os que desesperavam pediam “a noite sem têrmo, a noite do não-ser”. A vaga do nihilismo passava pela Europa. Tétricos pere-

grinos singulares vinham das sombras, fazendo trejeitos infames.

Chamavam as almas jovens para o caminho da desesperança. E havia poetas que cantavam a Morte benvinda.

A inteligência pura da Europa debatia-se nas amarras do progresso.

O século das luzes era um grande fogo-fátuo de promessas geladas.

O tédio era o pretexto de tôdas as revoltas surdas. O silêncio tinha algo de letal porque, para êsses desesperados, era a música calada dos passos sepulcrais da morte. Uma sinfonia de adjetivos ribombantes. Era o espasmo da inteligência que cedia, que clamava, que apelava pela destruição. Havia uma voz que gritava: Vida! Vida! Mas inútilmente, porque os ouvidos humanos, os ouvidos sensíveis e dos raros, debatiam-se pedindo o "abraço de Beatriz de mão gelada, a única consoladora! ..."

Romain Roland ouviu essa voz. "JEAN-CHRISTOPHE" é uma sinfonia heróica, numa vaga de desilusões. Há algo de dionisiaco na alma simples, brutal, ingênua, arrogante e ativa daquele menino que nasceu entre desencantos, perseguido pelos fariseus da cultura, desprezado pelo destino, mas que amava a vida. E amava a vida, como a vida era.

Roland fixou em "JEAN-CHRISTOPHE" o brado nietzscheano que proclamava o amor à vida quando, na Europa, se falava em marchas sepulcrais.

A derrota da França torturava as consciências puras. Nietzsche gritava que a vitória alemã não era a vitória da cultura teuta sobre a cultura gálica. A França continuaria sendo a pátria da inteligência e da arte. Jean-Christophe Kraft trazia, no sangue, o mesmo espírito fáustico das gerações anteriores. Amava as distâncias, desejava-as, sempre insatisfeito. A inteligência debatia-se com a realidade.

O praticismo se anunciava na hora crepuscular e os sensitivos — êsses fronteiros da loucura — gemiam ante a voragem velocíssima das imagens inesperadas. Jean-Christophe Kraft reproduzia, em sua vida, a tese das vicissitudes dos intelectuais puros; o artista solitário que busca na solidão a aproximação dos homens. Não prega o isolamento, mas a exceção. Ele é uma exceção, numa hora em que o homem-massa, em que os filisteus da cultura avançavam, dominando tudo, impondo o mau gosto estilizado, a standardização das idéias, da arte e das perspectivas.

Jean-Christophe luta contra a morte. Tôda aquela promessa do progresso e tôda aquela fantasmagoria de luz eram sombras. A mentira havia se vestido de verdade para viver entre os homens. Ele alumia inútilmente. Suas paixões, seu romance encantador, aquela história inesquecível de Antoniette, um amor impossível, porque o destino cercava-o, a compreensão serena, já na idade madura, do AMOR FATI, tornam a história dêsse livro daquelas que jamais se esquecem. Mas Jean-Christophe não é propriamente história. É mais: é música. É uma sinfonia de sons e de côres, de sombras e de vidas, de idéias, tôdas as que palpitam na consciência europeia por sessenta anos, tôda a história continental de um fim de século de amarguras, de angústias, de inquietações, de dúvidas, de novas perguntas insistentes por respostas tardias. É um livro europeu, é um livro humano. Já houve quem dissesse que "Jean Christophe" de Romain Rolland era a maior obra de ficção que o homem criara nestes últimos dois mil anos. Pode não ser.

É, contudo, uma "ode à solidão". É um grito dionisiaco à vida.

É uma aproximação do homem aos seus instintos. Um contacto novo com a insegurança da vida, uma inquietude doce e ao mesmo tempo dolorosa, encerrando no instante o desejo da eternidade. O homem não é êsse exilado do destino. Não é aqui o acorrentado dos caluniadores da vi-

da. O homem deve amar seu mundo, com sua grandeza e sua pequenez. Deve senti-lo como uma promessa de libertação e volver os olhos para a beleza de sua vida, de suas alegrias e de suas dores, de seus riscos e de suas lágrimas. Jean-Christophe é bem uma mensagem de retôrno, de volta do homem à vida. Nenhum livro merece ser lido mais pela juventude de hoje, por essa juventude que busca uma nova interpretação do homem e do cosmos, do que êsse. "A Europa de hoje já não tinha um livro comum: nem um poema, nem uma oração, nem um ato de fé, que fôsse o bem de todos. A vergonha que deveria humilhar todos os escritores, todos os artistas, todos os pensadores de hoje!

Nenhum escreveu, nenhum pensou para todos". Essas palavras de Romain Rolland não são só para a Europa, mas para nós, também, nas Américas.

"Jean-Christophe" não é só um livro europeu, é um livro universal. Ali se agitam os mesmos problemas que nos empolgam.

São de Romain Rolland ainda estas palavras:

"Escrevi a tragédia de uma geração que vai desaparecer. Nada procurei dissimular de seus vícios e de suas virtudes, de sua tristeza acabrunhadora, de seu orgulho caótico, de seus esforços heróicos e de seus desânimos sob o fardo esmagador de uma tarefa sôbre-humana: tôda uma "soma" do mundo, uma moral, uma estética, uma fé, uma Humanidade nova a refazer. Eis o que nós fomos.

Homens de hoje, jovens, a vez é vossa! De nossos corpos fazei degraus e caminhai para a frente. Sêde maiores e mais felizes do que nós".

E para Romain Rolland a vida é uma seqüência de mortes e de ressurreições.

A vida é morte, mas também ressurreição. A antítese prossegue, volvendo à tese transfigurada. A vida é trans-

figuração. Da alegria falsa dos que acreditavam no progresso, do desespêro angustiado dos que previam a tortura das grandes guerras, dos entediados, dos desesperados, dos que sentiam e se sentem exilados neste mundo, há de nascer a nova alma humana, há de nascer a nova perspectiva, que tornarão os homens amantes da vida como a vida é, que compreenderão a dor como a antecâmara do prazer e a luta como prólogo da felicidade.

Era isso o que Rolland desejava. E será isso que farão as novas gerações?

## O NADA E A IMENSIDÃO

Anos e anos os homens tentaram escalar o Himalaia. Anos e anos os homens buscaram conhecer e atravessar as regiões misteriosas do Saára. Anos e anos os homens gastaram para penetrar as terras do Sudão anglo-egípcio e Uganda, em busca das nascentes do Nilo. Anos e anos, exploradores, aventureiros e viajantes percorreram e percorrem as cinco partes do mundo, para a conquista da terra. Durante anos e anos expedições sofrem os horrores do frio para trazer o pólo para os homens. E anos e anos as febres e os calores úmidos do equador prometem um maior domínio da terra.

Grandiosa essa luta dos que tudo sacrificam! Grandiosa essa ciência, que vela anos e anos, na observação meticolosa do laboratório, para dizer aos homens como se desenvolve uma simples espécie, imperceptível aos olhos humanos. E anos e anos de pensamento avassalam êsse instante em que o homem busca o desconhecido.

A noite, as trevas estão pesadas de perguntas, arrastadas através dos espaços sem fim, perdidas sôbre as terras estranhas e enigmáticas.

O homem interroga no estranho diálogo de si mesmo. O dilema da Esfinge é o dilema humano: "Ou me decifras ou deixarás de ser homem".

Montanhas de livros são escritos. Sonhos e sacrifícios, vidas e saúde gastaram-se para que o homem tivesse uma melhor compreensão do mundo, para que aumentassem um pouco seus conhecimentos sôbre a terra, sôbre a vida e sôbre o seu destino. Tudo isso é da grandeza do mundo e da

grandeza do homem. A imensidão ardente do deserto saárico, as vastas pampas perdidas, a alucinação verde da amazônia ilimitada, as terras áridas do Tibete, o redemoinho dos povos amarelos, o crepitar das balas sôbre os povos inimigos da Europa, a vastidão misteriosa dos trópicos africanos, a imensidão dos oceanos, Magalhães, Colombo, Vasco da Gama, Bungaville, Scot, Stanley, Paes Leme, tôdas essas ânsias do ilimitado, todos êsses espaços soltos... tudo isso, tôda essa grandeza não é senão um nada ante a imensidão do universo.

O homem na terra é menos que a quinta-parte do que produz em cereais. É menos, muito menos do que produz em petróleo, do que produz em carvão. Tôda a humanidade junta é uma pequena massa de carne e sangue, que cabe num cubo de um quilômetro. Se quiséramos reproduzir num mapa, a nossa terra do tamanho de uma pulga, incluindo o nosso sistema planetário conhecido, guardando as proporções, êsse mapa teria as dimensões de 25 hectares.

E, se nesse mapa, quiséssemos pôr um pontinho minúsculo, perceptível aos nossos olhos, para divisar o planetóide descoberto por Keller, o mapa teria que possuir as dimensões do continente asiático.

Nesse mapa do nosso sistema planetário, uma estrêla, a mais próxima, estaria a alguns milhares de quilômetros. E essas estrêlas, êsses sóis, existem aos trilhões. Comparado a êles, o nosso sol é um grão de areia em face de uma montanha. Essa nossa terra, em suma, é um quase nada em face da imensidão. O homem, um quase nada em face da terra. E todo o universo das estrêlas, do qual o nosso mundo é um grão de areia em face de uma montanha, não será um grão de areia em face de outros universos que não conhecemos, e que a nossa limitação não permitirá jamais conhecer? Lembremo-nos de que dependemos, no nosso conhecimento, da velocidade da luz. Milhões de anos-luz leva o brilho de uma estrêla para chegar até nós. E um ano possui doze meses, um mês 30 dias, um dia 24 horas, uma

hora 60 minutos e um minuto 60 segundos. E num segundo a luz percorre 360.000 quilômetros!...

E não será nosso universo, com seus trilhões de sóis, um simples átomo de um organismo imenso?

No átomo não há universo? Não há, na célula, no homem, na Terra, no universo solar, um universo?

Nos sóis das estrêlas não há um universo? Que é o "infinitamente" grande senão o "infinitamente" pequeno? Que é o "infinitamente" pequeno senão o "infinitamente" grande?

Ante isso, os nossos conhecimentos que são? O limite de nossa existência, da vida do homem neste planêta, escrita, já para alguns milhões de anos, não é um limite que nos resta, ante a velocidade da luz, que nos permitirá o conhecimento dos universos perdidos na imensidão...

Que somos, então, em face disso tudo?

A pergunta estaca diante de nós sugestiva, exigente e o silêncio é a nossa primeira resposta. Seguimos com os olhos o brilho frágil das estrêlas trêmulas, temerosas para nossos olhos, que parecem um auxílio, um apoio em nossa força.

Olhas então o céu cravejado de luzinhas, numa cúpula de nanquim. Ali estão a tremer, como de frio, aquelas luzinhas esparsas. E elas são maiores, milhões, bilhões, trilhões, quatrilhões, quinquilhões de vezes maiores do que nós. Mas, ali, naquela noite, naquelas trevas, naquele silêncio, somos maiores, muito maiores do que elas, infinitamente maiores do que elas, que caberiam, quase tôdas, no côncavo de nossas mãos.

E, humanamente, sorrimos para o nosso orgulho e, temos certeza, no brilho dos nossos olhos deve haver um gesto de aplauso e de reconhecimento para nós mesmos, e também de admiração. É por que nós interrogamos, nós buscamos saber e sabemos. E aquelas luzinhas esparsas nada perguntam, apenas afirmam o que elas parecem ser para nós.

## CERTAS ESTRANHAS SUBTILEZAS

Todo o que é profundo oculta-se, muitas vezes, sob uma máscara, dissolve-se por entre as trevas, mergulhado nas sombras. A mentira também veste a pele de pureza diáfana. E quantas vezes não nos perturbamos em face da verdade que nos provoca doídas decepções...

Na tarde chuvosa, as palavras de Pitágoras de Melo eram veludasas. Amaciavam os nervos. Ainda gozava aquela satisfação post-prandial de que falam os psicanalistas. Eu havia, apesar de tudo, almoçado bem na casa de um amigo, e estirava sôbre Pitágoras o meu olhar descuidado. Eu era apenas ouvidos e passividade. A umidade morna estimulava-me sonolências, e o pouco ruído da rua fazia-me acompanhá-lo em suas palavras. Ele prosseguiu:

— Esse contraste da verdade bem poderia ser um manto de Deus. Por que os crentes não emprestam a êle qualidades não humanas? Poderia, por exemplo, ser contraditório. Implica isso, acaso, negação?

Só é idêntico o que é contraditório, só é contraditório o que é idêntico. Isso não é meu, não! É de Hegel, aquêle penumbroso pensador das brumas idealistas do norte. Mas bem poderia servir a um teólogo modernizado. Pelo menos permitiria uma nova série de divulgações inocentes, perniciosas à Teologia. Nós somos bem contraditórios. Quantas vezes escondemos atrás da brutalidade dos atos bruscos, a candura da alma, de uma intenção nobre e meiga. Há gente, assim. Creia. Não custa crer nem mesmo no im-

possível, quando isso não faz mal a ninguém. Há pessoas brutas nas suas atitudes para mascarar a pureza das suas intenções. Recordo-me de um filme em que havia um desses pioneiros do "far-west", que era brusco nas atitudes, intransigente nos atos, impenetrável aos sentimentos e afeições. Tratava a todos com uma rispidez que irritava. Se não fôra sua figura épica, garanto-te que a platéia o odiaria, num gesto mui humano de tôdas as platéias. Lá pelas tantas do filme, havia uma vaca que, na caravana, havia dado uma cria. O terneirinho berrava de fome o dia todo. O leite era para as crianças da caravana. A terra árida, a falta de pasto e de água acabaram por matar a pobre vaca. E o terneirinho berrava de fome. Esperava-se que morresse. Pois o homem ríspido, à noite, para que ninguém o visse, para que ninguém julgasse mal a sua fraqueza, ia, às caladas da noite, oculto nas trevas, ser êle mesmo. Aquele "si mesmo" que permanecia escondido atrás da máscara da rispidez... E lá ia êle, arrastando-se pelo acampamento, como se fôra um criminoso, tremente de mêdo de ser descoberto, levar um pouco de leite ao terneiro. E voltava, depois, para continuar, durante o dia, a berrar contra o terneiro que morria de fome... "Morre de uma vez. Tua mãe já foi. Que estás esperando, peste?" Mas à noite, dissolvido nas trevas, ia levar o alimento ao pobre animal. Não escondia atrás da brutalidade aparente o sentimento, as suas afeições, que eram humanas? Nós temos, em nós mesmos, uma pessoa terrivelmente inatural: a nossa memória. E sim. Quantas vezes ela, que foi testemunha dos nossos bons atos e das nossas más ações, nos recorda o que fizemos? E que indiscreta se torna quando rimos, e nos recorda o que de mal fizemos? Também, às vezes, vá lá em seu abono, recorda-nos os momentos alegres, com saudade, ou desmerece os tristes, que já passaram e que, na cronologia da nossa vida, nos encham de satisfações atuais.

Há muita perfídia atrás dos nossos sorrisos. E quanta astúcia se esconde em nossa bondade! O tradicional

abraço... aquêles abraço do amigo urso que canta loas a nossa pessoa, que nos afaga com seu carinho astuto, para, depois, nos trair!

E aquêles que se servem da palavra para calar? Essa é uma espécie interessante. Há gente que se oculta atrás de suas palavras, como há os que se ocultam atrás de um sorriso. Há astúcia, também, no que fala muito. Nem sempre o silêncio é uma virtude utilitária. A palavra também apaga as pegadas. Não deixa traços, confunde, desvia rumos. Os astutos conhecem bem êsse segrêdo mágico de calar-se, falando. Não respondem às perguntas.

Desviam-se. Escorregam-se pelas respostas dissimuladas. Há gestos que acompanham essas retiradas estratégicas. Sedimentam, assim, astutamente, na alma de seus amigos, a imagem de sua pessoa desejada, da impressão que estudaram dar. Há homens que têm máscaras que êles mesmos vestem inconscientemente. É uma máscara feita por suas próprias palavras, pela impressão que causam nos outros, pelo conceito que formam e que provocam. A profundidade, às vezes, se oculta na superfície. Há muita vaidade que veste a pele do profundo. Vem mansamente aureolada de palavras e de frases feitas. Mas há muita verdade, também, que passa despercebida. E isso sabe por que? Porque nossa verdade é excessivamente contraditória. E muitas vezes parece-me até com uma máscara, acredite.

A chuva lá fora peneirava, fino. Molhava mais. Entranhava a umidade pela minha pele. Ia até às juntas para doer. Pitágoras chupava o cigarro nos lábios finos. Mastigava a fumaça que saía lenta dos seus lábios, grossa como nuvens de chuva.

— Numa tarde assim — prosseguiu — não nos é difícil pensar nas subtilezas dos homens, nesses meios tons de sua alma e que não formam nenhuma grandeza. O homem

não é grande aí. Talvez nem seja grande em coisa alguma. Talvez, até, os seus mais belos gestos escondam sua vaidade. Não se poderia, em certos casos, admitir que a virtude seja um vício capital? Ora, que pensa você, não se admire que um dia os homens ainda se acusem de suas virtudes. E não se admire ainda mais: que se invente até uma religião, na qual a virtude seja um irremessível pecado. E quem nos dirá que um santo, alguma vez, não tenha temido até a sua santidade? "Senhor, perdoa-me ter sido bom!"

Talvez isso algum dia já tenha saído de lábios humanos. E, acredite, Deus deve ter sorrido ao virtuoso que temeu sua virtude. É que Deus conhece, meu caro, certas subtilezas da alma humana, certas estranhas subtilezas...

## O PESSIMISMO A MORTE

É um preconceito êsse de que sempre devemos ter as mesmas idéias e as mesmas opiniões. Nossas perspectivas mudam, crescem, diminuem, transformam nosso espaço ótico, que também, se reduz, se confrange ou se adelgaça... Possuir sempre as mesmas idéias, as mesmas perspectivas, num mundo de aparências e transformações, é uma mentira humana, por excesso de memória e derivação do menor esforço. Sofremos variações climáticas, do contórno, do meio. Variações no tempo e no espaço. O homem tem feito malabarismos de dialética para convencer a si próprio e aos outros, que permanece fiel às suas idéias. No âmbito individual isso chega a exageros clássicos. Há povos que desejam estabelecer uma vontade que atravesse as gerações e as idades. Isso assume características do heróico e atinge as fronteiras do sublime. Vida, para mim, é oposição. Por isso vida é otimismo. Hoje, no entanto, estamos assitindo a uma fase de domínio do pessimismo, que avassala até muitas de nossa reações, a maior parte de nossas idéias e quer marcar nosso destino. Nem sempre é fácil ver o que é pessimismo, porque êle se reveste, muitas vezes, da máscara do otimismo.

Depois da derrota da revolução de 1848, a Alemanha teve seus momentos de pessimismo coletivo. Nesse instante gerou Schopenhauer, que foi mais um literato que um filósofo. Isso em nada o diminui. A França de 70 encontrou, depois, em Schopenhauer, o filósofo de sua derrota. Êle traz consigo o signo de ser aclamado e lido, quando uma

sociedade tem sobre si o peso de uma derrota. São sempre os vencidos do espírito os que encontram maiores veias emotivas e de convicções na obra de Schopenhauer. A Alemanha de 18 conheceu, em certas camadas de seu povo, um verdadeiro renascimento schopenhaueriano e a isso deve-se o sucesso de "Decadência do Oriente" de Spengler, que, embora seja um livro que busca uma variante das filosofias de Goethe e Nietzsche, está todo salpicado desse sentimento de derrota e de pessimismo.

Hoje, estamos numa época interessantíssima. O mundo balança-se indeciso, como o burro de Buridan, ante o pessimismo e o otimismo. Este último tem, é verdade, uma aparência doentia. O otimismo do homem moderno é uma atitude. Alimenta-se de uma ignorância desejada, de um agnosticismo rebuscado. É, em parte, o produto de um cansaço. O homem cansou de perguntar, pela demora das respostas. Ora, isso não o satisfaz, porque as respostas tardem, mas o vácuo fica para ser cheio. O otimismo é simplesmente uma afirmação gratuita de que esse vácuo não exerce mais sobre o homem o peso de sua falta, nem o angustia. Mentira.

Há essa mentira palpitante atrás dos sorrisos que os artifícios emprestam. O agnosticismo não é o pessimismo vestindo a pele do otimismo? Não é, em si mesmo, uma mentira lançada sobre a vida? A fuga das perguntas não é uma resposta! Através de anos e séculos o homem caluniou seus instintos, o que lhe criou neuroses que modificaram seu esquema ótico. O homem tem vivido a angústia de suas insatisfações.

A sublimação tem sido, em grande parte, uma traição que o homem tem realizado contra si mesmo. A sublimação é uma traição do consciente sobre o inconsciente. No fundo fica pairando uma insatisfação. E esta cresce nos momentos agudos. O homem deve conhecer seus maus instintos e deve dominá-los. A sublimação é um recurso que encerra, em si, enganos. O homem que não encontrou be-

leza em si mesmo, buscou-a fora de si. Mas essa beleza não o satisfaz, porque ela não é o alimento para as suas ânsias. O pessimismo nasce como uma estratificação de insatisfações. Amaldiçoada a vida — esse vale de lágrimas — o homem buscou, através dos séculos, a felicidade de uma outra. Hoje é agnóstico e descrente dessa outra vida, porque a mecanização do mundo turvou-lhe os sentimentos e os impulsos que o arrastavam às infinitudes; agora, que as cidades de aço e granito lhe cortam a perspectiva sobre as moles de cimento que se alçam às alturas, e, à noite, os focos luminosos escondem o brilho pálido da lua e o ensaio de luz das estrélas, é natural que o homem não interrogue mais as sombras. Mas em si mesmo sobram recordações de buscas inúteis.

Há traços de caminhos perdidos, de estradas que percorreu, de picadas que levavam a recantos esquecidos. Isso tudo não lhe enche de novos estímulos. Ao contrário, afoga aqueles que porventura repontem. E o homem, que deveria interiorizar-se, procurando em si mesmo o céu estrelado das perguntas desejadas, busca, na exteriorização de sua mecânica, a mentira que lhe cubra a alma ansiosa de respostas inúteis. Por isso ressent-se de uma falta. Ele tem, no fundo, a sensação de uma falta. E o homem de hoje é um infeliz magoado de ausências, que ri.

Seu otimismo é uma grande mentira; é um dos trocos da moeda falsa da felicidade. Pessimismo é seu verdadeiro nome. Ele ri, de pessimista. Esquece, de pessimista. Sofre, de pessimista. Felizes, dirão, são aqueles que, nesse meio e nesse instante, não sentem e não sofrem a angústia desse conflito humano. Mas isso é outra grande mentira.

Esses felizes escondem, atrás da máscara, a tortura que Metastásio já descreveu em suas célebres quadrilhas. É a felicidade que se exterioriza, escondendo o vácuo interior, a ausência de si mesmo que o homem busca, agora, na exterioridade. E essa tragédia do pessimismo moderno chama-se civilização.

## PITÁGORAS DE MELO E O FIM DO MUNDO

— Você acha pequena coisa o mundo perder a terça parte da sua massa? — perguntou Pitágoras.

— Ante tanta imensidade, o que é a terça parte da nossa massa?

— Para a imensidade do infinito, não é nada. Mas para nós é a terça parte do nosso mundo. É a terça parte... — houve uma pausa entre nós. E Pitágoras prosseguiu:

— Os outros mundos, dizem os cientistas que não são habitados. Assim Vênus não deve ser habitado porque possui gás carbônico em excesso; Mercúrio, devido ao imenso calor do sol; Marte, por não possuir o oxigênio necessário, e, assim por diante todos por razões também poderosíssimas... Mas por que não admitimos que possa existir uma vida diferente da nossa, hein? Não achas que poderia conceber-se uma vida que suportasse o excesso de gás carbônico? Outra que suportasse as altas temperaturas? Isso não seria totalmente absurdo... Por que queremos insistir nessa preocupação eterna de que somos superiores sempre aos outros mundos? — e parou na interrogação, fitando-me bem nos olhos.

Fiquei pensativo e disse:

— Não deixas de ter razão até certo ponto, Pitágoras. Mas é difícil conceber-se uma vida diferente da nossa...

— Eterno antropomorfismo... — interrompeu Pitágoras, sem entusiasmo.

— Seja isso ou não. Não importa. — E mudando de tom: — Sabes o que mais me entristece?

Uma interrogação fez Pitágoras com os olhos.

— O que me entristece é pensar que daqui a milhões de anos a vida desaparecerá da terra. Será o mundo uma imensa massa sem vida. Do homem não restará nada mais, senão as ruínas da sua passagem pela terra — ajuntei dolorosamente. Alguma coisa tão acabrunhadora como a emoção que a gente sente ao ver a obra das gerações passadas. As pirâmides do Egito, as ruínas dos Incas, dos Maias — minha voz perdia-se.

— ... Mas esses — interrompeu Pitágoras com um leve franzir de testa — ao menos possuem a nós, os homens de hoje, que podem admirar as suas obras, e nós, que não teremos quem venha admirar as nossas, amanhã? Que horrível pensar que um dia o mundo deixará de existir! Que horrível pensar que todas as grandes obras humanas foram inúteis! Que horrível pensar que as longas noites de vigília dos sábios, que as lágrimas dos poetas, que o desespero dos artistas, que o sangue derramado de milhões, foi inútil tudo... Inútil tudo — era lúgubre o tom da sua voz: — É horrível. É horrível...

— Resta-nos ao menos a esperança de que isso ainda vai durar alguns milhões de anos...

— Milhões de anos... que frágil esperança para as gerações de amanhã!... — Ajuntou Pitágoras num sorriso forçado e triste.

## PITÁGORAS DE MELO E O FIM DO MUNDO

— Você acha pequena coisa o mundo perder a terça parte da sua massa? — perguntou Pitágoras.

— Ante tanta imensidade, o que é a terça parte da nossa massa?

— Para a imensidade do infinito, não é nada. Mas para nós é a terça parte do nosso mundo. É a terça parte... — houve uma pausa entre nós. E Pitágoras prosseguiu:

— Os outros mundos, dizem os cientistas que não são habitados. Assim Vênus não deve ser habitado porque possui gás carbônico em excesso; Mercúrio, devido ao imenso calor do sol; Marte, por não possuir o oxigênio necessário, e, assim por diante todos por razões também poderosíssimas... Mas por que não admitimos que possa existir uma vida diferente da nossa, hein? Não achas que poderia conceber-se uma vida que suportasse o excesso de gás carbônico? Outra que suportasse as altas temperaturas? Isso não seria totalmente absurdo... Por que queremos insistir nessa preocupação eterna de que somos superiores sempre aos outros mundos? — e parou na interrogação, fitando-me bem nos olhos.

Fiquei pensativo e disse:

— Não deixas de ter razão até certo ponto, Pitágoras. Mas é difícil conceber-se uma vida diferente da nossa...

— Eterno antropomorfismo... — interrompeu Pitágoras, sem entusiasmo.

— Seja isso ou não. Não importa. — E mudando de tom: — Sabes o que mais me entristece?

Uma interrogação fêz Pitágoras com os olhos.

— O que me entristece é pensar que daqui a milhões de anos a vida desaparecerá da terra. Será o mundo uma imensa massa sem vida. Do homem não restará nada mais, senão as ruínas da sua passagem pela terra — ajuntei dolorosamente. Alguma coisa tão acabrunhadora como a emoção que a gente sente ao ver a obra das gerações passadas. As pirâmides do Egito, as ruínas dos Incas, dos Maias — minha voz perdia-se.

— ... Mas êsses — interrompeu Pitágoras com um leve franzir de testa — ao menos possuem a nós, os homens de hoje, que podem admirar as suas obras, e nós, que não teremos quem venha admirar as nossas, amanhã? Que horrível pensar que um dia o mundo deixará de existir! Que horrível pensar que tôdas as grandes obras humanas foram inúteis! Que horrível pensar que as longas noites de vigília dos sábios, que as lágrimas dos poetas, que o desespero dos artistas, que o sangue derramado de milhões, foi inútil tudo... Inútil tudo — era lúgubre o tom da sua voz: — É horrível. É horrível...

— Resta-nos ao menos a esperança de que isso ainda vai durar alguns milhões de anos...

— Milhões de anos... que frágil esperança para as gerações de amanhã!... — Ajuntou Pitágoras num sorriso forçado e triste.